



**Universidade de Évora**

**Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Relatório de Estágio

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Maria de Fátima Ourives  
Arromba na Escola Secundária André de Gouveia

Orientadora:

Professora Doutora Clarinda de Jesus Banha Pomar

dezembro 2012

**Universidade de Évora**

**Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Relatório de Estágio

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Maria de Fátima Ourives  
Arromba na Escola Secundária André de Gouveia

Orientadora:

Professora Doutora Clarinda de Jesus Banha Pomar

## Agradecimentos

Aos Professores Orientadores Vítor Barbosa, António Monteiro e Clarinda Pomar, pela disponibilidade, ajuda e força pessoal dada neste processo.

Aos colegas do grupo de estágio, Luís Socorro, Luís Campeão e colegas de curso, pela cooperação e ajuda.

Às colegas Maria de Jesus Mira e Isabel Martins, por toda a ajuda e força.

Ao Departamento de Educação Física da Escola Secundária André de Gouveia, pelo bom ambiente proporcionado, ajuda e cooperação no desenvolvimento das atividades para a comunidade escolar.

Ao Agrupamento de Escolas nº 4 de Évora, por todo o apoio concebido ao longo deste ano letivo.

Agradeço ainda a toda a minha família, amigos e em especial à minha mãe e às minhas filhas, por todo o apoio que me deram ao longo deste ano da PES e no primeiro ano de Mestrado.

A todos e sem distinção, um enorme, grande e valioso Obrigado!

Sem a vossa ajuda eu não teria tido forças para terminar.

## Resumo

### **Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Maria de Fátima Ourives Arromba na Escola Secundária André de Gouveia**

Este relatório pretende ser uma análise geral de todo o processo da Prática de Ensino Supervisionada, realizada durante o ano letivo 2010/2011, como Estagiária, na Escola Secundária André de Gouveia. No decorrer do presente relatório é feita uma análise a toda a prática letiva realizada, com o objetivo de apresentar as opções tomadas durante este processo, justificá-las e avaliá-las, de forma a provar que se adquiriram as competências necessárias à docência da disciplina de Educação Física, para o 3º ciclo do ensino básico e para o ensino secundário.

Posso concluir que ao longo da PES aprendi bastante, ao distanciar-me da faixa etária que estou habituada a trabalhar, tendo sido este processo uma mais-valia em termos de formação profissional e até pessoal.

Em suma, penso que existiu uma evolução positiva ao longo do decorrer da PES, no que diz respeito a todos os fatores inerentes ao ensino e aprendizagem, necessárias à atividade profissional, nomeadamente no que diz respeito à gestão de conflitos e planificação do ensino e aprendizagem, na área de Educação Física.

Palavras-chave: *Educação Física, estágio profissional, ensino básico, ensino secundário.*

# Abstract

**Report of Supervised Teaching Practice conducted by Maria de Fátima Ourives Arromba at André de Gouveia High School**

This report is intended as a general analysis of the whole process of Supervised teaching Practice held during the 2010/2011 school year, as an intern, in Secondary School André de Gouveia. In the course of this report is an analysis to all letiva practice held, with the aim of presenting the options taken during this process, justify them and evaluate them in order to prove that they have acquired the necessary skills to teaching physical education discipline, to the 3rd cycle of basic education and secondary education.

I can conclude that along the PES learned enough, to distance myself from the age that I am accustomed to work, having been this process added value in terms of vocational training and even personal.

In short, I think that there was a positive evolution over the course of the PES, with regard to all factors inherent in teaching and learning, necessary for the professional activity, in particular with regard to conflict management and planning of teaching and learning, in the area of physical education.

Key-words: *Physical Education, professional training, basic education, secondary education.*

## **Lista de Abreviaturas**

A - Nível Avançado

BTT - Bicicleta Todo o Terreno

E - Nível Elementar

EB - Ensino Básico

EF - Educação Física

ES - Ensino Secundário

ESAG - Escola Secundária André de Gouveia

NEE - Necessidades Educativas Especiais

NI - Nível Não Introdutório

IMC - Índice de Massa Corporal

JDC - Jogos Desportivos Coletivos

PAA - Plano Anual de Atividades

PAT - Plano Anual de Turma

PCE - Projeto Curricular de Escola

PCT - Projeto Curricular de Turma

PE - Parte do Nível Elementar

PEE – Projeto Educativo de Escola

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PI – Parte do Nível Introdutório

PIT – Plano Individual de Trabalho

PNEF – Programas Nacionais de Educação Física

SASE – Serviço de Ação Social Escolar

SPO – Serviços de Psicologia e Orientação

UE – Universidade de Évora

ZSAF – Zona Saudável de Aptidão Física

## Índice de Quadros

Quadro 1: Prognóstico dos níveis de desempenho e resultados finais na Turma de Curso Profissional .....	72
Quadro 2: Prognóstico dos níveis de desempenho e resultados finais na Turma de 11º Ano.....	73

## Índice de Anexos

Anexo I - Questionário para Caracterização das Turmas .....	108
Anexo II - Quadro das Modalidades Federadas dos alunos da turma de 11º ano... 111	
Anexo III - Planos Anuais de Turma .....	113
Anexo IV - Exemplo de Plano de Aula.....	120
Anexo V - Exemplo de reflexão crítica de uma aula .....	124
Anexo VI - Grelha de observação do núcleo de estágio.....	127
Anexo VII - Relatório Analítico da Aula Observada .....	130
Anexo VIII - Quadro de resultados de testes dos <i>FitnessGram</i> da turma de 11º ano ... .....	132
Anexo IX - Exemplo de uma Ficha de Avaliação Inicial de uma modalidade .....	135
Anexo X - Exemplo de uma Ficha de Avaliação Formativa de uma modalidade .....	137
Anexo XI - Quadro dos objetivos alcançados por etapa de uma modalidade .....	139
Anexo XII - Ficha/Grelha de Avaliação Formativa/Sumativa das Atitudes e Valores..... .....	142
Anexo XIII – Ficha/Grelha de Auto – Avaliação .....	144
Anexo XIV - Guião de entrevista do Trabalho de Investigação .....	148

# Índice Geral

Agradecimentos.....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
Lista de Abreviaturas .....	VI
Índice de Quadros.....	VIII
Índice de Anexos.....	IX
Índice Geral .....	X
<b>Capítulo I – Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo II – Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada .....</b>	<b>15</b>
2.1. A PES como elemento essencial na formação de professores.....	15
2.1.1. A Atitude do Professor.....	17
2.1.2. Professor Reflexivo .....	18
2.2. A disciplina de Educação Física.....	19
2.2.1. O papel e a importância da Educação Física.....	19
2.2.2. Os conteúdos e as finalidades da Educação Física .....	21
2.3. Contextualização da PES.....	23
2.3.1. Caracterização da escola.....	23
2.3.1.1. Projeto Educativo da Escola .....	26
2.3.2. Caracterização das turmas.....	28
2.3.2.1. Caracterização da turma de 11º ano.....	29
2.3.2.2. Caracterização da turma de Curso Profissional de Informática – 2º ano IRC.....	30

<b>Capítulo III - Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem.....</b>	<b>31</b>
3.1.Competências de planeamento .....	32
3.1.1. Planeamento Anual.....	32
3.1.2. Planeamento de Aula.....	38
3.2. Competências de Condução do Ensino .....	43
3.2.1. Fatores de eficácia pedagógica no ensino .....	43
3.2.1.1. Organização e gestão do tempo da aula .....	44
3.2.1.2. Feedback.....	48
3.2.1.3. Clima de aula .....	49
3.2.2. Observação e análise da intervenção pedagógica.....	54
3.3. Competências de Avaliação.....	56
3.3.1. Avaliação diagnóstica.....	57
3.3.2. A Avaliação formativa e sumativa.....	62
3.3.3. Operacionalização da avaliação .....	66
3.3.3.1.Avaliação das diferentes áreas .....	70
3.3.3.1.1. Avaliação das Atividades Físicas .....	70
3.3.3.1.2. Avaliação dos Conhecimentos.....	75
3.3.3.1.3. Avaliação da Aptidão Física .....	77
3.4. Autoavaliação .....	79
<b>Capítulo IV – Participação na Escola e relação com a comunidade .....</b>	<b>80</b>
4.1. Atividades do núcleo de estágio.....	81
4.1.1. “Torneio de Futsal ESAG” .....	81
4.1.2. Atividade “Passeio de BTT – Conhecer a Anta do Zambujeiro” .....	83
4.1.3. Atividade “Ação de Formação de Tag Rugby” .....	86
4.2. Participação em atividades do grupo de EF .....	89

4.2.1. Atividade “Mega Sprinter” .....	89
<b>Capítulo V - Desenvolvimento profissional ao longo da vida.....</b>	<b>91</b>
5.1. Trabalho de Investigação - A inclusão de alunos com NEE nas aulas de EF.....	93
5.1.1. Justificação do estudo.....	93
5.1.2. Objetivos do estudo.....	93
5.1.3. Enquadramento teórico.....	94
5.1.4. Metodologia.....	95
5.1.5. Resultados e conclusões do estudo.....	97
5.1.6. Implicações pedagógicas .....	98
5.2. Descrição da Prática Pedagógica da Licenciatura no 2º Ciclo e Experiências do 1º Ciclo na Área de Educação Física .....	100
<b>Capítulo VI – Conclusões.....</b>	<b>102</b>
<b>Referencias bibliográficas .....</b>	<b>104</b>

## Capítulo I – Introdução

O presente relatório reporta-se à descrição e reflexão crítica da minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Educação Física (EF), decorrente na Escola Secundária André de Gouveia (ESAG), em Évora. Lecionei apenas no 3º ciclo e secundário, por já possuir habilitação profissional para o ensino de EF no 2º ciclo. A mesma foi realizada em duas turmas, uma de 11º ano e outra de segundo ano do Curso Profissional de Informática, equivalente ao 9º ano de escolaridade, no ano letivo de 2010/2011. Fizeram parte deste processo de formação o professor Vítor Barbosa (orientador cooperante), o professor António Monteiro (orientador da universidade) e a professora Clarinda Pomar (orientadora da universidade responsável pela PES), que me orientaram e avaliaram. A PES deste Mestrado foi para mim uma mais-valia em termos de formação na área de EF, visto já ter a Licenciatura na mesma área para o 2º ciclo do ensino básico, há alguns anos, e ter apenas lecionado no 1º ciclo, pois fiquei vinculada ao mesmo.

Aquando do início da PES, foi-me pedido que realizasse um Projeto Individual de Trabalho (PIT) para entregar nos Serviços Académicos da Universidade de Évora (UE). Este documento que teve por base o planeamento, organização e orientação de todo o trabalho a desenvolver no presente ano letivo, na escola onde realizei a mesma. O Projeto foi estruturado de acordo com os objetivos previstos na legislação vigente.

A partir do documento apresentado, redigido um pouco à pressa devido à escassez do tempo dado para tal, constaram decisões e seleções de objetivos. Estas decisões foram colocadas em prática, de modo a atingir o sucesso individual e coletivo desejado ao que me declarei para o ano letivo da PES (ano letivo transato).

A calendarização dos trabalhos e projetos a elaborar e participar encontrava-se dividida por meses, numa perspetiva de trabalho contínuo ao longo de todo o ano.

Através deste documento pude assim orientar melhor todo o processo de ensino e aprendizagem em que participei, servindo de agenda pessoal.

Complementarmente à PES na escola cooperante, o presente relatório (a que se refere o ponto 4 do Art. 10º da Ordem de Serviço Reitoral nº 9/2010 e conforme se encontra previsto no Art. 17º do Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro) pretende descrever todo o processo de ensino e aprendizagem que realizei ao longo da mesma, de forma reflexiva e fundamentada, tal como previsto nas orientações para a sua elaboração.

Assim, o relatório encontra-se repartido em seis capítulos, deles fazendo parte a introdução (Capítulo I) e as conclusões (Capítulo VI). Nos restantes capítulos realizei a descrição da forma como participei nas quatro dimensões em que fui avaliada ao longo da PES, sendo elas: I – Dimensão profissional, social e ética; II – Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; III – Dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade; IV – Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

No segundo capítulo, intitulado Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada, pretendo abordar os aspetos relacionados com a capacidade de análise crítica e reflexão construtiva acerca da prática de ensino. Abordarei ainda o conhecimento do currículo, dos conteúdos e o conhecimento do contexto da PES.

No terceiro capítulo, denominado por Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem, irei abordar os modelos de planeamento, as competências de planeamento, as competências de condução do ensino e as competências de avaliação. Ao longo deste capítulo serão apresentados conhecimentos referentes aos subtítulos apresentados.

No quarto capítulo designado por Participação na Escola e Relação com a Comunidade, irei descrever as atividades em que participei e planifiquei, em conjunto com o grupo de estágio e junto do Grupo Disciplinar de EF. Irei ainda descrever a minha participação, em termos do envolvimento com a comunidade escolar.

E por fim, no quinto capítulo, nomeado como sendo o que se refere ao Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida, irei referir-me à atitude de pesquisa e reflexão que considero ser necessária em todo o docente, assim como a formação ao longo da sua carreira. Apresentarei ainda o trabalho de investigação desenvolvido pelo

núcleo de estágio, do qual fazia parte. E abordarei brevemente a minha formação anterior.

## **Capítulo II - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada**

A PES correspondia à Unidade Curricular que me habilitou profissionalmente para o desempenho da atividade docente, enquanto Professor de EF nos Ensinos Básico e Secundário. Esta unidade curricular decorreu ao longo de todo o ano letivo, permitindo o desenvolvimento das competências de planeamento, avaliação e condução do ensino.

A PES enquadrou-se no meu segundo ano de Mestrado, tendo sido este curso mais uma formação a nível profissional. A supervisão da mesma era feita por orientadores cooperantes da escola e por um orientador da universidade. As atividades na escola iniciaram-se em outubro e prolongaram-se até ao final do ano letivo. A avaliação da mesma foi qualitativa, no primeiro semestre. Realizaram-se críticas construtivas por parte dos orientadores, de forma a levar à reflexão e melhoria do ensino por parte dos estagiários. No final do segundo semestre a avaliação foi quantitativa.

### **2.1. A PES como elemento essencial na formação de professores**

No decorrer do desenvolvimento desta formação, considerei a PES como sendo um elemento fundamental da formação de professores, tal como foi implementada pela UE. Considerei que o tempo de duração do estágio (um ano letivo), foi muito mais produtivo do que o estágio que frequentei aquando da minha formação a nível da Licenciatura (uns meses).

O modelo de formação da PES da UE incluía a primeira dimensão como sendo a dimensão profissional, social e ética, na qual fomos avaliados ao longo de todo o ano letivo. Esta dimensão dividiu-se em vários aspetos que diferenciam cada docente, mas

que são tão importantes como as restantes, para que o ensino e aprendizagem se desenvolvam de forma harmoniosa e competente. Ainda nesta dimensão foi-nos pedido que realizássemos um trabalho no âmbito da investigação, para desenvolver a capacidade de reflexão e investigação. O nosso trabalho tratou um tema da atualidade (Inclusão nas aulas de EF), e reportou-se à necessidade de o mesmo tema fazer parte da formação de professores, pois foi uma das lacunas que encontramos aquando da conclusão das entrevistas.

*Segundo Costa e colegas (2006:37) verifica-se uma falta generalizada de formação dos professores sobre a educação de alunos com necessidades educativas especiais, o que condiciona negativamente o funcionamento das escolas e as atividades das salas de aula. Por outro lado defende ainda que a taxa de cobertura da formação dos professores de apoio é muito baixa, o que leva a que a maioria dos docentes de apoio educativo não possuam formação consistente que os prepare para essas funções.*

No modelo de formação de professores da UE, este fator foi tido em conta, pois tivemos uma disciplina no último ano que tratava o tema das Necessidades Educativas Especiais (NEE), logo ficámos alerta relativamente a esta questão. Por sermos conhecedores do ambiente educativo que envolve as escolas da atualidade. Pois o núcleo de estágio do qual fazia parte, era formado por professores no ativo. Pensámos em desenvolver este tema no nosso trabalho de investigação, pois poderia ajudar-nos na nossa PES. Tal como refere Costa e colegas (2006:38) *a promoção da educação inclusiva (uma escola mais eficaz para todos os alunos) assenta, em grande medida, na qualidade profissional dos professores (...) a formação inicial deve contemplar os conhecimentos e as competências subjacentes ao desenvolvimento de modelos e práticas educativas promotoras de inclusão e qualidade (...) propõe-se que a formação especializada garanta aos professores as competências que lhes permitam intervir junto dos alunos.*

A forma como foi conduzida a PES, levou-nos constantemente a um autoquestionamento, reflexão e pesquisa da prática letiva desenvolvida por nós. Esta reflexão e pesquisa é essencial no processo de ensino e aprendizagem e na formação de professores. Foi dado bastante ênfase a esta temática, por parte dos orientadores

da universidade. Pois tal como defende Bento (1998:176) *a análise é um ponto delicado do ensino e é considerado o mais difícil de todas as dimensões pedagógicas. Deverá dedicar-se grande atenção à formação dos professores no que respeita à capacidade de avaliar o próprio ensino e de integrar os alunos nessa avaliação.*

### **2.1.1. A Atitude do Professor**

Ao longo de todo o desenvolvimento da PES, revelei sentido de responsabilidade, fui sempre assídua e pontual, tanto nas aulas que lecionava, como nas reuniões de departamento e de tutoria. Contribuí para que o grupo de núcleo de estágio se conseguisse manter unido, mesmo com algumas desavenças que ocorreram no início da PES. As desavenças deveram-se à escolha dos horários, acumulando-se outras ao longo do ano, sendo as mesmas ultrapassadas com bastante dignidade. Houve, ao longo do ano alguns aspetos menos positivos, que poderiam ter sido evitados. Só com esta disponibilidade se consegui que o grupo se mantivesse unido, pois estávamos todos muito cansados. Eramos os quatro estagiários e mantínhamos funções docentes noutros ciclos de ensino. No entanto conseguimos cumprir todas as solicitações que nos foram feitas.

Entreguei sempre os documentos que me eram pedidos nos prazos definidos, tanto os que eram realizados individualmente, como os que eram realizados em grupo, com muito trabalho e grande esforço, mas vitorioso.

Por outro lado, participei sempre de forma responsável, ao estar presente nas reuniões de departamento e de avaliação final de períodos. Estive presente, nas que não coincidiram com as da minha atividade profissional, cumprindo sempre o horário estabelecido para as mesmas. Tive ainda a oportunidade de realizar críticas, quando dava a minha opinião, relativamente às avaliações dos alunos e aos métodos utilizados pela escola. Alguns métodos necessitaram de serem reajustadas, no que se refere ao peso estipulado para alguns itens da avaliação, em alguns anos de escolaridade, para que não ocorressem injustiças.

Fui sempre solidária, durante as minhas vivências na escola, tanto a nível das aulas, como em todas as atividades que se desenvolveram e naquelas em que participei. Apoiei os professores em geral e de EF em particular, revelando uma atitude positiva e de colaboração com todos os setores e membros da comunidade educativa.

Mantive ao longo de todo o ano letivo, um bom relacionamento com todos os colegas e comunidade em geral, que de outra forma não faria sentido para mim.

### **2.1.2. Professor Reflexivo**

Bento (1998:174) refere que *a análise e avaliação do ensino é um mal necessário. A par da planificação e realização do ensino deverá estar sempre presente a análise e avaliação do mesmo. Estas são as tarefas obrigatórias e centrais de cada professor. O professor planifica, realiza o ensino, analisa e avalia, para voltar a planificar, após reflexão posterior à aula.*

Como em toda a atividade profissional e na vida do quotidiano, devemos refletir acerca dos nossos atos e decisões, pois não existe futuro profícuo sem refletirmos o passado.

*O professor deverá avaliar e analisar sistematicamente o seu ensino, pois se não o fizer verificar-se-á um retrocesso a todos os níveis inerentes ao mesmo: na aprendizagem, na docência, na planificação, preparação e realização (...) se estas forem levadas a sério e sem pressas, terão aspetos positivos, capacitando-o para melhorar a qualidade do ensino, logo elevar a aprendizagem, pois os resultados irão levá-lo a poder planificar melhor e alterar o ensino, se necessário (Bento (1998:176).*

Desta forma, e porque também defendo que é necessário refletir, pois só aprendemos quando erramos e é a partir do ponto que percebemos que errámos, que estamos prontos para realizar aprendizagem, refleti em conjunto com os orientadores e colegas de estágio. Refleti sobre a minha prática e integrei no desenvolvimento da mesma as sugestões que me foram feitas, tanto a nível de planeamento, como a nível de condução do ensino. Necessitava e gostava destas reflexões, pondo em causa a minha

prática. Tentei ver de fora os meus erros, para conseguir melhorar. Refleti após todas as aulas com o orientador da escola e em todas as reuniões com o orientador da universidade. Considerei uma mais-valia as reflexões que realizámos em conjunto.

## **2.2. A disciplina de Educação Física**

### **2.1.1. O papel e a importância da Educação Física**

Bart Crum (2002:62) sustenta três teses para descrever a disciplina de EF, afirmando que *se queremos que a EF sobreviva como uma disciplina curricular na escola atual, os profissionais devem distanciar-se da ideia de que a missão principal da EF corresponde à melhoria da Aptidão Física, (...) por outro lado não pode ser encarada como sendo um intervalo no currículo escolar. A EF deverá ser entendida como um empreendimento de ensino e aprendizagem no qual é dado aos jovens a possibilidade de adquirirem o conhecimento, as competências e as atitudes necessárias para uma participação emancipada, recompensadora e prolongada na cultura do movimento.*

A EF é uma disciplina que tem um papel muito importante no desenvolvimento dos cidadãos, embora para tal sejam necessárias mudanças nos currículos e nos contextos das aulas. Daí que através das atividades implementadas no âmbito da mesma, os alunos possam passar por experiências significativas para o seu desenvolvimento como seres humanos. Tal como aconteceu nas atividades que o núcleo de estágio desta escola, do qual fazia parte, promoveu ao longo da PES e as aulas por mim lecionadas. Destacamos a atividade de BTT e o Futsal, a diversificação das aulas, tais como a inclusão de uma aula de demonstração de judo, várias aulas lecionadas de dança aeróbica, ténis e orientação e diversas aulas politemáticas, com a ocorrência, de no mínimo três modalidades a trabalhar em simultâneo.

Tal como aponta Jacinto et al. (2001), a EF requer preocupações de desenvolvimento de atitudes e valores, nomeadamente de valores associados à participação em Desporto, ao "fair-play" e ao desportivismo, mas, também, de atitudes e valores

sociais gerais. Similarmente a organização do ensino e, em particular, a avaliação em EF atribui uma importância considerável à avaliação do domínio sócio afetivo.

A disciplina de EF possui ainda orientações específicas face às matérias a abordar, dependente de vários fatores. A EF segue o currículo nacional, adaptando-o à realidade da Escola, tornando-o mais rico e significativo para os alunos.

Os alunos deverão ter conhecimento dos objetivos a alcançar, por níveis de competências referenciados nos programas, sendo estes as metas a alcançar, por ano de escolaridade. Na maioria das vezes, os nossos alunos ficam em níveis inferiores aos pretendidos nos PNEF, sendo que o programa de EF é reajustado, nas várias escolas. É reajustado consoante a realidade das mesmas e as competências alcançadas pelos alunos, baseado na avaliação inicial. As metas dos programas, mostram-se bastante exigentes para o nível de competências dos nossos alunos.

No entanto, essas metas dos programas, tal como refere Jacinto et al. (2001:8/9) *devem constituir, também, objeto da motivação dos alunos, inspirando as suas representações e empenho de aperfeiçoamento pessoal no âmbito da Educação Física, na Escola e ao longo da vida. No fundo, o que está em causa é a qualidade da participação do aluno na atividade educativa, para que esta tenha uma repercussão positiva, profunda e duradoura (...)* Aponta para quatro princípios fundamentais: *a garantia de atividade física corretamente motivada (...) numa perspetiva de educação para a saúde; A promoção da autonomia, pela atribuição, reconhecimento e exigência (...) na resolução dos problemas de organização das atividades; A valorização da criatividade, pela promoção e aceitação da iniciativa dos alunos (...) a orientação da sociabilidade no sentido de uma cooperação efetiva entre os alunos (...).*

Deste modo, durante a PES foi sempre minha intenção planificar aulas da disciplina de EF motivantes para os alunos. Tarefa que se tornou mais difícil para a turma de Curso Profissional.

Jacinto et al. (2001:6) defende ainda a conceção de Educação Física *centrando-se no valor educativo da atividade física eclética, pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno (...) concretizando-se na*

*apropriação das habilidades e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores (...) proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada - intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.*

No desenvolvimento da PES, tentei transmitir em todas as aulas a motivação pelas matérias de EF que lecionei, realizar aprendizagens significativas e integradoras. Tentei ainda, desenvolver nos alunos valores de socialização, que os autores tanto referem. Apercebi-me, que estes valores são mais difíceis de passar quanto maior é a faixa etária, pois muitos deles já estarem formados no pensamento do aluno.

Bento (1998:189) defende que *a aula de Educação Física deverá ser orientada na escola de forma a transmitir experiências e produzir aprendizagens em relação a três domínios, seguindo a conceção antropológica (corpo/movimento/jogo/rendimento): o domínio técnico-motor ou de dimensão operativa; o domínio interpessoal ou de dimensão comunicativa; o domínio cognitivo-reflexivo ou de dimensão discursiva;*

Por outro lado, Bento (2003) afirma que o objetivo principal da EF é a formação básica corporal e desportiva dos alunos.

No decorrer da lecionação das aulas e de todo o trabalho desenvolvido na PES, tive em conta os objetivos principais da disciplina de EF descritos nos PNEF. Segui ainda as competências essenciais do ensino básico, pois baseámo-nos no programa de 3º ciclo, para a turma de Curso Profissional de Informática.

### **2.2.2. Os conteúdos e as finalidades da Educação Física**

Jacinto et al. (2001b:6) apresenta as finalidades da EF, na perspetiva da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar, as quais são:

- *“Melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno.*

- *Promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas.*
- *Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes atividades físicas, promovendo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, através da prática de: atividades físicas desportivas nas suas dimensões técnica, tática, regulamentar e organizativa; atividades físicas expressivas (danças), nas suas dimensões técnica, de composição e interpretação; atividades físicas de exploração da Natureza, nas suas dimensões técnica, organizativa e ecológica; jogos tradicionais e populares.*
- *Promover o gosto pela prática regular das atividades físicas e assegurar a compreensão da sua importância como fator de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social.*
- *Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as atividades físicas, valorizando: a iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade; a ética desportiva; a higiene e a segurança pessoal e coletiva; a consciência cívica na preservação de condições de realização das atividades físicas, em especial da qualidade do ambiente.*

Relativamente aos conteúdos a abordar na disciplina de EF, os programas nacionais são o fio condutor do ensino desta disciplina e das restantes, a nível nacional, ditando as competências específicas a alcançar, de forma a uniformizar o ensino. Desta forma, o PNEF está dividido em dois tipos de conteúdos que são as “matérias nucleares” e as “matérias alternativas”. As “matérias nucleares” deverão ser implementadas em todas as escolas e as “matérias alternativas” serão reajustadas de acordo com a realidade da escola, tal como a sua localização em termos espaciais e recursos existentes na mesma.

Dentro das “matérias nucleares” temos os jogos desportivos coletivos (JDC), dos quais fazem parte as matérias de futebol, voleibol, basquetebol e andebol; a ginástica de solo, aparelhos e acrobática; o atletismo; os desportos de raquetes como o badminton

e ténis; a patinagem; as atividades rítmicas expressivas com a dança; os jogos tradicionais e populares; os desportos de combate como a luta e as atividades de exploração da natureza com a orientação. Relativamente às “matérias alternativas” temos o corfebol, o rugby, a canoagem, a natação, a escalada... as quais o grupo disciplinar da escola decidirá, quais as matérias a abordar.

O professor deverá ter um conhecimento aprofundado dos conteúdos e do currículo a abordar. Este deverá ser o seu ponto de partida para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem eficaz. Foi com o intuito neste princípio, que realizei várias pesquisas ao longo da PES, para me dotar de conhecimentos, de forma a que pudesse ensinar os alunos a aprender.

Jacinto et al. (2001:6) *prevê igualmente que, em cada escola, o grupo de Educação Física e os professores estabeleçam um quadro diferenciado de objetivos, com base na avaliação formativa, peça metodológica fundamental para a adequabilidade dos programas a cada realidade particular.* Foi a partir da proposta de fundamentação da escola e dos objetivos reajustados pelo grupo disciplinar da mesma, que nos regemos para avaliar os alunos, considerando as competências alcançadas em cada matéria.

## **2.3. Contextualização da PES**

### **2.3.1. Caracterização da escola**

De forma a contextualizar a PES, realizei a caracterização da escola na qual foi desenvolvida a mesma. Tive como objetivo, especificar mais concretamente as instalações onde decorreram a lecionação das aulas e a comunidade escolar. Deste modo, a minha PES desenvolveu-se na ESAG, por mim conhecida, desde os tempos de escola. Esta escola, situada na cidade de Évora, fundada em 1841 sob o nome de Liceu Nacional de Évora, perto do Bairro Sr<sup>a</sup> da Glória, com largos anos de construção e a necessitar de obras, foi aquela onde encontrei uma das realidades atuais do 3º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e Ensino Secundário (ES), da mesma cidade.

Em termos físicos a escola é formada por cinco pavilhões com salas de aula, laboratórios, museus, gabinetes, biblioteca, um recinto polivalente e um complexo desportivo. A biblioteca contém um vasto leque de obras literárias; laboratórios modernos e bem apetrechados; salas de informática; salas específicas para as disciplinas de Educação Tecnológica e Teatro; instalações e equipamentos adequados à prática desportiva; gabinete para Direção de Turma e Serviço de Psicologia e Orientação (SPO).

Como sabemos que o conhecimento das condições oferecidas pela escola é um fator importante e determinante para o sucesso da intervenção do professor, concordamos com Jacinto et al. (2001a:21) quando refere que *a caracterização das instalações permite avaliar as possibilidades e limitações dos equipamentos e espaços de aula, identificando as matérias e os modos de tratamento possíveis em cada um deles.*

Neste sentido, tentei ao máximo realizar o conhecimento de todo o espaço escolar. Nomeadamente os espaços desportivos e as salas de aula, necessárias à lecionação das aulas teóricas, assim como os seus equipamentos, num curto espaço de tempo.

Apurei que a escola, no que respeita aos espaços para a prática das aulas de EF, dispunha de um Pavilhão Gimnodesportivo e dois Espaços Exteriores, um de alcatrão e um outro de terra batida. O pavilhão está dividido em duas partes, uma que correspondia a um terço do pavilhão (espaço pequeno) onde se encontrava o material de ginástica e outra que correspondia a dois terços do pavilhão sendo para utilização polivalente. O espaço exterior dispunha de um campo de terra batida com duas balizas, uma pista de atletismo e uma caixa de areia. Ainda no espaço exterior, existia um campo exterior que correspondia ao campo de alcatrão, para uso quase exclusivo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC).

As suas condições físicas associadas, embora com necessidade de obras, às boas condições materiais, permitiu aos professores de EF abordar muitas das matérias que os PNEF descrevem, quer as nucleares, quer as alternativas.

No caso de se verificarem más condições climatéricas, impedindo a realização de aulas práticas no exterior, podia utilizar-se o Polivalente da escola. O mesmo dispunha de

mesas de ténis de mesa. Poderia ainda, utilizar as salas de aula com material informático, para lecionação das aulas teóricas, que muitas das vezes estavam disponíveis.

Assim, no espaço pequeno do Pavilhão Desportivo (1/3 do mesmo) foram lecionadas aulas com as matérias de ginástica de solo, acrobática e de aparelhos, badminton e o salto em altura da matéria de atletismo. Lecionei ainda algumas matérias dos JDC com a turma de Curso Profissional, pois como a turma tinha um número reduzido de alunos, o espaço não se tornava pequeno.

Na parte grande do pavilhão (2/3 do mesmo) foram lecionadas principalmente as matérias de futebol, voleibol, basquetebol, andebol, corfebol e badminton. Porém, abordei ainda outras matérias, repartindo o espaço disponível e ou o pavilhão todo, o que aconteceu algumas vezes e lecionei as matérias de dança e ténis, entre outras, pois o espaço era polivalente.

Na Pista de Atletismo, Caixa de Saltos e Campo de Terra, que compõe o espaço exterior de terra batida, lecionei as matérias de atletismo, futebol, orientação e rugby.

Nos Campos Exteriores de basquetebol, de voleibol, de andebol e de futebol, que fazem parte do espaço exterior de alcatrão, foram lecionadas essas mesmas matérias e a condição física, que foi abordada em todos os espaços. Estes Campos foram melhorados no 2º período, onde as tabelas e balizas foram substituídas, o que proporcionou melhores condições materiais, de forma a abordar as aulas dos JDC com melhor qualidade.

Relativamente ao corpo docente e não docente da ESAG, tem vindo a diminuir ao longo dos anos, tal como os restantes das várias escolas da cidade. No ano letivo de 2010/2011 a escola contava com noventa e quatro professores, uma psicóloga, doze funcionários administrativos (Secretaria, Tesouraria e Serviço de Ação Social Escolar - SASE), vinte e sete auxiliares de ação educativa, três cozinheiras e um guarda noturno.

O número de alunos desta escola era aproximadamente setecentos, distribuídos da seguinte forma: trezentos matriculados no 3º CEB e quatrocentos no ES. Do total de alunos 30% provinham de freguesias rurais.

Havia nesta escola um vasto leque de Cursos que os alunos podiam escolher, incluindo os Cursos Profissionais. Em termos de ensino básico os alunos podiam frequentar Cursos de Educação e Formação. No que respeita ao ensino secundário podiam frequentar o curso de Ciências e Tecnologias, o de Ciências Sociais e Humanas, o de Línguas e Humanidades, o Curso Tecnológico de Desporto e o Profissional de Informática.

### **2.3.1.1. Projeto Educativo da Escola**

Tal como em todas as escolas, a ESAG, sem ser exceção, tinha um Projeto Educativo de Escola (PEE), sendo ou pretendendo ser o fio condutor das práticas educativas que se desenvolviam, onde os princípios, valores, metas e estratégias a alcançar estavam bem descritos no mesmo e pelo qual orientei a minha PES.

A partir das linhas descritas neste projeto, foram realizados outros documentos dados a conhecer aos estagiários, tais como o Regulamento Interno (RI), o Projeto Curricular de Escola (PCE) e o Plano Anual de Atividades (PAA).

A grande Meta do PEE da ESAG era “Tornar a Escola numa escola de referência em termos de promoção do sucesso escolar e educativo.”

A ESAG regia-se por uma cultura de escola centrada no trabalho, no rigor e na exigência.

Foi nesse sentido que se promoveu a implementação de todos os meios possíveis, em termos de estratégias, resultantes do estudo, avaliação e conhecimento do contexto em que a comunidade educativa da escola se movia, promovendo-se o sucesso escolar e educativo.

Nesta escola trabalhava-se para o alcance de metas, logo trabalhava-se para o sucesso escolar e para o sucesso educativo, sendo a junção dos dois a meta a alcançar pela mesma.

Foi um pouco difícil trabalhar estes fatores, nomeadamente na turma de Curso Profissional, onde os alunos não estavam de forma alguma interessados na disciplina de EF e onde os comportamentos de indisciplina eram por parte de alguns alunos uma

constante. Tive que adotar estratégias de resolução dos mesmos, tendo sido bastante difícil equilibrar todas as questões relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem e a meta traçada no PEE. Na outra turma a tarefa foi mais fácil, pois eram alunos mais interessados e com competências boas na área da EF.

Segundo o PEE (2010-2013) da ESAG, o seu contexto visava tornar a escola numa escola de referência, no que diz respeito à promoção do sucesso escolar e educativo, marcada pelo rigor, pela iniciativa, pela criatividade, pela diversidade, pela procura de meios e parceiros valiosos, fazendo jus ao passado que a distinguiu pela capacidade de estar e ser eficaz no presente. Penso que o núcleo de estágio contribuiu para o sucesso desta escola, aquando da lecionação das aulas e das atividades desenvolvidas pelo mesmo, ao longo do ano letivo.

O PEE descreveu estratégias e objetivos a alcançar para o triénio 2010-2013, de forma geral, visando reforçar os pontos fortes e minimizar os pontos fracos. No PAA, PCE e PCTs, decorrentes do PEE, estavam então descritas as estratégias e objetivos mais específicos das atividades, consoante os anos e ciclos de ensino.

*Apesar dos diferentes pontos fracos e dos vários constrangimentos identificados, a estabilidade e o profissionalismo do corpo docente, em articulação intra e interdepartamental; a valência dos SPO, em articulação com as estruturas educativas e os serviços locais, no acompanhamento dos alunos e das suas famílias; o desempenho do pessoal não docente; uma maior participação dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos e os espaços e equipamentos diversificados de que a Escola dispõe devem permitir encontrar meios potenciadores de maiores e melhores aprendizagens, tornando a Escola Secundária André de Gouveia numa escola de mais sucesso escolar e educativo, alcançando, assim, a meta a que se propôs (PEE, 2010-2013:10).*

No entanto, em meu entender muito ainda há a trabalhar, nomeadamente nas turmas onde a indisciplina e o desinteresse por parte dos alunos é uma constante. Estaremos nós, professores a ir de encontro às expectativas e interesses dos alunos que encontramos nas escolas da atualidade e no meio que nos envolve?

A escola deverá ser um espaço onde o aluno se sente bem e quer estar e não uma obrigação, pois o aluno só aprende aquilo que quer e não aquilo que lhe querem ensinar, sendo o ensino e a aprendizagem duas ferramentas que o professor deve pôr à disposição dos alunos, para que estes aprendam quando querem.

### **2.3.2. Caracterização das turmas**

No decorrer do primeiro período realizei a caracterização das duas turmas, por me ter sido pedida e por considerar ser um dos elementos que permite ao professor recolher dados, proporcionando um conhecimento mais aprofundado dos seus alunos. Este conhecimento poderá ajudar o professor a planificar o ensino e aprendizagem de forma mais eficaz, indo ao encontro das motivações, expectativas e interesses dos seus alunos.

Deste modo, e como sabemos da importância deste estudo, implementámos um questionário (Anexo I), adaptado de um outro, dos colegas estagiários do ano passado e distribuámos pelos alunos, para os mesmos preencherem no início de uma das aulas práticas, do primeiro período. Os alunos preencheram o questionário e a recolha foi feita de imediato. Em seguida introduzimos os dados e tratámo-los em forma de tabelas, gráficos de barras e/ou circulares. Realizámos a sua descrição sucinta e por fim refletimos sobre os mesmos.

As turmas em questão frequentavam o 11º ano e o 2º ano do Curso Profissional de Informática.

A presente caracterização poderá também ter servido de apoio a outros professores que lecionavam as turmas.

### **2.3.2.1. Caracterização da turma de 11º ano**

Após o tratamento e reflexão dos dados recolhidos através dos questionários distribuídos, concluímos que se tratava de uma turma com algumas motivações ao nível escolar. Nomeadamente na disciplina de EF, a maioria dos alunos da turma manifestaram a preferência por esta disciplina.

Logo aquando da planificação das aulas tivemos que ter bem presente este facto, não deixar que esta motivação se perdesse, diversificando ao máximo as mesmas, para não cairmos na monotonia, ir de encontro às expectativas e preferências dos alunos por algumas modalidades, sem descurar no entanto aquelas em que apresentavam maiores dificuldades.

Sendo uma turma de Desporto deveriam vivenciar todas as modalidades possíveis e referenciadas nos PNEF. Por outro lado, tivemos que ter especial atenção à modalidade de futebol, que era a preferida por muitos alunos, mas preterida por outros, sendo uma das que foi escolhida pelos alunos para avaliação. Tivemos que trabalhar preferencialmente por níveis para que os alunos não se desmotivassem, principalmente nesta modalidade, onde a disparidade entre níveis era grande.

Relativamente aos alunos federados nas várias modalidades (Anexo II), aproveitámo-los para as demonstrações nas aulas das mesmas.

Em relação às aulas teóricas realizámos maioritariamente trabalhos de grupo e pesquisa, para ir de encontro aos gostos e interesses dos alunos. Ainda neste ponto abordámos o tema da Saúde e Alimentação, pois concluímos que muitos dos alunos não realizavam as refeições aconselhadas ao longo do dia, nem dormiam as horas de sono suficientes para a sua idade. Estes comportamentos podem levar a uma diminuição de concentração e de capacidade de esforço, tão importantes para as aulas de EF. E sendo uma turma de Desporto deviam estar ainda mais despertos para este tema, pois eram alunos que no seu dia-a-dia tinham grandes cargas físicas, devido a praticarem alguma modalidade fora ou dentro da escola (desporto escolar), para além da disciplina de EF.

Outro dos dados pertinentes, relacionou-se com o facto dos alunos em questão, já serem mais velhos do que a idade prevista para o 11º ano, pois já tinham reprovado algumas vezes, facto este que tivemos que ter em conta aquando do doseamento do esforço das aulas não ser fraco. Além de que tivemos que estar despiertos para alguns comportamentos de indisciplina.

Relativamente às famílias eram de nível social, económico e cultural médio.

### **2.3.2.2. Caracterização da turma de Curso Profissional de Informática - 2º ano IRC**

Após o tratamento e reflexão dos dados recolhidos através dos questionários distribuídos, tal como realizado para a turma anterior, concluímos que se tratava de uma turma com poucas motivações ao nível escolar. Nomeadamente na disciplina de EF, alguns alunos da turma não manifestaram qualquer preferência pela mesma. Pelo contrário, outros alunos gostavam desta mesma disciplina.

Logo aquando da planificação das aulas tivemos que ter bem presente este facto, tentando diversificar ao máximo as mesmas, para não cairmos na monotonia e no maior desinteresse por parte dos alunos. Por outro lado tivemos que ter especial atenção à modalidade de futebol, que era a preferida destes alunos, aquela em que se sentiam mais à vontade e a que se dedicavam fora da escola. E como se tratava de uma turma de Curso Profissional, muitas das vezes tivemos que “jogar” com este fator, para motivar os alunos, dando-lhes o que eles gostavam de fazer.

Relativamente aos alunos federados nas modalidades de ginástica e futebol, aproveitámo-los para as demonstrações nas aulas das referidas modalidades.

Em relação às aulas teóricas optámos por realizar do mesmo modo que a turma anterior, pois os problemas detetados aquando da caracterização da turma eram idênticos.

Outro dos dados pertinentes, relacionou-se com o facto de os alunos em questão, já serem mais velhos do que a idade prevista para o 9º ano, pois já reprovaram algumas vezes, facto este que tivemos que ter em conta aquando do doseamento do esforço,

tal como na turma anterior. Além de que tivemos que estar despertos para vários comportamentos de indisciplina.

Relativamente às famílias eram de nível social, económico e cultural médio.

Tivemos ainda que dar especial atenção às modalidades descuradas nos anos letivos anteriores, intercalando-as com as modalidades prioritárias para cada uma das turmas, para quebrar alguma monotonia e desinteresse, criando a novidade.

Após a reflexão realizada aquando da elaboração do relatório, da caracterização das turmas, colocámos em prática as evidências retiradas, para otimizar o mais possível o ensino e aprendizagem dos alunos das mesmas.

## **Capítulo III - Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem**

*Leinhardt (1990), citado por Borralho (2002:4), conclui que existem duas áreas do saber que todo o professor deve minimamente dominar: o conhecimento do conteúdo de ensino e o conhecimento da organização da aula. Para Berliner (1986), este segundo aspeto é o conhecimento da organização e gestão da aula. Ambos os autores, concordam que é o modo de organizar e gerir a sala de aula que condiciona a forma como o conteúdo de ensino é apresentado, tendo consequências a nível da motivação e da aprendizagem dos alunos. Este conhecimento, que nas outras profissões é definido como conhecimento especializado e é considerado, no caso do ensino, complexo, implícito e experiencial (Eraut, 1994). Assim, a minha primeira preocupação aquando do desenvolvimento da PES, foi dotar-me de conhecimentos em termos de conteúdo e organização da aula.*

Para além dos conhecimentos anteriormente descritos, tive ainda que me dotar de conhecimentos científicos em vários domínios, tais como os que são enunciados por Borralho (2002:12) citando Shulman (1987), quando categoriza o ensino em várias áreas do conhecimento, que deverão estar presente aquando do processo de ensino e aprendizagem, tais como: (a) conhecimento do conteúdo; (b) conhecimento

*pedagógico geral (princípios e estratégias de gestão e organização da sala de aula); (c) conhecimento do currículo; (d) conhecimento didático do conteúdo; (e) conhecimento dos alunos; (f) conhecimento do contexto educativo (características dos grupos, comunidades, cultura); e (g) conhecimento dos fins, propósitos e valores educativos”.*

Estes conhecimentos tiveram que estar bem presentes aquando da PES e descritos ao longo do presente relatório.

Dos diferentes níveis de conhecimento identificados, o de maior interesse do ponto de vista didático, é, naturalmente, o conhecimento didático do conteúdo, uma vez que representa uma combinação entre o conhecimento do conteúdo e o conhecimento dos modos de o ensinar (Borralho, 2002:12).

*O conhecimento didático do conteúdo, ou simplesmente conhecimento didático é a transformação que o professor faz do conhecimento científico para o tornar ensinável e compreendido pelos alunos (Borralho, 2002:12).*

### **3.1.Competências de planeamento**

#### **3.1.1. Planeamento Anual**

Aquando da PES, trabalhámos o planeamento por etapas, tal como previsto nos PNEF. Este trabalho foi um desafio para mim, pois ainda nunca o tinha implementado e só ouvi falar do mesmo no ano transato, na disciplina de Didática, sendo que, a minha formação inicial foi baseada no planeamento por blocos. Tive ainda que realizar um trabalho de pesquisa para me informar sobre o funcionamento do mesmo.

Após a aquisição dos conhecimentos, conclui que neste tipo de planeamento os objetivos são delineados após a avaliação inicial. O número de etapas, assim como a sua duração é variável, dependendo das intenções do professor e do percurso de aprendizagem dos alunos. Tal como refere Jacinto et al. (2001:31) *numa primeira fase, o desenho/esboço do plano de turma deverá considerar a organização geral do ano letivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem*

*assumir características diferentes, ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor.*

Geralmente este modelo de planeamento encontra-se estruturado em quatro etapas: 1ª – Avaliação Inicial; 2ª - Aprendizagem e Desenvolvimento; 3ª – Desenvolvimento e Aplicação; 4ª – Aplicação e Consolidação.

Estas etapas (períodos do ano em que se pretende atingir determinados objetivos) são distribuídas ao longo do ano letivo e com objetivos diferenciados, dependendo umas das outras. No final do ano deve haver espaço à revisão das matérias dadas ao longo do mesmo, consoante o nível dos alunos.

Tive em conta aquando da planificação anual das turmas, *que a etapa final do ano permitisse a revisão/consolidação das matérias no nível de tratamento atingido pelo conjunto da turma, conciliando-se esta possibilidade com a apresentação de níveis mais avançados nessas matérias, ou em outras (Jacinto et al., 2001:31).* Porém o tempo dedicado para a mesma deverá ser maior.

Na perspetiva de Bento (1998:129), *aquilo que deve ser solidamente dominado tem que ser constantemente consolidado (...) exercitação, aplicação, repetição, sistematização, é aquilo que pertence à consolidação tem, contudo e infelizmente, um lugar bem reduzido no ensino.* O ano letivo passa depressa e o tempo que fica destinado à consolidação dos conhecimentos é pouco, devido à quantidade de matérias que temos para abordar. No entanto o professor deve estar desperto para este fator e perceber que o bom professor parece ser aquele que não faz mais nada a não ser repetir.

O Plano Anual de Turma (PAT) deverá ser elaborado de acordo com os resultados obtidos no protocolo de avaliação inicial. Deverá ainda, basear-se nos critérios propostos pelo grupo disciplinar da escola, iguais para todos os alunos, segundo os PNEF e reajustados à realidade da mesma.

Deverá ser elaborado no início do ano letivo, tentando rentabilizar ao máximo os espaços existentes para a prática da disciplina de EF.

*A Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a correções ou alterações na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário (Jacinto et al., 2001:25).*

Posteriormente à avaliação inicial, o professor distribuirá as matérias ao longo do ano, para cada turma, consoante as suas intenções e espaços disponíveis

Os PATs elaborados, basearam-se no modelo que foi implementado há dezoito anos, sendo uma referência bastante positiva dos Programas Nacionais de Educação Física, adequando-se mais ao nível dos alunos que o modelo anterior. Os objetivos foram delineados anualmente. A distribuição das disciplinas em termos temporais, possibilitou uma aprendizagem gradual e duradoura.

*Considerando as orientações estratégicas do grupo de EF, o professor deverá desenhar em traços gerais o plano de trabalho com a turma, cuja operacionalização ocorrerá posteriormente e de forma adequada a cada turma, baseando-se nas conclusões da avaliação inicial e nas opções que daí advêm (Jacinto et al., 2001:25).*

Logo, relativamente a este ponto, concebi planos anuais de turma (Anexo III), no início do ano letivo, onde foi realizada a planificação anual. A mesma baseou-se no planeamento por etapas, para cada turma, tendo em conta o quadro curricular da escola. A planificação anual baseou-se nos dados da Avaliação Inicial, que recaiu sobre várias matérias a trabalhar ao longo do ano letivo e que foram avaliadas no início do mesmo.

No entanto, cheguei à conclusão com o decorrer do ano, que a planificação anual com a distribuição dos conteúdos por aulas foi desnecessária. Para além de algumas aulas não terem sido cumpridas, por aspetos inerentes ao tempo atmosférico (aulas nos espaços exteriores), senti a necessidade de alterar as aulas, que no início do ano estavam distribuídas em ensino massivo, por aulas politemáticas, com várias modalidades a decorrerem em simultâneo.

Deveria ter planificado, com mais detalhe ao nível da distribuição dos conteúdos das aulas apenas para a 1ª e para a 2ª etapa. Tal como refere Carvalho, I. (1994:139) *o plano anual de turma só deve ser esboçado após o período de avaliação inicial e, a especificação de cada uma das etapas só deve ocorrer após a avaliação da etapa de ensino-aprendizagem anterior.*

No entanto, como me foi pedido a planificação anual para o ano todo e na altura não estava consciente de que essa planificação anual seria desnecessária, planifiquei para todo o ano letivo. Porém penso que foi um pouco “perda de tempo”, pois a planificação da continuação da 2ª etapa iria estar dependente da fase onde acabaria o final do 1º período (início/meio da 2ª etapa). Logo tive que reajustar constantemente o planeamento anual, no decorrer do ano.

A 2ª etapa de trabalho será especificada com base nos dados da avaliação formativa e o plano geral reformulado, se necessário. Só desta forma, será sempre uma referência válida e um instrumento de trabalho. *As opções tomadas em função da dos resultados da avaliação inicial não devem ser «definitivas», pelo que o professor pode e deve ajustá-las ao longo do processo de ensino-aprendizagem* (Carvalho, I.,1994:143).

Para Bento (2003), *os trabalhos de planeamento são a expressão da personalidade do professor e também do seu estilo de ensinar.* No trabalho desenvolvido por mim ao longo da PES, alterei a minha forma de trabalhar. Fui observando, através de reflexões que fazia após as aulas, que o planeamento inicialmente proposto teria que ser reformulado, principalmente o da turma de Curso Profissional. Para além de ser esta a minha forma de trabalhar, alterar sempre que considere que seja necessário e arriscar com novas estratégias. Como foi o caso de incutir várias matérias numa aula, considerando que o processo de ensino e aprendizagem também é um processo que está em constante experimentação.

Como tal, no início do planeamento anual de turma, dividimos o ano letivo em quatro etapas para as duas turmas que íamos trabalhar. Os períodos de tempo (etapas) em que foi dividido o ano letivo, facilitaram a orientação e regulação do processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, para a turma do Curso Profissional e antes do término da segunda etapa, prolongámos o tempo da mesma e fundimos a terceira etapa com a quarta etapa. Considerámos que como tínhamos que rever alguns objetivos da segunda etapa na terceira etapa (dados estes decorrentes da avaliação formativa), necessitávamos de um maior número de aulas para tal. E como os alunos só tinham 90' de aulas por semana e iriam terminar mais cedo que os restantes alunos dos nonos anos da mesma escola, decidimos reajustar o planeamento dividindo-o apenas em três etapas. Foi possível efetuar esta decisão no decorrer do ano letivo, pois no planeamento por etapas, a duração de cada etapa é imprevisível e reajustável ao longo do ano.

Após a análise dos resultados da 1ª etapa (avaliação inicial), elaborámos o planeamento anual de turma onde definimos matérias prioritárias e não prioritárias. Tivemos ainda em conta, as matérias de preferência dos alunos, apenas na turma de CEF. Distribuímos o número total de aulas pelas mesmas, não esquecendo as dificuldades inerentes aos espaços e às questões climatéricas, que condicionou o desenvolvimento de algumas matérias críticas.

Houve uma hierarquização de objetivos e objetivos prioritários bem definidos. Esta condicionante do planeamento encontra-se referida nas próprias orientações metodológicas dos programas de EF (Jacinto et al., 2001:26), *referindo que a periodização da atividade não resulta, como seria desejável, da interpretação que o professor faz das características dos seus alunos (das suas possibilidades e prioridades, ditadas pela avaliação inicial), mas sim dos horários e da definição à priori da circulação da turma pelas instalações, o inevitável roulement.*

Houve uma maior distribuição dos conteúdos em termos temporais, do que poderia haver se trabalhássemos o planeamento por blocos, exigindo defesa de espaços polivalentes e da prioridade do plano de turma. Foi criado um modelo de trabalho que visou desenvolver preferencialmente as matérias fracas em detrimento das matérias fortes.

*Ao especificar/preparar cada uma das etapas, considerando as suas características genéricas (revisão/consolidação, prioritariamente novas aprendizagens, etc.), a definição das prioridades e a formação de grupos devem permitir a realização do nível*

*estabelecido para cada matéria nuclear nesse ano de curso, dedicando-se mais tempo de prática (qualitativamente) apropriada nas matérias em que o aluno revela mais dificuldades (Jacinto et al., 2001:31).*

No início do estágio, tive que compreender o quadro da rotação dos espaços, onde com a ajuda do orientador da escola o percebi, para saber em que rotação nos encontrávamos, aquando da minha planificação. Por vezes, com o desenvolver do ano, tive que reajustar o plano anual, pois quando chegava à última semana do período, não contavam a rotação. Este facto, devia-se à ocorrência de atividades na escola e à inexistência aulas, como foi o caso da atividade de Futsal e Megasprint.

O número de aulas previsto, nos PATs, foi superado na maioria das modalidades. Pois, inicialmente planifiquei ensino massivo de duas modalidades por aula e a partir da 2ª etapa, considerei que seria mais proveitoso começar a realizar aulas politemáticas de várias modalidades a ocorrerem ao mesmo tempo, no trabalho por estações.

A opção por mim tomada baseia-se na minha forma de trabalhar e pensar. Defendo que no ensino, sem experimentarmos novos métodos de trabalho, não sabemos se resulta, tal como refere Carreiro da Costa (1995), (Ibid.,p.124), citado por Pomar (2009), *o sucesso pedagógico não resulta de uma única opção metodológica, por mais correta que ela se revele, mas da capacidade do professor articular e conjugar simultaneamente uma multiplicidade de fatores, para que as condições de participação dos alunos sejam otimizadas.*

Esta estratégia, maximizou o tempo de empenhamento motor dos alunos, assim como estar menor tempo sem passar por uma modalidade e/ou matéria. Por outro lado, desenvolveu melhor as capacidades motoras inerentes a cada modalidade, não se perdendo tão facilmente, como no ensino massivo. No entanto, as aulas eram de mais difícil controlo. Tal como refere Rosado, (s/d)., neste tipo de aulas *há maior continuidade na formação dos alunos, mas o controlo é mais difícil (aulas politemáticas, exigindo estações e circuitos com grande diversidade de atividades).*

A mesma estratégia foi adotada nas duas turmas, facilitando ainda a obtenção de registos formativos e a motivação por parte dos alunos, nomeadamente da turma mais complicada.

Após ter trabalhado o planeamento por etapas, aquando da PES no Mestrado e ter tido a possibilidade de o comparar com o planeamento por blocos, trabalhado aquando da Prática Pedagógica da Licenciatura, percebi que o planeamento por etapas tem mais vantagens que o planeamento por blocos. Ficando este último completamente desajustado para mim, pois o primeiro é menos monótono, tanto para os alunos como para o professor, dando às aulas uma maior dinâmica de ensino e aprendizagem, que o segundo não pode dar.

Promove ainda nos alunos maior entusiasmo e surpresa perante as aulas, pois querem sempre saber as modalidades que se vão trabalhar na aula seguinte. Podendo ser as mesmas, de maior ou menor interesse, para os alunos que gostam mais ou menos da disciplina de EF. As matérias deverão ser bem escolhidas, tanto a nível de espaço, como a nível de preferências dos alunos, para que os mesmos não se desmotivem. Outro dos fatores positivos do primeiro é a possibilidade de haver transferências de aprendizagens de uma modalidade trabalhada numa aula, para outra modalidade trabalhada em outras aulas.

### **3.1.2. Planeamento de Aula**

*Carter (1990) e Fennema e Franke (1992), citados por Borralho (2002:4), afirmam que a investigação indica, claramente, que as decisões tomadas pelos professores, antes, durante e após a aula, têm uma forte influência sobre o que é aprendido pelos alunos.*

Piéron (1982:30), distingue duas fases claramente diferenciadas na ação pedagógica. O planeamento de aula refere-se à fase pré-interativa que diz respeito à escolha dos objetivos, das estratégias, dos estilos e das formas de organização. O professor ou grupo disciplinar define os objetivos operacionais da aula. Define o que quer que o aluno seja capaz de realizar, realizando reajustes necessários para cada um dos alunos, individualizando o ensino, mas sempre com o intuito de progredir para o objetivo final.

*A fase pré-interativa constitui uma condição necessária, mas não suficiente, a um ensino de qualidade (Piéron, 1982:30).*

Em todas as aulas planificadas ao longo da PES tive em conta as três partes estruturantes de uma aula de EF e as funções específicas de cada uma, descritas nas planificações, sendo as mesmas a parte preparatória, a parte principal e a parte final.

Relativamente às decisões tomadas a nível de planeamento, em termos de diferenciação pedagógica, denotei algumas dificuldades ao início da minha prática, nas modalidades em que tinha menor conhecimento, facto este, que foi sendo conseguido com o decorrer do ano letivo, através de pesquisas, observações de aulas e ajudas realizadas pelos orientadores.

Tive no entanto, sempre em conta o trabalho por grupos de nível, desde o início da PES, que comecei a descrever melhor em termos de planificação de aula, no 2º semestre (Anexo IV). A individualização do ensino foi cada vez mais conseguida com o decorrer da PES, planificando tarefas diferentes para os vários grupos e níveis de alunos, para que todos pudessem evoluir. Segundo Carvalho, I., (1994:149) *aos alunos que evidenciam dificuldades distintas deverão ser propostas tarefas de aperfeiçoamento distintas. Para os alunos cuja prestação for considerada satisfatória as atividades de desenvolvimento deverão considerar outros ou novos desafios, a par da revisão destas aprendizagens para que não percam as conquistas já efetuadas.*

A descrição da individualização do ensino, em termos de exercícios, deveria ter sido descrita logo nos primeiros planos de aula, em todas as modalidades.

Tentei conhecer melhor as turmas e reajustar alguns dados da avaliação inicial, nas primeiras aulas, para além da preocupação maior ser a organização dos grupos, a gestão e clima da aula. Os aspetos referidos anteriormente levaram-me a centrar-me mais, no início, noutras preocupações que não a diferenciação pedagógica, embora em algumas modalidades tenha estado sempre presente, pois as diferenças entre o grupo turma, nomeadamente no 11º ano eram grandes.

Denotei algumas falhas em termos da descrição dos exercícios, para os diferentes níveis de competências apresentados pelos alunos e por vezes em termos de

linguagem técnica, que fui melhorando com o adquirir de conhecimentos, pois os mesmos em algumas modalidades já estavam um pouco esquecidos. Este esquecimento deve-se ao afastamento do 2º ciclo, na área da EF, inerente à condição de docente a exercer funções no 1º ciclo há treze anos e o terminar da Licenciatura na mesma área já ter sido há algum tempo.

Deste modo, foi necessário um esforço acrescido da minha parte, em relação a este aspeto, onde através de leituras e pesquisas fui ultrapassando as lacunas que apresentava. Senti ainda necessidade de rever algumas didáticas para dotar-me e relembrar conhecimentos, pois como refere Carreiro da Costa (1995), (Ibid.,p.124), citado por Pomar (2009), *o ensino exige dos professores uma atitude científica permanente, i.é., de interrogação constante sobre as causas que possam explicar as respostas e /ou os desempenhos dos alunos*. Só desta forma pude questionar-me acerca de como as minhas ações, ao longo da PES, podem ter influenciado as aprendizagens dos alunos.

A diferenciação pedagógica e a progressão das aprendizagens dos alunos estiveram sempre presentes no planeamento das etapas e unidades de ensino, por turma. Este aspeto, pode garantir e assegurar o sucesso e evolução dos alunos, para além da sua motivação. Nomeadamente, para os alunos da turma de 11º ano, se estes aspetos não estivessem presentes no processo de ensino e aprendizagem iriam desmotivar-se, pois queriam sempre mais. Na turma de Curso Profissional, o mesmo já não acontecia, pois a sua motivação para a disciplina de EF já era pouca e os desafios que lhes apresentava, recusavam-se por vezes a aceitar. No entanto, tive sempre presente os aspetos acima mencionados, com especial atenção para que os alunos desenvolvessem o gosto pela disciplina. Não foi tarefa fácil, pois a turma de CEF, apresentava comportamentos de desvio constantes.

Em relação aos objetivos pedagógicos, apresentados no planeamento das aulas foram identificados. Porém nos primeiros planos de aula surgiram dúvidas, nomeadamente à identificação precisa dos mesmos. Descrevia muitos e por conseguinte, alguns deles não eram alcançados e/ou eram alcançados apenas por uma minoria de alunos. Procurei tirar dúvidas com os orientadores e colegas de estágio, tendo havido

discussão concreta de alguns. Consegui assim melhorar a descrição e identificação dos mesmos, o que criou alguma confusão ao início.

Nos planos de aula do primeiro semestre, utilizei códigos dos objetivos que estavam descritos no planeamento anual. No entanto, cheguei à conclusão e por aconselhamento do orientador da universidade, que esse método não era legível para outro docente que pudesse vir a lecionar a aula. Um plano de aula operacional é aquele que qualquer técnico da área, pode pôr em prática, sem grandes questões. O modelo, inicialmente adotado, levava a que a perceção dos objetivos fosse apenas para o docente que o criou, e ou teriam os restantes docentes que consultar o planeamento anual. Este aspeto foi refletido com os orientadores e colegas de estágio e alterado a partir do 2º semestre. Embora facilitasse a realização do plano de aula, concordei e adotei a descrição dos objetivos da aula sem códigos.

No que diz respeito aos conteúdos, atividades e estratégias de aprendizagem, foram apresentados com concordância do orientador da escola. O mesmo ajudou-me em todos os planos de aula, realizando críticas construtivas, dando espaço à reflexão, em alguns exercícios propostos, nomeadamente acerca da parte muscular solicitada.

As atividades e estratégias de ensino, foram sendo alteradas ao longo do ano letivo, umas por necessidades climatéricas, outras por decisão pessoal. A ocorrência de atividades na escola, tal como foi o caso do apuramento de alunos para a prova do Megasprint, também levou à alteração do planeamento.

As alterações feitas ao planeamento, estiveram em concordância com o orientador da escola, sendo sempre possíveis, pois este tipo de planeamento tem em consideração as características das instalações disponíveis e as condições climatéricas para aproveitamento dos espaços exteriores.

No início do ano, comecei por realizar planos de aula politemáticas de ensino massivo, com duas modalidades por aula. Com o passar das aulas, tendo em conta a interpretação realizada em relação à evolução dos alunos e as minhas intenções, o planeamento anual das duas turmas assumiu diferentes características.

Assim, e por considerar que o estágio é um momento de experimentação, tal como o processo de ensino e aprendizagem, onde sem experimentar não sabemos se irá dar certo, comecei a planificar aulas politemáticas de três ou quatro modalidades e condição física, em trabalho por estações.

Em muitas aulas o resultado foi positivo, pois facilitou a intervenção em termos de feedbacks e gestão da aula, para além da observação da evolução dos alunos. Porém a maior dificuldade teve a ver com a gestão dos grupos, que melhorou com o evoluir das aulas.

Houve, no entanto, alguns alunos que se mostraram reticentes relativamente a esta estratégia, pois não fazia parte do método de ensino conhecido pelos mesmos. Contrariamente, outros gostaram muito da novidade, nomeadamente os que apresentavam maiores dificuldades.

Penso que este aspeto foi bastante positivo para o sucesso dos alunos, pois levou a que os grupos ficassem mais homogéneos e mais pequenos. Permitiu uma intervenção mais adequada e incisiva. Notaram-se evoluções positivas em todas as modalidades, com especial incidência nas matérias onde os alunos apresentavam maiores dificuldades.

Bento (1998:101) defende que *para além dos objetivos, conteúdos e métodos aquando da preparação/planificação de uma aula de Educação Física, deve-se ainda ter em conta outros aspetos tais como: - A definição e realização das funções didáticas dando grande importância à assimilação e consolidação da matéria, ao tempo para a exercitação, a avaliar e controlar cada aula dada, a motivar os alunos para a atividade motora e por fim estar desperto para a ordem em que a aula decorre no horário escolar do aluno; - Os processos mais eficazes em relação à carga realizada e sua recuperação, consoante o estado de desenvolvimento e rendimento dos alunos; - As condições externas em que decorre o ensino, tais como o tempo e o clima, o número e condições de instalações desportivas e a existência de materiais desportivos;*

## 3.2. Competências de Condução do Ensino

A forma como o professor realiza e conduz o processo de ensino e aprendizagem, vai ter influência nas aprendizagens dos alunos, desempenho e até motivação para com as aulas dessa mesma disciplina. Um professor pode assinalar um aluno, tanto pela positiva, como pela negativa. Logo temos que ter especial atenção na lecionação das aulas, para além do conhecimento do currículo, o professor deverá conhecer as variáveis que influenciam o processo de ensino e aprendizagem. Cada docente é um ser diferente de outro e por isso irá ter a sua forma de ensinar.

Par além das variáveis anteriormente descritas, *o professor deverá ter presente a fase inter-ativa (planeamento) e a fase interativa. Esta última diz respeito à aula em si, que comporta a apresentação da tarefa, os tipos de feedback a fornecer aos alunos, a concretização da organização do terreno, aliados ao controlo da aula e problemas de disciplina* (Piéron, 1982:31).

### 3.2.1. Fatores de eficácia pedagógica no ensino

Na perspetiva de Piéron (1982:31), os fatores que associam a atividade em aula e os ganhos de aprendizagem dos alunos são quatro, de forma a alcançarem a maior parte dos objetivos, sendo os mesmos: *o tempo que o aluno passa em atividade motora, as reações dos professores às suas prestações, o ambiente no qual ele participa na atividade da aula e a organização da atividade*. O tempo de empenhamento motor vai depender da eficácia dos outros três fatores, inerentes ao ensino. Logo se melhorarmos os anteriores, maximizamos o primeiro, que é um dos objetivos principais da aula de EF. Pois se o aluno passar mais tempo em atividade motora, irá ter maior probabilidade de alcançar sucesso nas aprendizagens.

Por considerar estes fatores importantes no processo de ensino e aprendizagem, irei realizar uma análise mais pormenorizada, no presente relatório, os quais irei descrever.

Referenciarei ainda a minha preocupação ao longo da PES, em realizar reflexões após a minha intervenção, em todas as aulas, incluindo estes aspetos. Retirarei ainda conclusões acerca da forma como a planificação e a minha condução do ensino, influenciava a aprendizagem dos alunos.

### **3.2.1.1. Organização e gestão do tempo da aula**

Segundo Bento (1998:101) *a importância didática da “concentração no essencial” em cada aula deve-se ao facto de principalmente na fase de uma primeira consolidação e posteriores repetições, sistematizações e aplicações nas aulas seguintes, leva a que o essencial permaneça a longo prazo na posse dos alunos, logo há uma melhor aprendizagem dos conteúdos da aula. O ensino é mais eficaz quando não se perde em aspetos secundários. A aula deverá ser orientada para o resultado, para o/os objetivos traçados aquando da sua preparação/planificação. Deste modo o professor deverá concentrar-se no essencial da aula, dando a conhecer aos seus alunos de forma clara e objetiva, para que estes compreendam o que é fundamental aprender. Só assim poderão obter resultados de êxito na sua aprendizagem.*

*A aula de Educação Física é o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor. A aula é não somente a unidade organizativa essencial, mas sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino* (Bento, 1998:101).

Deste modo, tentei sempre concentrar-me no essencial da aula, que com o decorrer da PES se tornou cada vez mais fácil. No decorrer de todo o processo de ensino e aprendizagem, organizei as tarefas da aula de forma ajustada aos objetivos planificados, aos recursos disponíveis na escola e às características específicas de cada turma. Muitas das aulas ocorreram tal como planificado, com um ou outro reajuste. Tal como refere Bento (1998:115) *o planeamento e preparação são uma coisa, e realizar no ensino o «planificado» é outra.*

Por outro lado, considero que no início da PES não foi para mim tarefa fácil, quando a aula que tinha planificado não poderia ser lecionada por fatores exteriores à mesma. Com o passar das aulas, este facto foi melhorado, pois percebi o quadro da rotação

dos espaços, sem ser necessário perguntar ao orientador. E quando planificava uma aula no exterior, pensava numa alternativa, para que se essa aula não pudesse decorrer, tivesse uma outra aula planificada para outro ou outros espaços.

Algumas das aulas que tinham ficado sem lecionar, por motivos de tempo atmosférico, falta do professor ou outro fator que tenha sido impedimento de a mesma decorrer, ficavam arquivadas e guardadas para quando necessário.

Penso que este aspeto, que no início da PES foi menos positivo, foi também ultrapassado com o melhor conhecimento do espaço e de todo o material existente na escola. Também o conhecimento de exercícios variados, inerentes à disciplina de EF, ajudou a melhorar esta lacuna, por mim apresentada.

Tive ainda, uma grande ajuda do orientador da escola, que não me dava logo a solução para a resolução do problema, mas que me levava a ser eu própria a tentar resolver o mesmo. Ajudando-me a descobrir uma solução viável, levando-me a aprender. Na perspetiva de Bento, Jorge Olímpio (1998:176) *as falhas e o sucesso no ensino devem ser procurados na atividade do professor e nas atividades de aprendizagem dos alunos, pois o ensino e a aprendizagem estão ligados e dependem um do outro.*

Este aspeto foi muito importante para mim, pois fez com que eu não pensasse apenas na aula planificada, mas em outras alternativas que pudessem vir a acontecer. Pois um bom professor é aquele que consegue reajustar, perante as dificuldades que lhe aparecem.

No início do primeiro período, ainda houve uma aula ou outra em que tivemos que ir para o polivalente jogar ténis de mesa, em alternativa da aula planificada. Mas com o decorrer da PES, o mesmo deixou de ser necessário, pois por minha iniciativa, tinha sempre várias alternativas, para o caso de acontecer que a aula planificada não pudesse ser lecionada.

Segundo Piéron (1982:31) *o tempo passado na tarefa é considerado como um mediador pelo qual a instrução e as intervenções do professor se transformam em aprendizagens nos alunos. Logo, quanto maior for o tempo de empenhamento motor, maior serão as probabilidades de os alunos efetuarem aprendizagens.*

Foi sempre minha intenção, gerir o tempo de aula, de forma a maximizar o tempo de empenhamento motor dos alunos. Penso que este fator foi mais conseguido quando os tempos de organização de grupos foram minimizados. Foram criadas estratégias, tais como: levar previamente escrito os grupos de nível, para chamar e organizar no início da aula; levar os mesmos até ao fim da mesma, sem os alterar, modificando apenas os exercícios, ou um ou dois elementos das equipas.

Este aspeto foi-me aconselhado pelo orientador da universidade, o qual resultou bastante. Foram ainda definidos sinais de reunião, atenção e transição. Eram dadas indicações precisas, sobre a arrumação do material e sua distribuição, em todas as aulas, identificando os alunos para o efeito. A realização do aquecimento era feita por um aluno, com a minha ajuda, seguindo a lista nominal.

O tempo de empenhamento motor foi também maximizado, com o incluir de aulas politemáticas de várias modalidades, em vez de apenas duas, tal como aconteceu a partir do 2º período. O espaço era maximizado em termos de organização de estações. Este aspeto originava maior distribuição de alunos por estação, logo o tempo de espera era inexistente, pois os alunos encontravam-se todos em atividade.

Maximizámos ainda o tempo de empenhamento motor dos alunos, em algumas aulas com a inclusão de equipas feitas por eles próprios. Sendo esta estratégia, mais utilizada nas aulas de avaliação formativa e ou sumativa. Nestas aulas, avaliávamos os alunos dos quais não tínhamos qualquer registo e/ou tínhamos algumas dúvidas, em algumas modalidades.

O grupo que queríamos avaliar era chamado por mim e organizado, enquanto os restantes alunos organizavam-se sozinhos e realizavam os exercícios enunciados. Penso que este aspeto será potenciado em função da experiência do professor, do seu conhecimento do currículo e do conhecimento dos alunos.

Em relação aos momentos de informação, tentei minimizar os mesmos, o mais que podia, para que estes não diminuíssem o tempo de empenhamento motor. Por vezes, em algumas instruções tive que me alongar, pois nem sempre os alunos

compreenderam a informação. Uma vez por distração dos mesmos, outras vezes por uma ou outra informação pouco clara ou confusa.

A pressa em realizar os momentos de instrução, levaram a que alguns alunos não compreendessem bem a mensagem. Este aspeto foi melhorado com o desaparecimento do eventual nervosismo, com que me deparava no início da PES, o qual consegui ultrapassar.

Também a linguagem técnica/científica de cada matéria, foi melhorada com a ajuda de pesquisas, observações e leituras realizadas ao longo do ano letivo. Com o decorrer da PES, fui assegurando a clareza, a terminologia correta adequada ao nível etário dos alunos e a certificação da compreensão da mensagem.

No início, pensava que principalmente para os alunos do 11º ano, por serem da área de Desporto, as instruções que dava eram claras, pois os exercícios não eram muito difíceis. Mas como a distração estava muitas vezes presente, não conseguiam perceber à primeira. Melhorei a objetividade, pertinência e clareza da mensagem, realizando questões aos alunos sobre a mesma, no final das instruções dadas, dando ênfase aos aspetos essenciais da execução da atividade.

Esta melhoria, deve-se a aspetos tais como os referidos anteriormente, reflexões por mim realizadas após as aulas (Anexo V) e críticas construtivas por parte dos orientadores, as quais incluí na minha prática letiva.

Intervi nos momentos de prática, realizando ajustamentos às necessidades manifestadas pelos alunos no decurso da aula. Esta intervenção, era dada com mais facilidade nas matérias em que me encontrava mais à vontade e mais dificuldade nas que não dominava tão bem. Para ultrapassar estas falhas, tive que realizar várias pesquisas, assim como observações das matérias que faziam parte do currículo e das quais não tinha tantos conhecimentos, como as restantes.

Penso que este fator acontece a todos os professores, com mais ou menos experiência, pois somos melhor numa matéria que noutras, até mesmo por vivências pessoais. No entanto, tive como objetivo apropriar-me de informação relativamente a

essas áreas em que revelava maiores carências formativas, para que não ficassem descuradas e os alunos pudessem ter vivências nas mesmas.

Na realidade, muitas vezes acontece que o professor como não está à vontade não leciona essas áreas. O que eu não gostava que acontecesse no futuro, pois o professor deve lecionar o que o projeto de EF da escola prevê para esse ano.

No entanto, no início da PES, não foi tarefa fácil ajustar as estratégias de ensino na própria altura da aula às necessidades dos alunos, pois estava mais direcionada para toda a organização e gestão da aula. Com o decorrer da PES, este fator foi melhorado, pois já conseguia direcionar a minha atenção para outros fatores mais importantes, inerentes à aprendizagem dos alunos, nas matérias das quais tinha mais conhecimentos e das restantes que me fui informando ao longo da PES.

No entanto, penso que ainda haverá muito para aprender e melhorar, que só com a experiência, a pesquisa autónoma e a formação contínua poderei ultrapassar algumas lacunas com que ainda me deparo.

### **3.2.1.2. Feedback**

*O feedback é o segundo mediador das aprendizagens (...) se é importante fornecer frequentes feedbacks de qualidade (corretos e apropriados), é igualmente crucial verificar se o aluno percebeu, o que ele reteve e quais são as atribuições que ele faz a partir da mensagem recebida (Piéron, 1982:32).*

No que se refere ao acompanhamento dos momentos de prática, adotei estratégias mais apropriadas de observação/diagnóstico com o desenvolvimento das aulas, tais como: colocar os alunos nas várias estações e observar primeiro; só depois intervir na estação que necessitava mais, em vez de intervir logo e rodar rapidamente pelas estações, como fazia no início, dificultando-me a observação. Esta estratégia foi aconselhada pelo orientador da universidade, a qual resultou.

Outro dos aspetos que facilitou a observação/diagnóstico foi o implementar aulas politemáticas de várias modalidades, praticadas ao mesmo tempo. Como os grupos de

trabalho se tornavam mais pequenos, a observação e interação em termos de ajudas e/ou feedbacks ficou mais facilitada.

Com a implementação desta estratégia, senti-me mais confortável para dinamizar a aula e dar feedbacks pedagógicos mais assertivos. Por outro lado, perceber se o aluno compreendeu o feedback e o que modificou na sua aprendizagem, a partir daí. Esta estratégia foi utilizada, para que a aprendizagem dos alunos se realizasse de forma mais rápida.

Os feedbacks dados aos alunos foram descritivos e prescritivos, de forma a favorecer a motivação, o empenho e a aprendizagem dos mesmos. No entanto, penso que poderiam ter sido dados mais se a minha experiência fosse maior, pois estava muito preocupada com a organização e gestão de toda a aula no início da PES, assim como com os comportamentos desviantes. *Os professores distinguem-se pelas intervenções de FB específico, apropriado, descritivo explicado (...) originando níveis de desempenho médios e superiores, ilustrados com demonstrações sobre os pormenores da execução técnica.* Carreiro da Costa (1995), citado por Pomar (2010). Parece-me, no entanto, difícil dar feedbacks a todos os alunos, em todos os exercícios que realizam, pois em termos de tempo real, não é viável.

### **3.2.1.3. Clima de aula**

Tal como refere Piéron (1982:32) *uma atitude positiva não se desenvolve, em relação às atividades físicas, a não ser que o aluno as pratique com sucesso e que essa prática se efetue de maneira agradável, num clima de suporte e encorajamento da parte do professor.* Logo, o clima positivo da aula, incluindo neste a atitude positiva por parte do professor e o encorajar os alunos nas atividades da aula, é determinante, para que os alunos aprendam de forma mais rápida e eficaz.

Deste modo, tentei sempre promover um clima positivo de aprendizagem, de forma a garantir o entusiasmo dos alunos pelas tarefas da aula e o desenvolvimento do respeito e cooperação entre os diferentes intervenientes da mesma. Porém, a boa relação que consegui estabelecer com os alunos, pôs por vezes em causa a intervenção

mais rígida de alguns procedimentos em termos de remediação de conflitos, no início da PES. Este aspeto, foi melhorado com o decorrer do ano letivo, onde a atitude adotada foi ligeiramente alterada, principalmente para a turma mais difícil em termos de comportamento.

A pressão que senti aquando de ser de novo estagiária, em termos de observação das aulas e avaliação constante das mesmas limitava-me por vezes em incutir um clima ainda mais positivo de aula. As aulas em que não era observada eram, de longe, as que corriam melhor. O orientador da escola, como notou em mim algum nervosismo, por vezes afastava-se da observação, para que eu pudesse estar mais à vontade. E foi graças a esse fator que a sua presença ou a de outro colega já me era indiferente, no terceiro período de aulas.

Tinha vontade de arriscar mais, mas como as turmas também não eram de comportamento fácil, não pude criar uma relação de maior amizade com alguns alunos. Dessa forma, poderia pôr em causa o respeito que os mesmos tinham que ter por mim. Por vezes, tive que repreender alguns alunos, dizendo-lhes que o professor ali era eu, pois o professor estagiário é visto naturalmente, como sendo aquele que não manda. Estas repreensões, a alguns alunos quebravam por vezes o bom clima que se criou em outras aulas, ou com outros alunos. Tentei ignorar os comportamentos inapropriados, quanto possível.

Na turma de Curso Profissional criaram-se mesmo dois grupos diferentes: o grupo de alunos que cumpriam as regras e se conseguia trabalhar com um bom clima de aula e um grupo mínimo de alunos que ia para as aulas com o intuito de impedir que as mesmas se realizassem.

Este aspeto piorou para o final do ano letivo destes alunos e foram tomadas medidas mais severas, para os mesmos. Com estes alunos, não consegui criar o clima positivo nas últimas aulas, que foi criado no início. O dilema foi grande, pois estes alunos, na sua maioria não gostavam da disciplina de EF e se o clima de aula não fosse positivo ainda se iriam desmotivar mais. Mas por vezes estes alunos não deixavam desenvolver os restantes, prejudicando-se a si e aos colegas.

Logo, adotei os procedimentos devidos para os mesmos, como descrito anteriormente, com a concordância do orientador da escola, que achava que deveria ter sido mais cedo.

No processo de ensino e aprendizagem o clima deve ser positivo, para que todos os intervenientes estejam de bom grado na aula, pois só com boa disposição e vontade se pode aprender. O aluno só aprende aquilo que tem significado para si e não aquilo que lhe querem ensinar.

No entanto, o controlo da aula em termos de disciplina terá que estar sempre presente. O controlo da aula vai influenciar a frequência de feedbacks, a atenção prestada pelos alunos à informação dada, o tempo de empenhamento motor, o clima positivo da aula, logo o maximizar da aprendizagem.

Assim a organização do trabalho em aula é outro dos mediadores de sucesso apresentados pelo autor Piéron (1982:32), *quando refere que a maximização do tempo de atividade individual do aluno, como a frequência do feedback, exige uma organização cuidada das condições de prática da atividade, assim como os problemas de controlo da aula e da disciplina. Acrescenta ainda a atenção que o aluno prestada às informações fornecidas pelo professor (...) e às atividades dos seus colegas, favorecem a aprendizagem.*

No que respeita à adoção de procedimentos de prevenção e remediação de comportamentos inapropriados por parte dos alunos, foi um dos desafios com que me deparei no decorrer da PES. As duas turmas que lecionei não eram fáceis em termos de comportamento. Uma das turmas, era a que tinha mais queixas da escola e da qual se realizaram reuniões, com os vários docentes, para implementar estratégias de resolução de comportamentos inapropriados, por esses alunos.

Deste modo, tive que aprender a adotar procedimentos e atitudes, com este escalão etário, totalmente diferentes dos quais adoto e tenho adotado ao longo da minha carreira, como docente no primeiro ciclo. Tive que perceber que procedimentos e estratégias poderia implementar, para solucionar o problema. Adotei estratégias diversificadas, tais como: deixarem de realizar o exercício quando apresentavam

comportamentos de desvio; afastar os alunos que não realizavam aula, dos restantes; colocar os primeiros a realizar o relatório da aula; e em último caso, como aconteceu com alguns alunos, ter que os mandar para a sala de estudo, realizar uma tarefa concreta, acompanhados por um técnico de ação educativa. Procurei empregar, interações verbais dissuasivas nas repreensões que tinha que efetuar.

No início da PES, facilitei um pouco em relação a estes procedimentos, pois penso que terei sido levada pela experiência que já tinha com alunos mais novos, que não se assemelha, de forma alguma, com os alunos deste escalão etário. Neste ciclo, e com alunos com estas características, a atitude deverá ser de distância, com instruções curtas e precisas em termos da organização das tarefas, dos grupos de trabalho e da preparação e arrumação do material.

A postura que tive que adotar, foi muito diferente do que estava habituada, pois no primeiro ciclo a atitude com os alunos terá que ser de amizade, carinho, entre ajuda. A maioria dos alunos estão sempre dispostos a ajudar a preparar e arrumar o material. Por outro lado, realizam qualquer exercício, até ao seu limite, na área da EF, e principalmente aqueles alunos que muitas das vezes adotam comportamentos de desvio noutras áreas, são os melhores nesta.

O ter ficado com estas duas turmas, foi uma mais-valia para um dia que possa vir a lecionar no terceiro ciclo e secundário, pois apercebi-me da dificuldade que existe em termos da remediação e prevenção de conflitos. Deveria ter adotado, no início do ano letivo, a mesma atitude que adotei em meados do segundo e terceiro períodos, principalmente com a turma de Curso Profissional, que era a mais complicada.

Houve muitas aulas com a turma do 11º ano, que correram bem a nível de comportamentos de desvio, pois quem tinha a outra turma, já estava melhor preparado para uma mais fácil que vinha na hora a seguir. Foi ainda adotado um comportamento de inexistência de justificação em termos de avaliação, em grande grupo, sendo que as mesmas eram realizadas apenas individualmente. A estratégia adotada deveu-se ao fato, de os alunos desta última turma serem muito competitivos e queixarem-se diariamente das injustiças que diziam haver em termos de avaliação

sumativa, comparativamente com outras turmas da escola e até com os próprios colegas. Deste modo, segui a opinião do professor cooperante, a qual resultou.

Pois tal como refere Zabalza (2002:36) *o papel do professor manifesta-se de formas diferentes de acordo com as suas características; mais ou menos ativo na inovação e na mudança, mais ou menos resistente, de acordo com fatores como a idade, os anos de serviço, a experiência profissional, o conhecimento científico, a preparação pedagógica, a perceção do seu papel, as suas crenças e representações, os seus valores e atitudes pessoais.*

Ao longo da PES, ainda fui um pouco resistente no que se refere à adoção de uma posição mais rígida, talvez devido a já ter alguma experiência profissional, ter algumas crenças e representações em termos de psicologia. Assim como, os valores que defendo relativamente ao abandono escolar, cabendo aos professores tentar evitar esta situação e promover o gosto pela escola e pela disciplina de EF, em particular. Porém, houve momentos em que tive que esquecer as minhas crenças e alterar a minha atitude, mostrando-me menos resistente e experimentar a opinião do professor cooperante. O mesmo era mais experiente do que eu, no trabalho com estas faixas etárias e com os alunos das duas turmas, pois já conhecia os alunos do ano transato.

Na turma de Curso Profissional, o peso dado ao comportamento dos alunos em termos de avaliação sumativa era bastante relevante. Esta informação foi-me dada a conhecer no início do ano letivo, a qual demos a conhecer aos alunos e seguimos à risca no decorrer da PES. O facto de os comportamentos desviantes, por parte de alguns alunos, estarem a ter repercussões negativas nas aprendizagens dos colegas, levou a que fosse ainda mais severa na implementação do peso deste item na avaliação dos alunos. As variáveis para o sucesso pedagógico, enunciadas anteriormente estavam a ficar comprometidas.

Pois, tal como enuncia Piéron (1982:33), *existem algumas variáveis fáceis de identificar que têm uma relação negativa com o sucesso pedagógico, tais como: o tempo de espera que é, frequentemente, inversamente proporcional ao tempo passado na tarefa. Depende do professor, da sua gestão do tempo e do aluno, pelo ardor que utiliza e pela motivação que manifesta; e a frequência e a gravidade dos*

*comportamentos desviantes que exercem uma influência considerável sobre o clima da aula e sobre o empenhamento dos alunos.*

Os comportamentos desviantes destes alunos, estavam a influenciar de forma negativa o decorrer da aula, logo as variáveis anteriormente enunciadas. Esses comportamentos impediam o sucesso da aprendizagem, mesmo dos alunos que não os apresentavam.

### **3.2.2. Observação e análise da intervenção pedagógica**

Foi concebida uma grelha de observação (Anexo VI) pelo núcleo de estágio da ESAG, devidamente enquadrada nos referenciais teóricos da intervenção pedagógica em EF. A mesma foi utilizada em alguns momentos de observação, da aula dos colegas de núcleo de estágio da mesma escola e dada a conhecer em termos de resultados aos mesmos. Assim como a reflexão crítica oral sobre a aula realizada em conjunto com o colega observado.

Por outro lado, em algumas observações a aulas de colegas de núcleo de estágio, orientador (Anexo VII) e outros docentes da ESAG, foi realizado um relatório analítico da aula observada. Este relatório focava alguns aspetos inerentes às minhas necessidades de formação, tais como: se a presente observação ia de encontro às minhas necessidades de formação; os aspetos que foram relevantes para a minha aprendizagem; os aspetos que fiquei a conhecer de novo e as dúvidas que permaneceram após a minha observação. Coloquei posteriormente em prática os aspetos que considerei serem importantes para a minha PES.

Em relação à minha intervenção, realizei reflexões críticas oralmente, muitas vezes com uma colega de núcleo de estágio da mesma escola, onde registava a sua observação em grelha para o efeito. Foram ainda realizadas algumas reflexões com outros colegas sobre a minha intervenção, mas em menor quantidade, por questões de incompatibilidade de horário. Esta questão, poderia ter sido melhorada se os colegas e eu não tivéssemos componente profissional durante o estágio. O que não aconteceu nesta escola, pois éramos todos professores numa outra escola/as, com

horários completos e muitas vezes incompatíveis com os demais da ESAG. Se nos tivéssemos dedicado apenas ao estágio, neste último ano de mestrado, todas estas incompatibilidades teriam sido de mais fácil reorganização, mas o mesmo não foi por nós possível.

Deste modo, tentei dentro dos horários que havia na escola, observar e ser observada o mais possível. Penso no entanto, que poderia ter começado as sessões de observação no 1º semestre, o que não aconteceu. Se tivesse iniciado as observações no 1º semestre, a minha evolução em termos pedagógicos teria sido maximizada, pois o número de reflexões seria maior.

Segundo Bento, (1998:189) *muitas vezes por falta de tempo o professor não consegue registar em pormenor a reflexão de todas as aulas que leciona*. No entanto, o que é importante, segundo o autor é que cada docente saiba o que quer avaliar e analisar, como, quando e onde irá registar. E por fim, documentar-se a fim de melhorar o seu ensino. Só assim poderá melhorar a sua prática de ensino, pois os resultados desta vão influenciar a aula futura.

Em relação às reflexões realizadas após cada aula, detetei em concordância com o orientador da universidade, que no início do estágio as mesmas eram de carácter mais descritivo e pouco reflexivo. Este facto foi melhorado com a continuação das mesmas, onde para além de descrever o que se passava na aula, tentei refletir mais sobre a minha intervenção. Para além disso, tentei perceber, como é que a mesma influenciou as aprendizagens dos alunos.

Melhorei este aspeto após reunião com o orientador da universidade, que me chamou à atenção, no que se refere à necessidade que todo o docente tem de refletir após lecionar uma aula, para conseguir melhorar a sua prática e as aprendizagens dos seus alunos. Assim, realizei reflexões que tiveram progressos positivos ao longo do ano letivo, em termos do cuidado e sua fundamentação, onde foi manifestado uma atitude reflexiva e de autoquestionamento sobre as situações vivenciadas, apresentando algumas sugestões de aperfeiçoamento.

Seja qual for a disciplina lecionada o professor deve ter sempre em conta a reflexão posterior à aula e a análise documentada da aula (observações críticas dos alunos, gravações das aulas e possuir um caderno diário do professor) (Bento 1998:183).

### 3.3. Competências de Avaliação

Segundo Bento, (1998:183) *a análise e avaliação deverá ter em conta tanto as variáveis de processo (variáveis da parte do professor e variáveis da parte do aluno) como as variáveis de produto (a longo e a curto prazo), pois complementam-se uma à outra e abordam o mesmo problema.* Nestas variáveis poderão colocar-se várias questões, umas mais viradas para a parte do professor e outras mais viradas para a parte dos alunos. Por vezes a análise de produto deverá ter uma certa prioridade, porém as variáveis de processo irão ajudar a interpretar os resultados das variáveis de produto.

*A qualidade das aulas de EF depende do grau em que contribuem para o aperfeiçoamento dos aspetos técnico-motor, interpessoal e cognitivo-reflexivo do reportório de ações dos alunos. Aquando da análise destes aspetos analisamos e avaliamos o produto. No entanto não podemos descurar o modo de obtenção dos resultados da aprendizagem – análise e avaliação do processo* (Bento, 1998:189).

Cada docente é um ser diferente de outro e por isso irá ter a sua forma de ensinar. No entanto os objetivos do seu ensino deverão ser iguais aos do restante grupo disciplinar da escola, regidos pelo programa nacional da disciplina que leciona, assim como a sua avaliação. Só desta forma poderá haver oportunidades iguais para todos os alunos, assim como avaliação assertiva.

Na PES tive o cuidado de comparar avaliações e práticas pedagógicas com os meus colegas. Pois, para mim, o processo de ensino e aprendizagem e a avaliação dos alunos deve ser partilhada, para além de aprendermos uns com os outros, a avaliação poder ser mais fidedigna. Não nos podemos esquecer também que o aluno aprende o que

quer e quando quer, por isso o sucesso do processo de ensino e aprendizagem também depende dele, e em grande parte.

Por outro lado, tal como é descrito no DL 286/89 (de 29/08, artigo 10º) *o regime de avaliação dos alunos é organizado de forma a garantir o controlo da qualidade do ensino. Este deve estimular o sucesso educativo de todos os alunos, favorecer a confiança própria e contemplar os vários ritmos de desenvolvimento e progressão.* Tal como foi por mim realizado na PES, pois quando individualizei o ensino, em termos de aprendizagens, individualizei obrigatoriamente em termos de avaliação. De outra forma não faria sentido individualizar o ensino, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem.

Após a descrição, sobre as competências de avaliação, que um professor deve ter aquando da lecionação de qualquer uma das áreas do ensino, irei debruçar-me sobre as diferentes formas de avaliação que deverão ser realizadas (avaliação diagnóstica-inicial, formativa e sumativa), tal como descrito nos PNEF e a operacionalização das mesmas ao longo da PES.

### **3.3.1. Avaliação diagnóstica**

Segundo Ferraz et al. (1994) *a avaliação diagnóstica possibilita: Identificar as competências dos alunos na fase inicial e retirar dados que permitam adequar o trabalho às características dos alunos; Assume não só uma dimensão caracterizadora mas também preditiva ou prognóstica e também motivadora; Situa o aluno num determinado nível dando indicações para a forma como o professor e o aluno podem construir a evolução e o progresso na aprendizagem; Há que evitar a “rotulagem” e a “predição negativa”; Pode ocorrer no início do ano letivo, no início de uma unidade de ensino ou no início de uma nova aprendizagem.*

A forma como o professor realiza e conduz o processo de ensino e aprendizagem vai ter influência nas aprendizagens dos alunos, desempenho e até motivação para com as aulas dessa mesma disciplina. Um professor pode assinalar um aluno, tanto pela positiva, como pela negativa, devendo evitar este aspeto. Logo temos que ter especial

atenção na lecionação das aulas, para além do conhecimento do currículo, o professor deverá conhecer as variáveis que influenciam o processo de ensino e aprendizagem.

*Jacinto et al. (2001:25) refere que a Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objetivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou plurianual, caso considerem necessário.*

Deste modo e de acordo com os novos Programas Nacionais de Educação Física o departamento da ESAG delineou um Protocolo de Avaliação Inicial elaborado à luz dos Níveis Introdução de cada modalidade. Os mesmos estão contemplados nos PNEF e foram adaptados à realidade prática e cultural da escola, a aplicar em todas as turmas especificando os exercícios critério para cada modalidade a avaliar. Este protocolo foi entregue aos estagiários no início da sua PES.

O Protocolo de Avaliação foi a base de outros documentos, tais como as fichas de avaliação adaptadas pelo núcleo de estágio e por mim, para as duas turmas. Essas fichas basearam-se no Protocolo de Avaliação Inicial e serviram para um propósito mais prático e funcional, empregando-se na avaliação propriamente dita. As fichas de avaliação continham os comportamentos que os alunos deviam adotar, para cada um dos exercícios propostos, para se inserirem num determinado nível, de acordo com os PNEF, para cada modalidade, onde eram descritos os critérios de êxito para cada um dos exercícios a realizar.

Estas fichas de avaliação diagnósticas serviram para registar as avaliações iniciais dos alunos em algumas modalidades. As mesmas poderiam ter sido um exemplo a utilizar pelo professor da turma, aquando das avaliações iniciais das restantes modalidades. Algumas das quais não registei, pois quando iniciámos a PES algumas das avaliações iniciais já estavam efetuadas.

Esta primeira etapa, denominada Avaliação Inicial, destinou-se à avaliação diagnóstica das Atividades Físicas e da Aptidão física por parte dos alunos. Foi realizada nos meses

de setembro e outubro pelo professor da turma e por mim, no decorrer de aproximadamente cinco semanas. Para que deste modo pudéssemos contemplar todas as matérias nucleares, passando por todos os espaços disponíveis na escola.

No início de outubro observei e nas últimas aulas desta 1ª etapa observei, registei os meus dados e comparei-os com os do professor da turma. Os registos efetuados por mim e pelo professor da turma nem sempre coincidiam, tendo que ser reajustados através da comparação dos critérios de êxito descritos nas fichas de avaliação diagnóstica, elaboradas pelo núcleo de estágio. Pois tal como refere Abrantes, (2002) *esteve presente a subjetividade do ato de avaliar, quando defende que dois professores ao observarem uma mesma ação observam-na certamente de maneira diferente. Logo considera que o que é necessário evitar, não é a subjetividade, mas sim a arbitrariedade devido à ausência de critérios de avaliação. Desta forma, é importante que o professor de EF estabeleça o que quer avaliar e em que situações, de forma objetiva.*

Também Carvalho, I. (1994:151) refere *a subjetividade da avaliação, defendendo que duas pessoas diferentes olham inevitavelmente de maneira diferente, sendo a observação o instrumento de avaliação por excelência da disciplina de EF. Logo temos que ser rigorosos ao avaliar. Avaliar aquilo que é crítico, aquilo que é importante (...) sendo a objetividade “garantida” pela escolha criteriosa das situações de avaliação, pela definição de critérios e indicadores de observação precisos (...).*

Os resultados obtidos avaliação inicial tiveram como objetivos a identificação dos níveis em que se encontravam os alunos relativamente ao programa de EF nas diversas matérias, informando o professor acerca das matérias críticas e menos críticas. Estas informações serviram de base para decisões posteriores sobre o planeamento e a programação anual. Por conseguinte, assente em dados assertivos e por conseguinte, idealizar um processo que conduzisse à evolução motora nas diferentes modalidades e delinear o tipo de trabalho a realizar em termos de condição física. *Após a avaliação inicial, o professor está em condições de desenhar em traços gerais, o plano anual de cada uma das suas turmas e de especificar e operacionalizar a 1ª etapa (Carvalho, L.,1994:151).*

A avaliação inicial orientou assim, todo o processo de ensino e aprendizagem durante o ano letivo, dando ao professor a oportunidade de formar grupos por nível de competências, definindo as bases de diferenciação do ensino e ajudando a decidir quais os objetivos anuais, quais as prioridades formativas, quais os objetivos prioritários e quais os objetivos secundários.

Em relação aos níveis de avaliação seguiram-se os existentes nos programas de EF, Introdutório (I), Elementar (E) e Avançado (A). Considerando que alguns alunos não atingiam as competências previstas para o nível introdutório, categorizaram-se estes alunos como estando no nível não introdutório.

As matérias que estiveram sujeitas a uma avaliação inicial foram sete: atletismo, ginástica de solo, badminton, voleibol, futebol, basquetebol e andebol, fazendo as mesmas parte das matérias nucleares do programa. Foram avaliadas as mesmas pois são as matérias obrigatórias, em termos de currículo que todos os docentes deviam trabalhar.

Para além desta avaliação na área das atividades físicas, a avaliação inicial considerou ainda a avaliação da aptidão física utilizando a bateria dos testes de fitnessgram, realizada pelo professor da turma.

Após a realização da avaliação inicial, efetuámos o relatório da mesma, para as duas turmas que lecionámos, onde apresentámos os resultados individuais das avaliações dos testes de Condição Física do Fitnessgram (Anexo VII), as fichas de avaliação inicial adaptadas pelo núcleo de estágio (com os dados recolhidos referentes ao desempenho dos alunos nas matérias avaliadas) (Anexo VIII). Apresentámos ainda um quadro com os resultados individuais das avaliações iniciais de cada matéria (para permitir perceber o nível global da turma nessa mesma matéria), um quadro resumo de forma que se pudesse ficar com toda a informação dos alunos nas variadas matérias e ainda um quadro com os resultados individuais das avaliações iniciais de cada matéria (para possível formação de grupos por níveis e modalidades). E por fim o produto final, ou seja, uma grelha síntese com todas as avaliações diagnósticas e prognósticas efetuadas, que possibilitaram a elaboração consciente do plano anual de turma, baseado nas atividades físicas prioritárias.

Algumas avaliações foram efetuadas pelo professor Cooperante e facultadas. Estas avaliações iniciais tinham em conta, essencialmente o conhecimento que o mesmo tinha dos alunos e não levavam estritamente em linha de conta o protocolo de avaliação inicial da escola. Deste modo, havia alunos categorizados nos níveis elementares e avançados em certas matérias.

Todas as avaliações iniciais tiveram em conta o espaço destinado para a referida aula, assim como a rotatividade dos espaços.

A avaliação de ginástica de aparelhos não foi realizada, assim como a do salto em altura, na modalidade de atletismo. Embora esteja contemplado no Protocolo de Avaliação Inicial da Escola, por motivos de falta de espaço e tempo, inerentes à rotatividade dos espaços.

Como uma das turmas era de 11<sup>º</sup> ano Tecnológico de Desporto, e levando em consideração os PNEF, estes alunos escolheram cinco matérias nucleares e uma alternativa, onde iriam ser avaliados. Essas seis matérias escolhidas (voleibol, futebol, rãguebi, ginástica de aparelhos, atletismo, danças modernas, badminton e orientação) foram as prioritárias e dentro delas demos mais prioridade a umas e menos prioridade a outras. Tivemos para isso, em conta, as competências apresentadas pelos alunos, nas diferentes matérias, comparadas com as que pretendíamos alcançar.

No entanto, como a escolha das modalidades de preferência foi por maioria e por vezes a distância de votos não era muito significativa, lecionámos matérias de outras modalidades que não as escolhidas e considerámos algumas delas também prioritárias.

Esta decisão fundamentou-se nas seguintes razões: aumentarmos a motivação pela prática da atividade física de todos os alunos; por os alunos terem uma grande carga horária e por conseguinte termos mais possibilidade de diversificar o programa; por ser uma turma de Desporto e necessitar de obter competências em mais áreas; darmos a oportunidade de alguns alunos serem avaliados noutras modalidades que não as escolhidas por maioria. Pois como é referido por Jacinto et al. (2001:10) *no 11.º e 12.º admite-se, como regra geral, a escolha dos alunos/turma pelas matérias em que*

*preferirem aperfeiçoar-se, sem se perder a variedade e a possibilidade de desenvolvimento ou “redescoberta” de outras atividades, dimensões ou áreas da EF. Assim, propõe-se que escolham, em cada ano (11.º e 12.º anos) duas matéria de Desportos Coletivos, outra de Ginástica ou de Atletismo, uma de Dança e duas das restantes.*

A turma de Curso Profissional de Informática - 2º ano IRC, de acordo com os PNEF teria que seguir um programa específico. No entanto por opção do professor da turma seguiu-se o programa de terceiro ciclo normal do 9ºano de escolaridade, tal como se seguiu o de 8º ano no ano letivo transato.

Deste modo, as matérias prioritárias foram aquelas em que os alunos demonstraram maior dificuldade (para se elevar as competências dessas e alcançarem as competências das restantes) e também gostarem mais. Por outro lado, como eram alunos de curso profissional, tivemos que ir de encontro às suas expectativas.

Definimos como matérias prioritárias o futebol, o basquetebol, a ginástica, o atletismo, o badminton e o rãguebi, e dentro delas demos mais prioridade a umas e menos prioridade a outras, pois como defende Carvalho (1994:138) *se desejamos que os nossos alunos realizem as aprendizagens que os conduzam ao desenvolvimento é imprescindível começar por identificar as suas dificuldades e perceber as suas potencialidades.*

Foi o que fizemos para as duas turmas. Realizámos a avaliação inicial e a partir dos resultados da mesma, detetámos as modalidades em que os alunos apresentavam maiores dificuldades, aquelas em que tinham maior preferência e melhor desenvolvimento motor.

### **3.3.2. A Avaliação formativa e sumativa**

Segundo Peralta (2002) *a avaliação é a recolha sistemática de informação sobre a qual se possa formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisões.* E como a sua principal função é ajudar a promover ou a melhorar a formação dos alunos e o sucesso

escolar e educativo, assim como incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional. Sendo o resultado da aprendizagem medida de forma qualitativa e quantitativa, realizámos ao longo do ano, como não poderia deixar de ser três formas de avaliação, que passo a descrever:

Avaliação Diagnóstica – realizada no início do ano letivo (aquando da avaliação inicial), que permitiu identificar as competências dos alunos, retirar dados para planificar o trabalho a desenvolver consoante os níveis encontrados na turma. Tal como é descrito por Carvalho (1994:136) *quando, no início do ano, queremos saber o que é que os nossos alunos «podem» aprender, situamo-nos no quadro da avaliação inicial e na dimensão projetiva da nossa intervenção, está em causa a orientação do processo de ensino e aprendizagem.*

Avaliação Formativa – realizada no decorrer de todo o ano letivo, sendo a principal modalidade de avaliação. Esta avaliação gerou medidas de diferenciação pedagógica e de reajustamento do trabalho desenvolvido e deu-nos informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens.

Este tipo de avaliação é criterial. Teve como finalidade observar e analisar os processos individuais de aprendizagem para reorganizar as condições de aprendizagem num processo interativo. *O desempenho de cada aluno foi analisado por referência a objetivos de aprendizagem. Definiu-se indicadores/ critérios de êxito que permitiram ao aluno verificar se cumpriu os objetivos. Promoveu a competição do aluno consigo próprio e com os colegas (todos podem evoluir) (Ribeiro, 1990).*

*Quando ao longo do ano letivo, recolhemos informações que nos permitem ajuizar da forma como os alunos estão, realmente, a aprender, o nosso propósito é o de, no quadro da avaliação formativa, regular o processo de ensino-aprendizagem aproximando-o da direção definida (Carvalho, 1994:137).*

A avaliação formativa foi diretamente observável nas aulas pelo comportamento dos alunos e pelos objetivos que foram conseguindo atingir ao longo do ano.

O objetivo da avaliação formativa é adaptar a ação pedagógica aos progressos e problemas de aprendizagem dos alunos (Carvalho, 1994:144).

Avaliação Sumativa - consistiu na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas. Esta avaliação foi quantitativa e realizada no final de cada período. Os seus resultados foram registados na tabela de Excel regente na escola, onde se colocaram a classificação de cada item de avaliação, passando estes a um valor numérico, na sua totalidade.

Este tipo de avaliação também é descrita por Carvalho (1994:137), que nos diz que *quando está em causa uma decisão de classificação dos alunos em função do grau de consecução dos objetivos, estamos no domínio da avaliação sumativa*

Por outro lado, e segundo a Portaria n.º 1322/2007, de 4 de outubro do ME, *as funções da avaliação sumativa variam de acordo com os momentos em que esta se realiza, assim no decurso do processo de ensino-aprendizagem tem uma função formativa, uma vez que permite adequar o ensino às necessidades de aprendizagem dos alunos; no final de período e no final dos primeiro e segundo ciclos tem como função fundamentar as decisões sobre (re)orientação do percurso escolar dos alunos; no final de ciclo tem ainda como função a tomada de decisão sobre retenção/progressão do aluno; no final do terceiro ciclo fundamenta a atribuição de um diploma ou de um certificado.*

Deste modo, este tipo de avaliação foi realizada baseada nos resultados da avaliação formativa, permitindo reajustar o processo de ensino e aprendizagem nos dois primeiros períodos, nas duas turmas. Alterámos a forma de atuar em relação à operacionalização desta avaliação, que foi diferente no 1º e a partir do 2º período, tal como irá ser descrito no ponto a seguir.

A avaliação sumativa foi ainda efetuada no final do ano letivo – 3º período, onde possibilitou a aquisição ou não de um certificado para os alunos da turma de curso profissional, referente ao 3º ciclo do ensino básico e o aproveitamento ou não dos alunos da turma de 11º ano. No final do ano foi realizado um balanço acerca da evolução e aprendizagem dos alunos ao longo do ano letivo, baseada nos resultados da avaliação sumativa e descritas algumas indicações para levar em conta, no trabalho a efetuar no ano letivo seguinte, com estes alunos.

Em suma, segundo a Portaria n.º 1322/2007, de 4 de outubro do ME, *ainda que a avaliação sumativa corresponda a balanços que se vão fazendo ao longo do processo ensino e aprendizagem, esses balanços têm essencialmente uma função formativa, exceto no final de ciclo em que a função sumativa é predominante.*

Ainda e segundo a Portaria n.º 1322/2007, de 4 de outubro do ME, *este tipo de avaliação é normativa. A sua finalidade é classificar e hierarquizar (...) Promove a competição entre os alunos.*

Na perspetiva de Ferraz et al. (1994) *a avaliação normativa tem como finalidade classificar o desempenho de cada aluno, onde é comparado com o desempenho médio do grupo de que faz parte.*

Este tipo de avaliação foi considerada aquando da avaliação sumativa dos alunos das duas turmas. Comparou-se o desempenho de cada aluno, no grupo turma, como não podia deixar de ser e comparou-se ainda com o desempenho de outros alunos de turmas das quais ia observar.

A partir destas comparações discuti com o orientador da escola a classificação final, em termos quantitativos. Nomeadamente, os alunos do 11º ano manifestavam-se muitas vezes relativamente às avaliações sumativas deles próprios e dos colegas de turma e escola, como sendo injustas, comparando-as e tentando competir com os colegas.

Foi positivo realizar observações noutras turmas, de níveis idênticos aos dos alunos das turmas que estava a lecionar. Este aspeto levou-me a refletir acerca da avaliação das competências dos mesmos e realizar a avaliação sumativa mais assertiva.

Em suma e segundo a mesma portaria, *a avaliação sumativa realiza-se sempre que seja necessário fazer o balanço das aprendizagens desenvolvidas. Tem sido considerada sumativa a avaliação que se materializa nos testes realizados ao longo do ano, a que ocorre nos finais de período e nos finais de ciclo.*

*De facto é sumativa porque: se trata de balanços realizados em determinados momentos do percurso tendo em conta os objetivos que, uma vez atingidos, permitem a passagem à etapa seguinte; exprime resultados através de números de uma escala,*

*complementados por uma informação descritiva, ou através de simples descrições (caso do primeiro ciclo).*

### **3.3.3. Operacionalização da avaliação**

Realizámos ao longo de todo o ano letivo registos referentes às competências desenvolvidas pelos alunos. Os mesmos eram dados a conhecer aos alunos e algumas vezes registados pelos próprios e/ou colegas e refletidos com o professor, para que os alunos pudessem mediar a sua aprendizagem, pois como defende Ferraz et al. (1994) *a aposta essencial da avaliação formativa é tornar o aluno ator da sua aprendizagem; nesta perspetiva a avaliação formativa é interna ao processo; é contínua, analítica e mais centrada sobre o aprendiz do que sobre o produto acabado.* A reflexão realizada no final da aula integrava os exercícios propostos e a evolução dos alunos.

Esta estratégia foi pensada, nomeadamente nas aulas de ginástica de aparelhos, solo e acrobática, assim como noutras modalidades, para elevar a motivação dos alunos nas mesmas. Principalmente na primeira matéria e na turma de 11º ano, onde os alunos eram muito competitivos. A opção implementada resultou de forma bastante positiva, elevando as competências dos alunos e a sua motivação.

*Como nos devemos preocupar em ajudar os alunos em identificar-se com o que aprendem e como aprendem, teremos que ver o ensino não só na obtenção dos objetivos do professor, mas também num processo de entendimento e comunicação com o aluno. Logo a qualidade das aulas de Educação Física deve ser avaliada com a participação dos alunos, em termos de decisões, incluir os seus problemas, ideias e questões, ter em consideração as relações sociais e as diferenças de condições de aprendizagem (Bento, 1998:189).*

Aquando da análise no final da 2ª etapa, senti a necessidade de realizar mais momentos de registos de avaliação formativa. Os momentos destinados anteriormente para a mesma não eram suficientes para obter dados assertivos de todas as matérias que pretendia avaliar, para todos os alunos. O tempo era pouco, para a quantidade de alunos que tinha, nomeadamente na turma de 11º ano, assim

como a heterogeneidade que existia nas duas turmas, em termos de competências, dificultando o trabalho homogêneo.

Esta necessidade é também expressa por Carvalho (1994:137) da seguinte forma: *todos nós nos confrontamos com problemas práticos que decorrem essencialmente dos seguintes fatores: temos muitos objetivos para avaliar; temos muitos alunos e alunos «diferentes» (com capacidades e aptidões diferentes); temos pouco tempo; na EF não existem produtos permanentes que nos permitem avaliar as competências motoras.*

Deste modo, deixámos de calendarizar aulas específicas, nomeadamente as últimas dos períodos para esse propósito e começámos a registar em grelhas específicas, por nós concebidas, em todas as aulas das várias modalidades, as evoluções realizadas pelos alunos, assim como os conhecimentos revelados nas mesmas. Nessas grelhas (fichas formativas- Anexo IX) eram descritos os critérios de êxito que queríamos observar, para cada um dos exercícios propostos, assim como uma nomenclatura simples de N (nunca /raramente), F(com frequência), S(quase sempre/sempre).

Este tipo de anotação simples, com a escolha dos critérios de êxito inicialmente selecionados, para cada exercício/habilidade, facilitava-me a obtenção de registos de avaliação formativa, para posteriormente reverter em avaliação sumativa, tendo sido uma estratégia adequada. Tal como enuncia Carvalho (1994:147/146) *parece-nos uma alternativa válida observar durante alguns momentos e efetuar anotações simples do tipo faz/não faz, sim/não (...). O rigor da observação passa pela seleção prévia daquilo que queremos observar.*

As fichas (grelhas) de avaliação formativa tinham parâmetros de avaliação idênticos, devidamente definidos, para que todos os alunos fossem avaliados pelos mesmos critérios.

Nas últimas aulas dos períodos, avaliámos apenas os alunos dos quais tínhamos algumas dúvidas e em algumas matérias. Logo as modalidades trabalhadas nas últimas aulas, assim como os grupos de trabalho dependiam um pouco das necessidades de avaliação, para além de os alunos serem agrupados por níveis de competências.

Para Carvalho (1994:144), *a avaliação formativa é um processo de recolha de informações que nos permite, ao longo do ano, orientar e regular a nossa atividade pedagógica, bem como controlar os seus efeitos – a aprendizagem!* Deste modo a avaliação formativa assegurou que os procedimentos de formação se fossem adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais.

Esta avaliação, ainda que considere os resultados da aprendizagem, incidiu preferencialmente sobre os processos desenvolvidos pelos alunos face às tarefas propostas.

Na prática, toda a avaliação formativa foi obtida tendo em conta o planeamento diário efetuado e as situações pedagógico – didáticas, onde a cada momento fomos avaliando a prestação dos alunos na aula. Este tipo de avaliação é designada por avaliação contínua, que como refere Carvalho (1994:137), *ocorre informalmente em todas as aulas, como resultado da interação do professor com o aluno, com os colegas e com o próprio, e se revela nos desafios, nos feedbacks emitidos, na adaptação das tarefas (...),etc.*

Além disso os alunos foram informados de que teriam acesso às grelhas de registo, de cada matéria, relativas à sua evolução sempre que as solicitassem ao professor.

Os instrumentos de registo e recolha de dados relativos à avaliação formativa foram fundamentais e de extrema importância. Ajudaram-nos a clarificar algumas dúvidas em relação às avaliações a atribuir no final do período, permitindo assim uma avaliação adequada e justa.

Além disso, estes instrumentos permitiram justificar uma determinada nota e/ou comportamento do aluno num determinado dia. Para o caso de existir alguma solicitação, seja de que natureza for, servindo assim de defesa para o professor.

De um modo sucinto, podemos dizer que a avaliação formativa serviu para, através das informações recolhidas, orientar e ajustar a minha atividade letiva. Por outro lado, serviu ao aluno para autorregular as suas aprendizagens, consciencializando-se de que

a aprendizagem não é um produto de consumo, mas sim um produto a construir onde ele próprio tem um papel fundamental nessa construção.

Após o término de cada etapa (assinalada no quadro do planeamento de turma a laranja), coube-me realizar o balanço de cada etapa. Referi quais os objetivos alcançados pelos alunos até então e reformular o plano anual de cada turma, na etapa que se seguia. Deste modo e após a operacionalização da avaliação formativa, reformulávamos os planos anuais de turma, reajustando os objetivos a alcançar por matéria e áreas. Assim como as modalidades a lecionar por aula, devido a algumas aulas não terem sido cumpridas, ou por falta do professor titular da turma ou por impossibilidade relacionada com questões de condições atmosféricas.

Seguimos desta forma a perspectiva de Carvalho (1994:137), *quando descreve que durante o ano letivo para além dos três momentos de avaliação (...), admitimos outros «momentos fortes» de avaliação formativa que, num quadro de orientação e regulação do processo de ensino e aprendizagem, antecedem decisões ao nível do planeamento. Concretamente ao nível da especificação de cada uma das etapas que constituem o plano de turma.*

Ainda nesses relatórios, justificou-se o facto de algumas modalidades não terem sido trabalhadas, no decorrer de alguma etapa, tal como planificado no início do ano letivo e/ou de terem sido lecionadas noutra etapa. Descrevemos ainda o modo de operacionalização realizada, assim como as alterações que pretendíamos realizar.

Em suma, no decorrer da avaliação formativa seguimos as etapas definidas por Carvalho, (1994:144) sendo que, realizámos a *recolha de informações relativa às dificuldades e/ou progressos dos alunos; interpretámos essas informações com referência a um critério diagnosticando fatores que estão na origem das dificuldades dos alunos e realizámos a adaptação das atividades (...) de acordo com a interpretação das informações recolhidas.*

Por outro lado, os objetivos do ensino deverão ser iguais aos do restante grupo disciplinar da escola, regidos pelo programa nacional da disciplina que leciona, assim

como a sua avaliação. Só desta forma poderá haver oportunidades iguais para todos os alunos, assim como uma avaliação assertiva.

Assim, avaliámos ainda segundo a proposta e fundamentação dos critérios de avaliação em Educação Física, do respetivo Departamento da Escola Secundária André de Gouveia de 2010/11, *que referia que os Critérios de Avaliação propostos, assentam na conceção de avaliação vigente para o 3º Ciclo e o Ensino Secundário, prevista nos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF) homologados em 1991 e revistos em 2001, onde consideraram três Áreas de Avaliação, sendo as Atividades Físicas, a Aptidão Física e os Conhecimentos com os reajustes descritos no documento da escola.*

### **3.3.3.1. Avaliação das diferentes áreas**

Segundo Bento (1998:133), *devemos controlar e avaliar sobretudo a apropriação de conhecimentos, habilidades e capacidades fundamentais.*

#### 3.3.3.1.1. Avaliação das Atividades Físicas

Tal como é referido na proposta e fundamentação dos critérios de avaliação em Educação Física, da escola, *na Área de Avaliação das Atividades Físicas, o professor seleciona as «7 melhores matérias» dos alunos no 3º Ciclo e no 10º ano de escolaridade, e nos 11º e 12º anos de escolaridade do Ensino Secundário. A seleção reporta-se às 6 matérias de lecionação obrigatória (de acordo com o critério dos P.N.E.F.). Considera-se referências de sucesso (níveis 3 a 5 para o 3º Ciclo, e níveis 10 a 20 para o Ensino Secundário) em coerência com o preceituado nos P.N.E.F. mas prevendo a possibilidade do Departamento aprovar Condições Facilitadoras de Sucesso para qualquer dos 3 períodos letivos, de forma a adequar os critérios legais (necessariamente exigentes) ao nível de desenvolvimento dos alunos e às condições materiais, humanas e organizacionais da escola; a verificação dos critérios de sucesso previstos nesta Área de Avaliação constitui uma das condições necessárias (juntamente*

*com as Áreas de Aptidão Física e dos Conhecimentos) para a obtenção do nível mínimo de sucesso em Educação Física (nível 3 para o 3º Ciclo, e nível 10 para o Ensino Secundário) e permite ainda, diferenciar o nível de sucesso dos alunos (níveis 3 a 5 para o 3º Ciclo, e níveis 10 a 20 para o Ensino Secundário), de forma exclusiva.*

A avaliação nesta área foi registada em grelhas concebidas para tal, dos objetivos a avaliar por período e foram assinalados a rosa nos respetivos quadros (Anexo X), em cada uma das matérias trabalhadas. Foram reajustados ao longo do ano, no final de cada uma das etapas e em cada uma das turmas. Em muitas das matérias a avaliação sumativa do primeiro período foi também baseada na avaliação inicial, visto o número efetivo de aulas não ser suficiente para a obtenção de uma avaliação formativa fidedigna.

As restantes avaliações formativas e sumativas foram realizadas como descrito anteriormente e introduzidas na tabela de excel fornecida pela escola, para o referido efeito. Esta tabela foi alterada no decorrer do ano letivo, pois detetámos algumas falhas no somatório dos níveis que eram colocados na mesma e que iria dar a avaliação quantitativa.

No início do ano letivo, o professor titular de turma tinha dado a escolher aos alunos da turma de 11º ano seis matérias à escolha dos alunos por unanimidade, para que estes fossem avaliados. No entanto alterámos esta proposta, pois como prevê os PNEF, os alunos podem ser avaliados nas suas melhores matérias, desde que sejam as 6 matérias nucleares. Deste modo, cada aluno foi avaliado nas matérias que preferiu, pois não achámos justo que fosse como previsto inicialmente.

Por outro lado como iríamos lecionar aulas de todas as matérias que faziam parte do programa, não encontrámos impedimento para que não fosse efetuado da forma como os PNEF prevê.

Na turma de curso profissional avaliámos de acordo com o programa do 3º ciclo - 9º ano de escolaridade. Foi esse que foi seguido ao longo do ano letivo, por opção do orientador e baseado no que se seguiu no ano transato (programa de 8º ano do 3º

ciclo), pese embora esta turma tenha um programa próprio para seguir, pois é de Curso Profissional.

Na última etapa não tivemos momentos específicos de avaliação, a não ser os da autoavaliação, pois a avaliação sumativa foi baseada nos registos de avaliação formativa. Considerámos no final da 2ª etapa que esta estratégia seria melhor para termos um maior número de registos de avaliação. E para não correremos o risco de ficarmos com dúvidas relativamente a alguns alunos e matérias, devido à falta por parte dos alunos, professores e/ou impossibilidade de realizar a aula de alguma modalidade.

A obtenção do nível de insucesso nesta área por algum dos alunos excluía as restantes.

Seguidamente será apresentado os quadros resumo do prognóstico e resultados da avaliação final das várias matérias, lecionadas ao longo do ano letivo, das duas turmas e posterior reflexão dos resultados obtidos.

**Quadro 1: Prognóstico dos níveis de desempenho e resultados finais na Turma de Curso Profissional**

Ano Escolaridade	Ano Letivo: <b>2010-2011</b>					
	Prognóstico			Resultado Final do Ano		
	Áreas	Matérias	Níveis	Áreas	Matérias	Níveis
Curso Profissional	ATIVIDADES FÍSICAS	Futebol	PE/E	ATIVIDADES FÍSICAS	Futebol	I//E
		Voleibol	PE		Voleibol	I/E
		Basquetebol	PE		Basquetebol	I/E
		Andebol	PE		Andebol	I/E
		Ginástica Acrobática	PI		Ginástica Acrobática	I/E
		Atletismo	PI/PE		Atletismo	I/E
		Badmington	PE		Badmington	I/E
		Danças Modernas/Aeróbica	PI/PE		Danças Modernas/Aeróbica	I/E/A
		Râguebi	PE		Râguebi	E
		Ginástica Solo e Aparelhos	PI/PE		Ginástica Solo e Aparelhos	NI/I/E/A
		Desportos de Combate	PI		Desportos de Combate	

	Aptidão Física	Orientação	PI	Aptidão Física	Orientação	
		Vai-Vém	Sucesso		Vai-Vém	Sucesso
		Senta-Alcança	Sucesso		Senta-Alcança	Sucesso
		Extens.M.S.	Sucesso		Extens.M.S.	Sucesso
		Resist.Abdom.	Sucesso		Resist.Abdom.	Sucesso
Simbologia		Matérias Avaliadas na 1ª Etapa				
		Maior Prioridade				
		Alguma Prioridade				
		Menor Prioridade				

Quadro 2: Prognóstico dos níveis de desempenho e resultados finais na Turma de 11º

Ano

Ano Escolaridade	Ano Letivo: 2010/2011					
	Prognóstico			Resultado Final do Ano		
	Áreas	Matérias	Níveis	Áreas	Matérias	Níveis
11ºAno	ATIVIDADES FÍSICAS	Atletismo	PE/E/PA	ATIVIDADES FÍSICAS	Atletismo	I//E/A
		Ginástica Aparelhos	E		Ginástica Aparelhos	I/E
		Badminton	PE/E/PA		Badminton	I/E/A
		Voleibol	PE/E		Voleibol	I/E/A
		Futebol	PI/PE/E/PA		Futebol	I/E/A
		Basquetebol	PE/E/PA		Basquetebol	I/E/A
		Andebol	PE/E/PA		Andebol	I/E/A
		Corfebol	PE		Corfebol	I/E
		Danças Modernas/Aeróbica	PI/PE		Danças Modernas/Aeróbica	I/E/A
		Râguebi	PE		Râguebi	I/E/A
		Ténis	PE		Ténis	PI
		Ginástica Solo e Acrobática	I/PE/E		Ginástica Solo e Acrobática	I/E/A
		Orientação	PE		Orientação	I/E
	Aptidão Física	Vai-Vém	Sucesso	Aptidão Física	Vai-Vém	Sucesso
		Senta-Alcança	Sucesso		Senta-Alcança	Sucesso
		Extens.M.S.	Sucesso		Extens.M.S.	Sucesso
		Resist.Abdom.	Sucesso		Resist.Abdom.	Sucesso
Simbologia		Matérias Avaliadas na 1ª Etapa				
		Maior Prioridade				
		Alguma Prioridade				
		Menor Prioridade				

Nas tabelas acima podemos verificar os níveis dos alunos aquando do prognóstico, realizado na avaliação inicial e os resultados alcançados no final do ano letivo. Podemos concluir que trabalhamos de forma positiva, pois consideramos que os alunos alcançaram os níveis prognosticados, nas matérias que foram trabalhadas. Apenas um aluno na ginástica, da turma de Curso Profissional, não alcançou aproveitamento, pois não compareceu às aulas destinadas para trabalhar a mesma, assim como as modalidades de orientação e luta na mesma turma, por não terem sido trabalhadas por falta de aulas para tal.

Na turma do 11º ano a única modalidade que não atingiu os níveis do prognóstico foi o ténis, visto não termos conseguido dar as aulas previstas e os alunos estarem num nível introdutório. Nas restantes conseguimos alcançar os níveis previstos e em algumas matérias, até mais.

No entanto, alguns alunos desta turma, em algumas modalidades ainda se encontram no nível introdutório. Porém na generalidade da turma, os níveis de prognóstico e os resultados do final do ano, coincidiram, na sua maioria.

No prognóstico colocámos PI, PE e /ou PA, mas nas tabelas formativas não o pudemos fazer, visto não serem níveis que se pudessem enquadrar nas tabelas de Excel em vigor na escola. Porém, sabemos que alguns destes alunos ainda atingiram parte do nível e não o nível na sua totalidade.

Concluímos, por outro lado, que as turmas eram bastante heterogéneas, nomeadamente a turma de 11º ano. Porém trabalhamos com essas diferenças sempre presentes e de forma positiva. Conseguimos alcançar vários alunos com níveis bastante satisfatórios em várias modalidades, que para além de já terem um bom nível de competências adquiridas, evoluíram ainda mais e nenhum regrediu.

Cada um dos alunos foi avaliado nas matérias, consoante o quadro curricular vigente na escola e consoante o nível de escolaridade em que se encontrava, no decorrer das etapas.

Ainda segundo a proposta e fundamentação dos critérios de avaliação em EF, do respetivo Departamento da ESAG de 2010/11, *as Atitudes dos alunos não são avaliadas de forma isolada em Educação Física, mas integram-se no domínio das competências manifestadas por estes nas 3 Áreas de Avaliação, pelo que os níveis de empenho e de participação manifestados condicionarão o desenvolvimento e as aprendizagens dos alunos, e conseqüentemente, a apreciação das suas aquisições e do seu progresso, expressa nos diversos momentos de avaliação sumativa.*

Desta forma, a avaliação das Atitudes e Valores dos alunos foi incluída na área das Atividades Físicas e observado através da cooperação com os companheiros, quer nos exercícios, quer no jogo, escolhendo as ações favoráveis ao êxito pessoal e do grupo, admitindo as indicações que lhe dirigiam, aceitando as opções e falhas dos seus colegas e dando sugestões que favoreçam a sua melhoria.

Este parâmetro de avaliação foi registado em ficha própria (Anexo XI), ao longo dos períodos e os alunos preencheram ainda uma ficha de autoavaliação, no final de cada período letivo.

Tal como refere a proposta de fundamentação da escola, a discriminação do nível de Insucesso dos alunos, em EF, *decorrerá da não verificação das referências mínimas de sucesso em qualquer das 3 Áreas de Avaliação.* Desta forma, houve alguns alunos, nomeadamente os da turma de Curso Profissional que foram penalizados com esta situação, pois tiveram insucesso na avaliação dos conhecimentos e/ou da atitudes e valores, sendo a última incluída na avaliação das atividades físicas.

#### 3.3.3.1.2. Avaliação dos Conhecimentos

Ainda, segundo a proposta e fundamentação dos critérios de avaliação em Educação Física, do respetivo Departamento da Escola onde lecionei, *a definição de conteúdos mínimos no âmbito do estipulado nos PNEF, reportando-se estes aos domínios da Saúde, Capacidades Motoras e dos instrumentos necessários à compreensão da relação da prática das Atividades Físicas com a cultura social dominante; para a abordagem e a avaliação dos alunos no âmbito destes conteúdos, atribui-se 3 aulas em cada um dos 1º e 2º períodos letivos e 2 aulas no 3º período letivo, para o 3º Ciclo e o*

*12º ano de escolaridade, e 4 aulas em cada um dos 1º e 2º períodos letivos e 3 aulas no 3º período letivo, para os 10º e 11º anos do Ensino Secundário; A verificação dos critérios de sucesso previstos nesta Área de Avaliação constitui uma das condições necessárias (juntamente com as Áreas das Atividades Físicas e da Aptidão Física) para a obtenção do nível mínimo de sucesso em Educação Física (nível 3 para o 3º Ciclo, e nível 10 para o Ensino Secundário) mas não interfere na diferenciação do nível de sucesso dos alunos (níveis 3 a 5 para o 3º Ciclo, e níveis 10 a 20 para o Ensino Secundário), a qual decorre apenas da Área de Avaliação das Atividades Físicas.*

Na área de Avaliação dos Conhecimentos lecionámos apenas três aulas teóricas ao longo do ano letivo, embora a proposta do grupo disciplinar apontasse para mais. Por opção do professor orientador da escola, privilegiou-se as aulas práticas às teóricas. Estas aulas foram realizadas quando não foi possível realizar a aula prática, por questões de mau tempo atmosférico.

Os conteúdos abordados nas mesmas foram de encontro aos temas a abordar na EF, descritos nos PNEF e na Proposta e Fundamentação dos critérios de avaliação em EF, do respetivo Departamento da Escola Secundária André de Gouveia de 2010/11. Os temas abordados foram a Saúde e a Prática de Atividade Física, Capacidades Motoras Condicionais (Resistência, Flexibilidade, Força e Velocidade) e Coordenativas (Noções Gerais) e Semelhanças e Diferenças entre Educação Física e Desporto.

A avaliação desta área para a turma do 11º ano, foi feita através da avaliação de trabalhos de grupo, após abordagem do tema em aula teórica, no 2º e 3º períodos. E no 1º período através dos conhecimentos abordados em aula teórica e trabalho realizado na aula. Foram ainda avaliados os conhecimentos através da aplicação dos mesmos, nas aulas práticas das várias modalidades, através do questionamento aos alunos, da arbitragem de jogos e apresentação de aquecimentos por um aluno em cada aula.

Relativamente à turma de Curso Profissional, a avaliação de conhecimentos foi realizada através da aplicação dos mesmos, nas aulas práticas, privilegiando-se as aulas práticas às teóricas (por opção do professor orientador). Esta área seria ainda avaliada

através de trabalhos de grupo, que os mesmos não entregaram, após aula teórica, na 3ª etapa.

#### 3.3.3.1.3. Avaliação da Aptidão Física

A proposta de fundamentação dos critérios de avaliação da escola apontou para: *opção por 3 testes da bateria do Fitnessgram para o 3º Ciclo e o Ensino Secundário; a aferição do sucesso dos alunos neste domínio efetua-se em conformidade com a Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF). (e não de qualquer desempenho de excelência); pretende-se reforçar a intenção dos especialistas responsáveis por esta inovação dos PNEF, relacionando a avaliação dos alunos com critérios de Saúde e de promoção de hábitos e de referências de vida saudáveis e não com critérios de elevado desempenho atlético-desportivo dos alunos; o Grupo Disciplinar reduzirá os valores definidos para o limiar de sucesso da ZSAF, para os alunos que apresentem limitações especiais para a sua execução em condições de igualdade com a generalidade dos colegas, por motivos de Obesidade, Asma, ou outras limitações de carácter permanente ou temporária, e de acordo com a análise concreta das situações realizada pelos docentes respetivos; a verificação dos critérios de sucesso previstos nesta Área de Avaliação constitui uma das condições necessárias (juntamente com as Áreas das Atividades Físicas e dos Conhecimentos) para a obtenção do nível mínimo de sucesso em Educação Física (nível 3 para o 3º Ciclo, e nível 10 para o Ensino Secundário) mas não interfere na diferenciação do nível de sucesso dos alunos (níveis 3 a 5 para o 3º Ciclo, e níveis 10 a 20 para o Ensino Secundário), a qual decorre apenas da Área de Avaliação das Atividades Físicas.*

Deste modo, no que se refere à avaliação da Condição Física, embora na proposta e fundamentação dos critérios de avaliação em EF para o presente ano letivo, aponte para três momentos, ficou acordado posteriormente pelo Departamento de Educação Física a realização apenas de dois momentos.

Assim, a primeira medição da avaliação nesta área foi realizada no início do ano letivo e a segunda e última medição foi realizada na última etapa, passado duas aulas do seu início, para a turma do 11º ano.

No meu ponto de vista a decisão tomada pelo Departamento de Educação Física da escola, não terá sido a mais acertada, pois a avaliação desta área, tão importante quanto as outras, deverá ser realizada no início, a meio e no final do ano letivo. Só desta forma se conseguirá retirar dados que nos demonstrem a evolução positiva ou não da Condição Física dos alunos. A partir dos resultados obtidos e sua reflexão, irá permitir aos docentes do mesmo departamento uma intervenção mais adequada a este nível, ao longo do ano letivo.

Da forma como foi implementado não se conseguiu ter dados palpáveis durante o decorrer do ano letivo, facto este que só aconteceu no final do mesmo. Os profissionais de EF desta escola, puderam retirar apenas resultados finais, impeditivos de intervenção, para esse ano letivo. Reajustarão o seu trabalho no ano letivo posterior, da forma menos adequada, pois os alunos também já poderão não ser os mesmos.

A última medição dos testes de fitnessgram realizou-se dias 16 e 20 de maio, pois como vieram à escola Técnicos do Centro de Saúde para realizar medições de tensão arterial, peso e altura, para a realização de um estudo, trabalhámos em conjunto com os mesmos, pondo em prática os restantes testes.

No entanto, pareceu-nos que a realização destes testes terá sido um pouco cedo, visto só ainda termos duas aulas dadas desta etapa. Penso que os mesmos deveriam ser efetuados numa data mais próxima do final do ano letivo. Pois os alunos ainda estavam numa fase de desenvolvimento de capacidades físicas, podendo alcançar melhores resultados, estando os mesmos em atividade letiva.

Relativamente à turma de Curso Profissional, não foram realizados os testes de fitnessgram inicialmente planeados, por decisão do professor cooperante, pois só houve uma aula, após a Interrupção da Páscoa. Por este motivo, não seria viável os resultados que se iriam obter, para verificar a evolução da condição física destes

alunos. Que para além de faltarem muito (pondo em causa o desenvolvimento da sua condição física), iriam realizar os testes, após uma pausa de atividade letiva, podendo o resultado dos mesmos não serem os melhores.

Deste modo, não podemos retirar qualquer conclusão em relação ao trabalho desenvolvido com estes alunos a nível da condição física, pois não tivemos dados comparativos da 2ª medição.

No entanto, sabemos e apercebemo-nos que os alunos que eram assíduos, sendo bem poucos, evoluíram em termos das capacidades motoras. Isso notava-se aquando do desenvolvimento das aulas, onde os alunos já não se cansavam tanto na segunda hora, tal como acontecia no 1º período.

*O plano de turma deve estruturar-se em torno da periodização do treino/elevação das capacidades motoras, que constituirá uma componente da atividade formativa em todas as aulas. As preocupações metodológicas ao nível do desenvolvimento das Capacidades Motoras deverão seguir os mesmos princípios pedagógicos das restantes áreas, a inclusividade e a diferenciação dos processos de treino de acordo com as possibilidades e limitações de cada um (Jacinto, at. al 2001:25).*

Desta forma, por me ter alertado para o que o autor defende e por ter que seguir as orientações da proposta de fundamentação dos critérios de avaliação da escola, após o término da 2ª etapa, verifiquei que deveria trabalhar a condição física de uma forma mais específica em todas as aulas.

Considerarei que era importante dar maior peso a esta área, no decorrer das aulas, devido a ser uma das áreas eliminatórias para o sucesso na disciplina de EF e por ser uma área que desenvolve a saúde. A partir daí foi o que fiz.

### **3.4. Autoavaliação**

Os registos da autoavaliação dos alunos foram realizados nas aulas teóricas, em grelha própria (Anexo XII). Assim como em algumas aulas práticas, por o próprio e por colegas, em discussão com o professor. A intervenção do aluno na avaliação traz várias

vantagens, tal como refere Carvalho, I. (1994:147), *o aluno toma consciência das suas limitações e possibilidades; sabe concretamente o que se espera dele, conhece os objetivos e critérios de êxito das tarefas (...); a apreciação objetiva dos colegas ajuda o aluno a formar uma «ideia motora» desejável e necessária a uma correta aprendizagem; o aluno compromete-se com o processo de ensino-aprendizagem (...) desenvolve atitudes e valores como o espírito crítico, entre-ajuda, etc.*

## **Capítulo IV – Participação na Escola e relação com a comunidade**

Este capítulo reflete a participação em atividades que se realizaram em coadjuvação com o grupo de EF da Escola demonstrando respeito, cooperação, iniciativa e responsabilidade profissional, tais como a atividade de Mega Sprinter, a atividade de Futsal, a formação de Rugby, a semana olímpica e a atividade de BTT, as quais passo a descrever:

Esta dimensão prevê a organização e implementação de atividades, que englobem a comunidade escolar.

Sabemos que o sucesso educativo pode ser promovido se fomentarmos, na escola, aquilo que mais entusiasma e motiva os alunos, pois, o sucesso educativo não se atinge apenas com as competências das “áreas nobres”, mas sim com a aquisição de competências e valores que são comuns a todas as áreas.

O sucesso escolar e educativo deverá ser promovido num sentido eclético onde todas as áreas disciplinares deverão contribuir para tal. Assim, a EF tem um papel importante nesse sentido, pois, segundo os PNEF (2001) *o percurso educativo dos alunos obriga à aquisição de competências em diferentes domínios e matérias próprias da Educação Física, numa ampliação das experiências motoras vividas, de modo eclético, tendo como pano de fundo a perseguição constante da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar.*

## 4.1. Atividades do núcleo de estágio

### 4.1.1. “Torneio de Futsal ESAG”

Esta atividade emergiu por sugestão dos professores orientadores cooperantes da escola e foi realizada no âmbito das atividades de final do 1º Período, mais precisamente a 17 de dezembro de 2010. Esta visou a promoção da prática desportiva de uma das modalidades mais apetecidas pelos nossos alunos, o Futsal, e ao mesmo tempo proporcionou um meio de desenvolvimento social e pessoal dos mesmos através da atividade física.

O torneio de futsal já integrava o PAA da Escola e é uma atividade que já vem sendo realizada pelo grupo de EF. Desta forma, o grupo questionou-nos sobre o interesse de o desenvolvermos. Aceitámos o desafio, organizámos e desenvolvemos a atividade com bastante empenho.

Na atividade “Torneio de Futsal ESAG”, tivemos a pretensão de reunir o maior número de alunos organizados por equipas/turmas, ou seja, a nossa atividade foi dirigida a toda a comunidade estudantil da ESAG, do 7º ao 12º ano de escolaridade (alunos do 3º Ciclo e Ensino Secundário).

A atividade consistiu num torneio, em que ao longo de um dia, se realizaram Jogos de Futsal, sendo estas equipas representantes das turmas de cada ano de escolaridade. As equipas estiveram numa competição, em que inicialmente disputaram a fase de grupos e posteriormente disputaram o 1º Lugar do respetivo ano de escolaridade.

Os objetivos principais da atividade passavam por:

- Proporcionar um dia de atividade física e desportiva no espaço escolar;
- Promover o desenvolvimento pessoal e social de todos os membros da comunidade estudantil;
- Fomentar o convívio entre os alunos das diversas turmas;
- Promover entre os alunos o espírito de equipa e o respeito pelo adversário, mantendo sempre uma atitude de “Fair-play”;

- Reconhecer a necessidade da cooperação e solidariedade com os colegas da equipa;
- Aceitar as decisões da arbitragem e da mesa;
- Desenvolver as capacidades físicas e promover a aprendizagem de uma correta gestão do esforço;
- Promover a saúde através da atividade física.
- Proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento de valores de respeito ao próximo e a si mesmo.
- Adquirir hábitos de disciplina e concentração no trabalho individual e em grupo.

O respeito conquista-se e transmite-se com os comportamentos responsáveis de todos, com atitudes respeitadoras das regras do jogo e das decisões do árbitro, dos êxitos e dos fracassos da equipa, enfim, com o cumprimento das regras básicas de uma boa conduta cívica. Estes serão valores que promovem o desenvolvimento dos alunos, os quais pretendemos inculcar com a nossa atividade indo de encontro ao ponto 3.3.2. *“Objetivos específicos para melhorar o sucesso educativo – qualidade do desenvolvimento pessoal, social e profissional”*, presentes no Projeto Educativo da Escola no seu n.º 5 – *“Aumentar o envolvimento dos alunos na vida escolar”*.

Desta forma, o sucesso educativo na sua vertente de qualidade do desenvolvimento pessoal e social pode e deve ser feito, para além do espaço físico de uma aula, daí considerarmos que a atividade *“Torneio de Futsal”*, como se pôde verificar nos objetivos da mesma, além de atingir esse objetivo do Projeto Educativo da Escola, também foi de encontro à sua grande Meta que era *“Tornar a Escola numa escola de referência em termos de promoção do sucesso escolar e educativo”*, considerando que essa promoção só poderia ser feita se criássemos oportunidades para os alunos poderem vivenciar situações aliciantes, transformando o seu conceito de escola, num conceito de algo que lhes poderia proporcionar momentos agradáveis e ao mesmo tempo de aprendizagem.

Com o intuito de darmos a conhecer o *“Torneio de Futsal ESAG”* e de o divulgarmos de forma a conseguirmos reunir um número significativo de participantes, elaborámos um

Cartaz e fichas de inscrição das equipas/turmas alusivo ao mesmo e fichas de Autorização dos Encarregados de Educação. Enviámos através do correio interno da Escola, um e-mail, com um Convite dirigido a todos os Professores e Funcionários da Escola, para assistirem à nossa atividade.

As equipas foram constituídas até 10 elementos, sendo equipas masculinas ou femininas. A inscrição só foi considerada válida, após a receção da devida autorização do respetivo Encarregado de Educação.

Um dos pontos fortes da nossa atividade prende-se com a boa planificação, organização e estruturação da atividade, evitando a ocorrência de inatividade entre as mudanças de equipas/jogos possibilitando assim uma rentabilização do tempo de prática entre todos os participantes.

#### **4.1.2. Atividade “Passeio de BTT – Conhecer a Anta do Zambujeiro”**

À semelhança da atividade de Futsal, descrita anteriormente, esta enquadrou-se nos mesmos princípios e orientações do Projeto Educativo da Escola Secundária André de Gouveia e dos PNEF (2001).

A atividade em causa integra-se nas atividades físicas de exploração da natureza, que surge como uma das matérias dos PNEF, pertencente ao grupo das matérias alternativas. Apesar de esta matéria não estar definida no Projeto Curricular de Educação Física, uma vez que o grupo disciplinar não tinha projeto curricular específico, pois, apenas possuía um quadro de composição curricular, a mesma encontrou-se inserida no Plano Anual de Atividades do grupo disciplinar de Educação Física, que surgiu como uma das *“estratégias de execução, mais específicas, com a devida calendarização, (...) que se constituem como instrumentos consequentes no cumprimento dos objetivos e metas do Projeto Educativo”*. (PEE, 2010-2013. ESAG)

Os principais objetivos que traçámos para a atividade passaram por:

- Desenvolver as capacidades físicas e promover uma correta gestão do esforço;

- Levar alunos, funcionários e professores a conhecer o monumento “Anta Grande do Zambujeiro”, monumento megalítico localizado nas coordenadas  38° 32’ N 08° 00’ W, na Herdade da Mitra situada a 13 km da cidade de Évora.
- Proporcionar um dia de atividade física não formal fora do espaço geográfico da escola;
- Promover o convívio entre toda a comunidade escolar;
- Promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos;
- Promover a interdisciplinaridade com as disciplinas de História de Portugal e Geografia de Portugal;
- Desfrutar do contacto com a natureza e descobrir a importância da sua preservação;

Neste contexto, o BTT apresenta um extraordinário valor como atividade desportiva, pois, possui a capacidade de proporcionar momentos de prazer, tanto físico como psicológico. Tem também associada a componente cultural do espaço envolvente à sua prática, aliando-a aos aspetos do conhecimento e da descoberta, como por exemplo, a fotografia, a flora, a fauna, a paisagem, as populações locais, o estudo dos monumentos entre outros aspetos. Por estas e muitas outras razões, o BTT é uma modalidade aconselhada a todos.

Esta atividade foi organizada pelo Grupo de Educação Física e por uma das Turmas do Curso Tecnológico de Desporto. A referida decorreu ao longo da última semana de aulas do 2º Período. Neste sentido, o Núcleo de Estágio da ESAG, coadjuvados pelos respetivos orientadores, foram os organizadores e dinamizadores da atividade do último dia dessa semana, ou seja, dia 8 de abril, de 2011, último dia de aulas do 2º Período.

O passeio que nos propusemos desenvolver, teve início às 09.30 horas e término às 13.30 horas e teve a participação de 69 intervenientes, entre alunos e professores, dos quais 64 realizaram o percurso de bicicleta. A presença dos nossos congéneres espanhóis veio valorizar a atividade e acabou por ser um fator de motivação, para os alunos da ESAG aderirem ao Passeio.

Os objetivos propostos foram atingidos e superaram as nossas expectativas, pois para além dos descritos aquando do projeto da atividade, promoveu-se ainda o convívio entre alunos e professores, quer portugueses, quer espanhóis; proporcionou-se o envolvimento dos alunos na vida escolar, através da sua participação numa atividade da escola; houve cooperação e entreaajuda entre todos os participantes, incentivando-se e apoiando-se, uns aos outros, cumprindo sempre as regras de segurança; transmitiu-se e fomentou-se nos participantes o gosto pela prática de atividade física, nomeadamente a prática do BTT, no seu dia a dia;

O percurso do Passeio era do nosso conhecimento, por já o termos realizado, noutras circunstâncias. Havia a perfeita noção que o grau de dificuldade do traçado era simples, pois, não sabíamos qual o nível de condição física dos participantes, logo, optou-se por não ir a terrenos mais acidentados.

Há ainda a destacar, os feedbacks positivos que recebemos por parte de todos os professores e de muitos alunos que participaram no passeio. No decorrer da atividade tivemos aspetos positivos e outros menos positivos tais como:

Ótima colaboração e interação, estabelecida entre estagiários e professores do Grupo Disciplinar de EF, com especial envolvimento daqueles que participaram na atividade; a participação e colaboração da Direção da Escola, durante todo o processo de planeamento e realização da atividade; o apoio da Direção da Escola, através do fornecimento de lanches individuais, a participação e apoio do nosso convidado Domingos Janeirinho, foi uma mais-valia, quer a nível de apoio técnico e manutenção das bicicletas durante todo o percurso, quer na ajuda de reconhecimento do trajeto da atividade; o apoio da PSP, através do acompanhamento feito pelos Agentes da Escola Segura nos percursos urbanos, entre a ESAG e Santo Antonico, foi bastante importante proporcionando condições de segurança a todos os participantes; o apoio da Cruz Vermelha Portuguesa, que cedeu uma ambulância com três profissionais, os quais nos acompanharam durante todo o percurso, garantiu todas as condições de segurança aos participantes; a colaboração da empresa de atividades de ar livre “Desafio Sul”, na que nos cedeu a carrinha de apoio, a qual foi imprescindível para o transporte de material logístico; a colaboração do Curso de Audiovisual da ESAG, fazendo toda a

cobertura do passeio, através da captação de imagens de vídeo e fotográficas, que serviram de suporte ao relatório posteriormente realizado; a grande adesão de alunos e professores, uma vez que o número de participantes superou as expectativas.

De salientar a participação do grupo de alunos e professores espanhóis de uma escola profissional de Badajoz, que se encontravam na ESAG ao abrigo de um intercâmbio escolar; as condições climatéricas foram bastante favoráveis à realização da atividade, assim como, não se verificou qualquer contratempo que impedisse algum dos participantes de prosseguir a atividade de bicicleta; a realização da atividade no último dia de aulas do 2º Período permitiu que os alunos estivessem dispensados das atividades letivas; a boa capacidade, por parte dos professores, para resolução de situações imprevistas surgidas durante a atividade, as quais serão apresentadas mais à frente; a criação de um salutar ambiente de descontração e convívio, e ao mesmo tempo de interiorização de conhecimentos e aprendizagens.

Neste sentido, foi visível a clara motivação, empenho e diversão de todos os participantes ao longo da atividade.

#### **4.1.3. Atividade “Ação de Formação de Tag Rugby”**

Esta atividade assumiu características diferentes das anteriores, uma vez que esta ação de formação destinou-se ao grupo de EF. A modalidade de Rugby representava algum desconforto na maioria dos profissionais que integravam o grupo de EF. Desta forma surgiu da necessidade de encontrar uma solução para colmatar a lacuna. Daí que, como Estagiários, julgámos que ao promover esta ação, estaríamos a criar novas oportunidades e a proporcionar meios para o desenvolvimento desta matéria nas aulas de EF dos nossos Colegas de Departamento, assim como, nós próprios podermos usufruir destes conhecimentos para lecionarmos nas aulas com as nossas turmas.

A ação de formação decorreu no dia 9 de fevereiro de 2011, pelas 14.00 horas e teve lugar no Pavilhão da Escola.

Para a realização desta atividade, contactámos diretamente o Técnico responsável pela Associação de Rugby do Sul, a quem apresentámos os propósitos da realização de uma ação de formação de Tag Rugby, à qual este se mostrou desde logo disponível para colaborar.

A autorização para a sua realização foi obtida de imediato, apesar de esta ação não constar do Plano de Atividades aprovado em Assembleia Geral. Mas uma vez que a ação de formação em causa iria servir como formação complementar para os professores do Departamento de EF, não foram postos quaisquer entraves para a sua consecução.

Iniciámos então, a divulgação da Ação junto dos nossos colegas de Escola e dos Núcleos de Estágio pertencentes a outras Escolas. Dos professores do Departamento, de EF da ESAG, doze confirmaram a presença e demonstraram interesse em participar na atividade.

Esta ação de formação integrou-se num Projeto que está a ser desenvolvido pela Federação de Rugby de Portugal a nível nacional e que tem por nome “Projeto Nestum Rugby nas Escolas”. O mesmo está estruturado como forma de ser uma mais-valia para a divulgação, desenvolvimento e implementação desta modalidade nas escolas, desmistificando um pouco aquela imagem que existe de que *“O Rugby é um Desporto violento...”*; apresentar uma metodologia de ensino centrada no jogo e dar a conhecer a modalidade.

A ação desenvolveu-se em duas fases. Na primeira parte da atividade (componente teórica), foi feita a apresentação de um CD informativo sobre alguns aspetos importantes para a lecionação do “Tag Rugby” e do “Bitoque Rugby”. Neste ponto foram abordadas as variantes desta modalidade e as suas principais regras, os vários tipos de jogos, as estratégias, os materiais, dimensões do campo, número de elementos por equipa, etc.

Houve também, a transmissão e visionamento de alguns vídeos (pequenos filmes) sobre a modalidade, e o Formador relatou ainda, algumas situações que havia experienciado na abordagem ao “Tag” e ao “Bitoque” com crianças e jovens.

Também surgiu o momento para esclarecimento de algumas dúvidas, pois a maioria dos presentes nunca tinha abordado ou mesmo contactado de perto com esta modalidade, daí que as curiosidades e as questões a colocar fossem inúmeras.

Foi importante o relato de todo um conjunto de diretrizes importantes, a ter em conta, relativamente à abordagem e desenvolvimento da modalidade, assim como, foi interessante o diálogo acerca desta matéria, estabelecido entre os presentes.

Após a componente teórica, seguiu-se a segunda fase, que se realizou no Pavilhão Desportivo. Durante os exercícios propostos foram apresentados exemplos de situações práticas, os quais foram experimentados por todos os formandos. Foram essencialmente desenvolvidos exercícios em grupo, tais como situações de passe e receção, desmarcação, finta, etc.

Por fim, foi entregue a cada participante um “Diploma de Participação” na ação e CD’s com os conteúdos abordados na parte teórica.

De referir também que, com a realização desta ação o Departamento de EF da ESAG usufruiu ainda de um kit (dez “Tags” e cinco bolas de Rugby), para os Professores de EF poderem abordar a matéria nas suas aulas, sem limitações de material.

Foi entregue pelo Formador aos Professores Cooperantes, um documento (ficha de inscrição), que permite à ESAG constituir uma equipa de alunos para participar num jogo “Tag Rugby” inter-escolas, que iria ter lugar no mês de março, em Évora.

Pensamos que se proporcionou um ambiente e um relacionamento positivo entre os Professores presentes, desenvolvendo métodos e estratégias de ação numa modalidade ainda pouco desenvolvida e abordada nesta escola. Foi uma ação que permitiu informar, ensinar e dotar os participantes de um conjunto de instrumentos bastante úteis para o dia a dia nas suas aulas de EF.

Não restam dúvidas quanto à importância desta ação, que apesar de ter sido de “curta duração”, com certeza foi uma excelente forma de promover a formação dos Professores de EF da Escola.

## 4.2. Participação em atividades do grupo de EF

Participação em que a organização não foi da nossa responsabilidade.

### 4.2.1. Atividade “Mega Sprinter”

Esta atividade realizou-se no dia 2 de março de 2011, pelas 09.00 horas e teve lugar na Pista de Atletismo do Campo Exterior, da Escola Secundária André de Gouveia, a Fase de Escola do Mega Sprinter. A mesma foi desenvolvida pelo Departamento de EF e dinamizada pelo Professor Coordenador do Desporto Escolar com a colaboração de todos os docentes do Grupo Disciplinar e Estagiários da referida escola.

Assim, desde que nos foi solicitada a participação, mostrámos total disponibilidade em colaborar com o Grupo Disciplinar nesta atividade, apesar da mesma não fazer parte do nosso Plano de Atividades. Neste sentido, além de termos sido uma mais-valia no dia da realização da atividade, apoiando os colegas nas mais diversas tarefas, pudemos também ter contacto com esta realidade – fase escolar do mega sprint.

Ao participar nesta atividade, uma vez que todos tínhamos alunos apurados para a Fase de Escola, proporcionámos aos alunos uma motivação extra incentivando-os a usufruir da hipótese de desenvolverem as suas capacidades físicas de forma saudável, praticando uma modalidade tão completa como o Atletismo.

Cada docente, ao longo do mês de fevereiro, planificou aulas da matéria de Atletismo e durante as mesmas foi registando os resultados em fichas, dos alunos das suas turmas, referentes às disciplinas atléticas em causa, acontecendo o mesmo com as nossas planificações, que por este motivo tiveram que ser reajustadas consoante o espaço ocupado anteriormente “às provas”, para que quando as mesmas se realizassem os alunos de cada uma das turmas estivessem apurados para as três provas.

De acordo com a nossa perceção, consideramos que a Fase de Escola do Mega Sprinter correu bastante bem, com alguns aspetos positivos e outros menos positivos. Da nossa reflexão crítica após a realização do mesmo deparámos com um aspeto que infelizmente interferiu na condução da atividade. Salientámos a marcação de

avaliações por parte de colegas de outros Grupos Disciplinares, sendo esta uma atividade do Plano Anual de Atividades da Escola, logo estava prevista a sua realização.

Lamentámos também o facto, de os alunos do escalão de juniores não terem uma Fase Regional. Então, para quê fazer uma Fase de Escola com alunos deste escalão? Só para participarem? Julgámos, que é muito pouco como incentivo, como forma de atrair e motivar os alunos para a prática do Atletismo, participar por participar.

Outro dos aspetos que considerámos ser negativo, para a atividade, foi a questão de haver um número limitado de alunos por escalão, devido às regras nacionais de apuramento para o MegaSprint. Este facto condicionou o número de alunos que participaram na atividade, onde alguns dos apurados não compareceram, faltando muitos alunos em algumas provas, o que condicionou a dinâmica da atividade. Deste modo, em nossa opinião seleccionávamos mais alunos por turma e por escalão, para termos maior adesão no campeonato de escola, independentemente do apuramento para a Fase Regional.

Outro dos fatores negativos desta atividade foi a pré-definição do horário, no calendário afixado no placard da escola, que teve como implicação a redução do tempo das provas. Este aspeto levou a que a hora de início de cada prova por escalão etário se antecipasse. Deste modo, alguns alunos não estavam presentes aquando da realização da sua prova e quando compareceram para realizar a mesma, já era tarde. Pensamos que seria melhor não colocar o horário pré-definido das várias provas por escalão, mas sim e apenas a ordem das mesmas, por escalão, obrigando os alunos a estarem presentes junto ao recinto, durante toda a manhã.

Como aspetos positivos, destacamos a cooperação dos funcionários do Pavilhão (Sr. Pé Leve e D. Adelaide); a envolvência de todo o Grupo Disciplinar de EF; a colaboração dos alunos do clube de multimédia e a participação dos alunos da escola, tanto os atletas, como os espectadores.

Em suma, esta foi mais uma Atividade desenvolvida na ESAG, que proporcionou momentos de convívio, interação, empenho e aprendizagem entre alguns colegas de Grupo Disciplinar.

Pensamos que se proporcionou um ambiente e um relacionamento positivo entre todos os presentes.

Não restam dúvidas quanto à importância que um grupo de EF tem numa escola. A forma como consegue dinamizar qualquer atividade junto da população escolar, a dinâmica que trás desenvolvendo atividades no âmbito da Atividade Física e do Desporto. Não esquecendo que a mesma é do âmbito do Desporto Escolar (aquelas horas que, segundo se tem dito, num futuro bem próximo irão desaparecer dos horários letivos dos professores de EF e passarão a aparecer como horas não letivas).

## **Capítulo V - Desenvolvimento profissional ao longo da vida**

Neste capítulo irei debruçar-me sobre as questões relacionadas com a necessidade da investigação, por parte dos professores. Apontarei ainda a investigação por mim realizada, ao longo da PES, assim como a ação de formação efetuada e a experiência profissional que já tinha antes da ocorrência da mesma.

Segundo Lawrence Stenhouse, citado por Alarcão, I. (2001:23), *o desenvolvimento curricular de alta qualidade, efetivo, depende da capacidade dos professores adotarem uma atitude de investigação perante o seu próprio ensino.*

Deste modo, todo e qualquer docente deve revelar capacidade para investigar sobre as questões que o preocupam para o desenvolvimento da sua prática e para tentar solucionar os obstáculos com que se depara ao longo da sua carreira. Para além dessa capacidade de investigador, deve ainda saber colocar em prática os conhecimentos que foi buscar aquando da sua investigação. Só assim poderá evoluir e manter-se atualizado perante os conhecimentos que necessita deter, para desenvolver uma prática pedagógica com sucesso.

Por defender estes aspetos, ao longo da PES consultei documentos de leitura na internet, assim como outros documentos escritos, para aumentar os meus conhecimentos e aplicá-los aquando da planificação do ensino e lecionação da aula.

Marilyn, citado por Alarcão, I. (2001:24), *salientam a natureza epistemológica da investigação realizada pelos professores e admitem que, ao associar investigação e prática, pesquisa e reforma, se pode contribuir para aumentar o corpo de conhecimentos sobre o ensino. É a partir desta afirmação e pela minha experiência pessoal que considero que a investigação no ensino é essencial, pois se o professor se revelar um professor-investigador aumentará os seus conhecimentos, podendo colocá-los em prática, aumentando a qualidade do seu ensino, assim como a sua experiência e desenvolvimento profissional ao longo da vida. O bom professor é aquele que procura o sucesso da sua prática pedagógica, procurando estar atualizado e informado.*

Por outro lado, o que se defende hoje está alterado amanhã. Logo todo o docente, deverá manter-se atualizado, pois o ensino está em constante mudança, tanto a nível da forma de ensinar, como dos conteúdos, programas e metas a alcançar.

Por outro lado, Marilyn, citado por Alarcão, I. (2001:24), clarificam ainda três termos no que se refere à investigação que o professor deve realizar, sendo os mesmos: *pesquisa, intencional e sistemática. Ao referirem-se à pesquisa, consideram que “a investigação brota de questões ou gera questões e reflete os desejos dos professores para atribuírem sentido às suas experiências e vivências, para adotarem uma atitude de aprendizagem ou de abertura para com a vida em sala de aula”. O acento na intencionalidade põe em relevo o carácter planeado, e não espontâneo, da investigação (...) Finalmente, ao referirem-se a sistemática reportam-se a “processos organizados para recolher e registar informações, documentar experiências dentro e fora da sala de aula, registar por escrito observações realizadas, e repensar e analisar acontecimentos”.*

Ao pensarmos nestes aspetos que o autor refere e integrado nesta dimensão o Núcleo de Estágio da ESAG decidiu elaborar um Projeto de Investigação, na linha de investigação sobre a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas aulas de EF e as respetivas perceções e práticas dos Professores de Educação Física

face a essa inclusão. Este trabalho foi desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Clarinda Pomar, inserido na nossa PES, o qual passo a descrever.

## **5.1. Trabalho de Investigação - A inclusão de alunos com NEE nas aulas de EF**

### **5.1.1. Justificação do estudo**

A decisão da escolha do tema “Perceções e Práticas dos Professores de EF face à inclusão de alunos com NEE nas suas aulas”, recaiu essencialmente sobre a necessidade de sabermos mais sobre esta temática, pois estes alunos especiais são cada vez mais comuns nas aulas de ensino regular.

Com o estudo desenvolvido, pretendemos contribuir para uma melhoria do conhecimento e desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem com alunos com NEE em escolas e conseqüentemente, em aulas regulares, no sentido de irmos de encontro à cada vez mais emergente Educação Inclusiva, para no futuro podermos, mais eficazmente, fazer a integração e principalmente a inclusão de alunos com NEE, nas nossas aulas de EF.

### **5.1.2. Objetivos do estudo**

- 1) Conhecer e refletir sobre as perceções e as práticas que os professores de Educação Física possuem e implementavam nas suas aulas de forma a promover a inclusão de alunos com NEE nas suas aulas.
- 2) Quais as estratégias e ações práticas que os professores de EF utilizavam nas suas aulas para dar resposta à inclusão dos alunos com NEE.
- 3) Quais as dificuldades sentidas por estes (as) professores para concretizar essa inclusão.

### 5.1.3. Enquadramento teórico

Os desafios que a educação inclusiva coloca acentuam a necessidade de reformulação da formação e capacitação de todos os professores para lidarem com a diferença na sala de aula e na escola, visando uma orientação educativa flexível, contribuindo para uma melhoria das respostas de todos alunos, incluindo os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade (Rodrigues, 2006).

Nesta perspetiva, Ferreira (2009), refere que *a diferenciação Pedagógica tem como objetivo o sucesso educativo de cada um, na sua diferença. Assim, implica a utilização de estratégias diversificadas visando o maior sucesso possível para todos os alunos. Esta é uma preocupação importante numa escola que tem de ser para todos, constituindo um interessante desafio aos professores. Importará, depois de se voltar a refletir acerca do conceito de Diferenciação Pedagógica, repensar as estratégias de implementação.*

Neste sentido, em nosso entender, é importante que os professores para fazerem a inclusão de todos os alunos nas suas aulas se apropriem de múltiplas estratégias de atuação e sejam ao mesmo tempo conhecedores de práticas a fim de serem capazes de corresponder às necessidades específicas dos seus alunos, selecionando e adaptando as estratégias mais adequadas ao contexto da sua aula.

Naturalmente que a Educação Física enquanto disciplina curricular dos Ensinos Básico e Secundário, jamais poderá ficar à margem do processo de inclusão dos alunos com NEE, nas respetivas aulas. Mais ainda quando nos apercebemos que estes alunos especiais, na maioria das vezes são incluídos na turma, precisamente nas disciplinas práticas, ou seja, nas áreas das Expressões.

Ainda segundo Rodrigues (s/d), *a EF é julgada uma área importante de inclusão dado que permite uma ampla participação mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Este facto pode ser ilustrado com a omnipresença da EF em planos curriculares parciais elaborados para alunos com necessidades especiais. Ainda que conscientes das diferentes aptidões específicas de cada um, entende-se que a EF é capaz de suscitar*

*uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.*

No seguimento desta ordem de ideias, Ferreira (2009) defende que *as aulas de Educação Física proporcionam uma das principais formas de inclusão da criança com deficiência no ensino inclusivo, pois aprimora a capacidade de descoberta do aluno através das diferentes experiências motoras, que desenvolve a sua capacidade de pensamento, trabalhando a socialização e a afetividade com os colegas, aumentando assim a autoestima dos alunos com deficiência, facilitando o processo de inclusão.*

Na realidade compartilhamos a ideia de Rodrigues (s/d), pois é verdade que a Educação Física pode, com algum rigor e bastante investimento por parte dos professores, ser efetivamente uma área nobre para tornar a educação mais inclusiva e pode mesmo, ser um campo privilegiado de experimentação, de inovação e de melhoria da qualidade pedagógica da escola.

O processo da inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais nas escolas e nas aulas regulares, tem muito a beneficiar com as propostas metodológicas dos professores de Educação Física que, com criatividade, podem usar o corpo, o movimento, o jogo, a expressão e o desporto como oportunidades de celebrar a diferença e proporcionar aos alunos experiências que realcem a cooperação e a solidariedade (Rodrigues, s/d).

Soares (2006) revela que existem dificuldades, mas devemos ter esperança, sermos sensíveis e não colocarmos barreiras, para assim estarmos como educadores capacitados para trabalhar com a diferença e a diversidade em sala de aula.

#### **5.1.4. Metodologia**

O estudo utilizou instrumentos metodológicos de orientação fundamentalmente qualitativa, utilizando como instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada, por nós adaptada, a partir do guião da Entrevista do “Projeto IRIS”,

da Universidade de Évora (2007) (Anexo XIII). Posteriormente foi feita uma análise de conteúdo categorial temática.

A amostra foi constituída por 4 Professores de Educação Física. Estes já todos trabalharam e estavam a trabalhar com alunos com NEE.

A escolha destas escolas e dos professores de EF, em causa, nomeadamente o primeiro a ser entrevistado, não foi feita de forma aleatória, dado que essa escolha obedeceu a certos critérios, tais como, as escolas terem alunos com Necessidades Educativas Especiais integrados em turmas de ensino regular, na disciplina de EF e os professores serem ou terem sido recentemente docentes dessas turmas.

A análise dos dados das entrevistas foi feita individualmente, com a transcrição do conteúdo e posterior categorização. Foram analisados qualitativa e quantitativamente os dados, construindo-se tabelas para a apresentação dos mesmos relativamente a cada dimensão/tema/questão. Posteriormente foi feita a apresentação e discussão dos resultados e retiradas as respetivas conclusões.

Apresentámos e discutimos os resultados do estudo, que foram descritos, referente às Dimensões e Temas da entrevista utilizada para recolha de dados e construímos tabelas.

Através da análise das tabelas verificámos que para as diferentes Unidades de Contexto (UC), que correspondiam a cada um dos entrevistados, retirámos vários indicadores chave, de acordo com as ideias por si referidas (Unidades de Registo), relativamente a cada questão que lhe foi colocada.

Nessas tabelas a organização da informação das entrevistas foi exposta de forma a facilitar a análise de conteúdo das mesmas. Para cada uma das categorias (Dimensões) e suas respetivas subcategorias (Temas) foram retiradas as ideias (Unidades de Registo) e indicadores relativos às respostas dadas a cada uma das questões colocadas aos entrevistados - UC, podendo ser feita uma análise e comparação sobre as suas opiniões, pontos de vista e ações práticas.

### 5.1.5. Resultados e conclusões do estudo

Perante os dados apresentados concluiu-se que escola inclusiva é aquela que abrange, integra e inclui todos os alunos.

Analisando o que disseram os professores, podemos constatar que agrupam e adaptam as suas aulas às circunstâncias com que se deparam.

No ponto que se traduz em exigência e esforços adicionais para o professor, todos os entrevistados adotaram ideias diferentes, têm de estar mais atentos, dependente das características dos alunos, assim como o trabalho mais acrescido.

A ideia forte que podemos retirar depois de analisarmos a informação que os professores entrevistados apontavam, era que a disciplina de Educação Física, era uma mais-valia para a integração de alunos com NEE.

Podemos aferir relativamente às ideias apresentadas, que todos os docentes tinham alguém que os apoiava quando nas suas turmas havia alunos com NEE.

Verificámos diferentes perspetivas no que diz respeito à questão 6. Sendo que mais uma vez a autoestima foi referida, assim como a inclusão e a globalidade da disciplina de Educação Física, que através dos jogos, contacto desenvolvia o espírito desportivo.

Na questão que se referia aos principais obstáculos que encontravam numa aula de Educação, os docentes entrevistados apresentavam diferentes ideias, ou diferentes formas de enfrentar os obstáculos. Não deixando todos eles de apontarem pequenas necessidades que sentiam nas suas aulas. Salientando um deles que tinha uma intérprete presente, permitindo a tradução simultânea e facilitando a interpretação do que era transmitido pelo docente.

Todos os entrevistados referiram que as respetivas escolas têm diversos recursos, apesar de nem todos eles o utilizarem nas suas aulas.

Relativamente à última questão que questionava os principais benefícios ou mais-valias que as aulas com alunos NEE poderiam ter, havia respostas algo diferentes, apesar de a ideia forte que nós retirámos, ser a importância atribuída ao

relacionamento entre os pares (alunos normais e com NEE). Salientámos que um dos docentes afirma perentoriamente que os alunos com NEE, deveriam estar noutra turma e não incluídos nas turmas.

Em termos de conclusão o nosso trabalho levou-nos a pensar que ainda existe uma certa discrepância entre o que se concebe ser a inclusão de alunos com NEE nas aulas de currículo normal e as realidades sobre as atitudes, a formação e o apoio que os professores de Educação Física dispõem para concretizar a educação inclusiva.

Em suma, consideramos que a EF pode, com rigor e com investimento por parte dos seus profissionais, ser efetivamente uma disciplina chave para tornar a educação mais inclusiva e pode mesmo, ser um campo privilegiado de experimentação, de inovação e de melhoria da qualidade pedagógica na escola. O processo da inclusão de alunos com NEE tem muito a beneficiar com as metodologias e estratégias que são utilizadas na Educação Física, uma vez que podem usar a corpo, o movimento, o jogo, a expressão e o desporto como oportunidade para aceitar a diferença e proporcionar aos alunos experiências que desenvolvam a sociabilidade e realcem a cooperação e a solidariedade.

### **5.1.6. Implicações pedagógicas**

O nosso objetivo era precisamente saber algo mais sobre o tema, para deste estudo retirarmos algumas implicações pedagógicas no sentido de no futuro podermos agir corretamente, perante a presença de alunos com NEE, nas nossas futuras aulas de Educação Física.

A principal implicação pedagógica que os resultados deste estudo poderão produzir para o desenvolvimento da nossa prática profissional em Educação Física, está no facto de nos levar a verificar que o professor para promover a inclusão de alunos com NEE nas suas aulas, antes de se centrar e concentrar na ideia de que esse aluno tem de aprender o conteúdo e a matéria, deverá consciencializar-se de que o seu papel perante estes alunos e o papel da própria disciplina de Educação Física, devido às interações que implica, são elementos fundamentais e muito poderosos no processo

de socialização dos alunos NEE e também dos outros alunos, através da prática desportiva.

Outra das implicações pedagógicas que podemos inferir deste estudo, foi que o professor de Educação Física, independentemente das condições em termos de recursos humanos, materiais e espaciais, existentes ou não na sua escola, tem de ser capaz de se adaptar a essa realidade e integrar os alunos com NEE nas aulas regulares. Tem de ser capaz de encontrar soluções no momento da resolução de problemas concretos de planeamento, intervenção ou avaliação.

Mais uma das implicações pedagógicas que retirámos do estudo foi o facto de considerarmos que os programas nacionais de Educação Física deveriam estar adaptados a esta circunstância, ou seja, deveriam prever a inclusão de alunos com NEE, quer a nível de referência a competências/matérias adequadas, quer a nível da adequação do processo de avaliação.

Como implicação pedagógica temos também o facto de os auxiliares que acompanham os alunos com NEE, nas aulas de Educação Física não possuírem formação específica e especializada para tal, implicando um esforço acrescido para o professor e acréscimo de atenção dirigida a esses alunos.

Não podíamos deixar de considerar uma implicação pedagógica relevante que foi o facto de o professor ter de ir à procura de formação (contínua) específica, para que essa falta de formação não se torne um obstáculo para a lecionação das aulas com os alunos NEE.

Por último, uma implicação pedagógica a considerar foi a de que o professor deverá ter uma atitude positiva perante a inclusão dos alunos com NEE nas aulas, no sentido de conseguir inculcar aos outros alunos o respeito pela diferença, a tolerância e a aceitação do facto de que estes alunos requerem muita atenção do professor.

## **5.2. Descrição da Prática Pedagógica da Licenciatura no 2º Ciclo e Experiências do 1º Ciclo na Área de Educação Física**

No decorrer da Licenciatura no Instituto Superior de Educação de Beja, realizei várias observações a aulas de colegas, em várias escolas do qual resultaram relatórios com as devidas reflexões. Após ter tido várias didáticas com avaliação positiva, passámos à Prática Pedagógica, lecionada na Escola EB2/3 de Santiago Maior, onde trabalhamos sempre por blocos, durante mês e meio.

Lecionei apenas as modalidades de ginástica de aparelhos e ténis, numa turma de 5º ano e observei as aulas da minha colega de estágio, que lecionou as mesmas modalidades a uma turma de 6º ano. Foi uma experiência enriquecedora, porém senti necessidade de lecionar mais modalidades que não as mencionadas atrás e durante mais tempo. Deste modo observei ainda algumas aulas de outros colegas de estágio, noutras escolas, das quais trocávamos experiências e planificações. Realizei ainda um pequeno trabalho de investigação com o título “A perceção dos outros professores relativamente aos professores de EF”.

Após ter terminado o grau de Licenciatura, lecionei sempre no 1º ciclo do ensino básico, onde a minha experiência na área de EF tem sido lecionar as aulas de Expressão Motora aos alunos das turmas que tenho tido em cada ano letivo, dos vários anos de escolaridade. Deste modo tenho trabalhado o programa do 1º ciclo e com faixas etárias muito distantes das que trabalhei aquando da PES do Mestrado.

Após ter trabalhado o planeamento por etapas aquando da PES no Mestrado e ter tido a possibilidade de o comparar com o planeamento por blocos, trabalhado aquando da Prática Pedagógica da Licenciatura, percebi que o planeamento por etapas tem muitas mais vantagens que o planeamento por blocos, ficando este último completamente desajustado para mim. O primeiro é menos monótono, tanto para os alunos como para o professor, dando às aulas uma maior dinâmica de ensino e aprendizagem, que o segundo não pode dar. Promove nos alunos maior entusiasmo e surpresa perante as aulas, pois querem sempre saber as modalidades que se vão trabalhar na aula seguinte, podendo ser estas de maior ou menor interesse para os alunos que gostam



mais ou menos da disciplina de EF. As mesmas têm que ser bem escolhidas, tanto a nível de espaço como até a nível de preferências dos alunos, para que os mesmos não se desmotivem. Outro dos fatores positivos do primeiro é a possibilidade de haver transferências de aprendizagens de uma modalidade trabalhada numa aula, para outra modalidade trabalhada em outras aulas.

## Capítulo VI – Conclusões

Penso que a minha evolução em termos da prática letiva foi bastante positiva, pois fez com que me deparasse com situações às quais não estava habituada na minha função docente. Nomeadamente no que se refere aos comportamentos bastante desviantes por parte de alguns alunos, as quais foram um desafio constante para mim, pondo em causa as minhas competências a nível profissional e até pessoal, as quais consegui solucionar cada vez melhor. Por vezes senti dificuldade em distanciar-me da forma de docente que adoto há alguns anos, ao trabalhar com alunos de outra faixa etária. A transição tornou-se no início difícil, facto este que fui melhorando à medida que conhecia os alunos e me apercebia que a atitude teria que ser diferente com a faixa etária que estava a trabalhar no momento (3º ciclo e secundário).

Muito tenho a agradecer aos professores orientadores da escola e da universidade, que me ajudaram bastante, realizando críticas construtivas e reflexões após as aulas. Essas reflexões foram uma mais-valia para a minha evolução, conseguindo ver de fora as minhas falhas, para que eu as conseguisse melhorar.

Tive que realizar várias pesquisas e observações para alcançar conhecimentos de algumas modalidades, que estavam mais esquecidas e das quais senti necessidade de didática. Contudo, penso que consegui ultrapassar as dificuldades que me surgiram ao longo do ano com sucesso. Foi um ano letivo difícil, pois para além da PES, tinha funções docentes numa escola de lugar único, com quatro anos de escolaridade, no entanto proveitoso a todos os níveis.

Porém, o estágio não se resumiu apenas a lecionação de aulas, mas a outras atividades decorrentes na escola, tais como as apresentadas no capítulo IV, as quais gostei muito de intervir, pois é um dos aspetos que mais gosto nas escolas. Revivi tempos de escola onde também entrava nestas atividades e me davam bastante gozo. Enfim é desta área de que eu gosto e por motivos alheios a concursos não estou a lecionar.

Em suma, considero que o trabalho desenvolvido foi positivo e proveitoso. No entanto, com algumas controvérsias relativamente a algumas questões de comportamento, mas que fazem parte do ensino e que foi uma mais-valia ter turmas difíceis em altura



de estágio, pois põe-nos um pouco à prova. Foi uma experiência muito enriquecedora, a qual gostei muito.

## Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2002). A avaliação das Aprendizagens no Ensino Básico. In P. Abrantes e F. Araujo (Coords), *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das Aprendizagens, das conceções às práticas* (pp.7-16). Lisboa: Ed. Do Ministério da Educação.
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In B. P., Campos (org.), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior. Cadernos de Formação de Professores*, 1 (pp.21-30). Porto: Porto Editora.
- Bento. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 2ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. 3ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte.
- Borrvalho, A. (2002). *Didática da Matemática e Formação Inicial: Um Estudo com Três Futuros Professores*. Tese de Doutoramento não publicada. Évora: Universidade de Évora.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Fatores de Ensino-Aprendizagem Associadas ao Êxito numa Unidade de Ensino*. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa: Ciências da Educação, Edições FMH.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.
- Costa, A., et al (2006). *Promoção da escola inclusiva em Portugal: Fundamentos e sugestões*. Extraído de <http://www.malhatlantica.pt/ecae/cm/Inclusao.htm> em 3 de janeiro de 2011.

- Crum, Bart (2002). Funções e Competências dos Professores de Educação Física: Consequências para a formação inicial. *Boletim SPEF*, 23, 61-76.
- Ferraz, J. et al (1994). A Avaliação Criterial /Avaliação Normativa. I.I.E. *Pensar Avaliação, Melhorar a Aprendizagem*. Lisboa: I.I.E
- Ferreira, A. (2009). *A Diferenciação Pedagógica nas Aulas de Educação Física em Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo. A Perspetiva dos Professores de Educação Física*. Tese de Mestrado. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001a). *Programas de Educação Física do 10º, 11º e 12º anos*. Editorial do ME/DES.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001b). *Programas de Educação Física do Ensino Básico 3º Ciclo*. Lisboa: Editorial do ME/DES.
- Lima-Rodrigues, L. (Coord.), Ferreira, A., Trindade, A., Rodrigues, D., Colôa, J., Nogueira, J. et al. (2007). *Percursos de Educação Inclusiva em Portugal: dez estudos de caso*. Lisboa: Fórum de estudos de Educação Inclusiva.
- Peralta, M. H. (2002). Como avaliar competências? Algumas considerações. In P.Abrantes e F.Araujo (Coords), *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das aprendizagens, das conceções às práticas*. Lisboa. Ed. Do Ministério da Educação.
- Piéron M. (1982). Effectiveness of teaching a psychomotor task. Study in a micro-teaching setting. In M.Piéron & J. Cheffers (Eds) (pp.30, 65), *Studying the teaching in physical education*. AIESEP, Liège.
- Proposta e Fundamentação dos critérios de avaliação em Educação Física (2010/11). Departamento da Escola Secundária André de Gouveia. Évora.
- Projeto Educativo da ESAG (2010-1013). Escola Secundária André de Gouveia. Évora.
- Ribeiro, L. C. (1990). *A avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

- Rodrigues, D. (2003). A Educação Física perante a Educação Inclusiva: *reflexões conceptuais e metodológicas* - *Boletim SPEF*, 24/25, 73-82.
- Rodrigues, D. (2006). Dez ideais (mal) feitas sobre Educação Inclusiva. In D. Rodrigues (ed.), *Educação Inclusiva. Estamos a Fazer Progressos?* Lisboa: FMH. Edições.
- Rosado, A. (s/d). Planeamento da Educação Física: Modelos de Lecionação. Extraído de [http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021\\_ficheiros/frame.htm](http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm) em 3 de janeiro de 2011.
- Soares, R. (2006). Inclusão ou integração? Educar para a vida. *Abc Educatio*. Nº 59 setembro.
- Zabalza, M. (2002). *O desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

# ANEXOS

# ANEXO I

Questionário para caracterização das turmas

**Escola Secundária André de Gouveia**  
**Núcleo de Estágio de Educação Física**  
 Ano Lectivo 2010/2011  
**CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**  
 Este inquérito é confidencial

**DADOS BIOGRÁFICOS**

Nome:		Ano:	Turma:	N.º
Data de nascimento:	/ /	Idade:	Naturalidade:	
Morada:				
CP:		Concelho:		
Telefone:	Telemóvel:	Email:		

**ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO**

Nome:		Parentesco:		
Idade:		Naturalidade:		
Morada:				
CP:		Concelho:		
Telefone:	Telemóvel:	Email:		
Profissão:		Telefone do emprego:		
Situação Profissional Actual: (Assinala com X) <input type="checkbox"/> Efectivo <input type="checkbox"/> Contratado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Desempregado				

**AGREGADO FAMILIAR** (pessoas com quem vive)

Parentesco	Idade	Habilitação Escolar	Profissão	Situação Profissional

Os teus pais: (Assinala com X)  
 Estão ausentes   
 Estão separados   
 A mãe faleceu   
 O pai faleceu

**OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES**

Actividades a que te dedicas fora da escola:				
Quais os teus desportos preferidos?				
Praticas alguma modalidade fora da escola? Qual?				
És federado em alguma modalidade desportiva? Qual?				
Depois das aulas o que mais gostas de fazer?				(Assinala com X)
Desporto		Ver TV		Videojogos
Estudar		Ler		Internet
Ouvir musica				
Estar com amigos				
Outras:		Quais?		

**NA ESCOLA** (Assinala com X)

Gostas de estudar?	Sim		Não		Às vezes		Quando?
Gostas da tua escola?	Sim		Não		Porquê?		
Quais as disciplinas preferidas?							
Quais as que gostas menos?							
Actividade (s) que gostarias de fazer:							
Gostas das aulas de Educação Física? Sim _____ Não _____							
Porquê?							
Qual é a actividade da disciplina de Educação Física que gostas mais?							
Qual é a actividade da disciplina de Educação Física em que te sentes mais à vontade?							
Que tipo de actividade preferes ver dinamizada nas aulas teóricas de EF? (Assinala com X)							
Trabalho de grupo		Aulas expositivas		Fichas de trabalho		Pesquisa	
Outras:		Quais?					

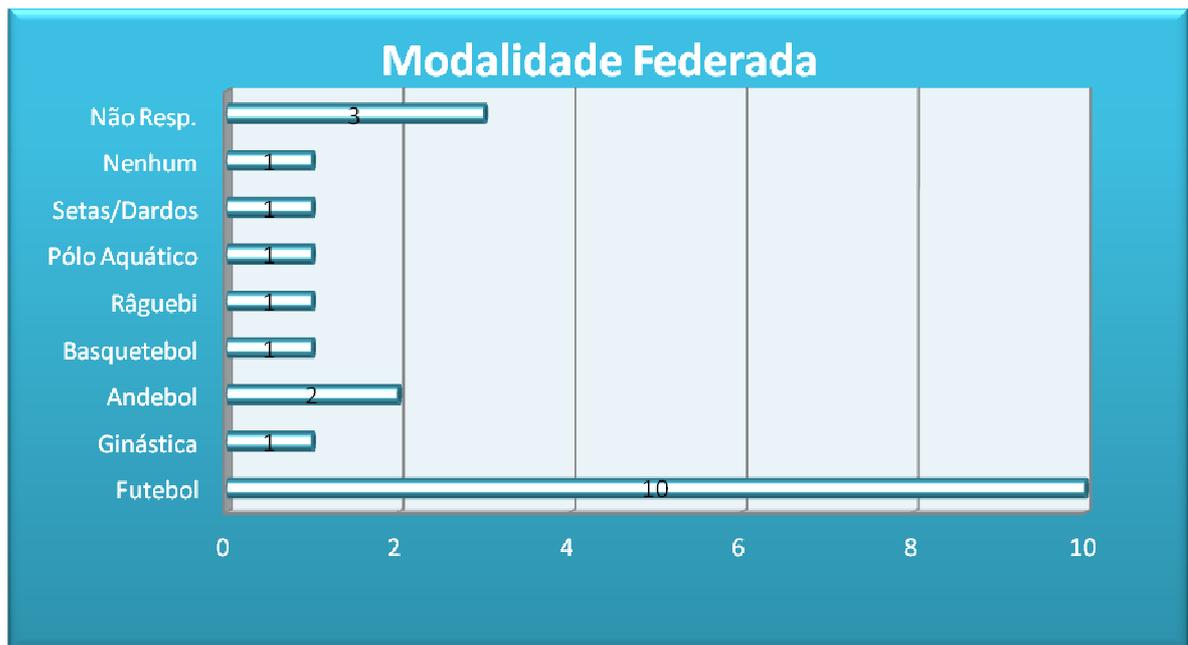
**SAÚDE/ALIMENTAÇÃO** (Assinala com X)

Tens alguma dificuldade?	Visual		Auditiva		Motora		Fala	
Outras:		Quais?						
Tens alguma Alergia? Qual?								
A que horas te costumas deitar?				Número de horas de sono:				
Onde tomas o pequeno-almoço?								
Onde almoças normalmente?								
Quantas refeições fazes por dia?								
Quais os alimentos que normalmente costumas comer às refeições?								

Modalidades Praticadas	5º e 6º Ano (2º Ciclo)	7º, 8º, 9º (3º Ciclo)/10º Anos
FUTEBOL		
VOLEIBOL		
BASQUETEBOL		
ANDEBOL		
GINASTICA NO SOLO		
GINASTICA DE APARELHOS		
GINASTICA ACROBÁTICA		
ATLETISMO		
BADMINTON		
TÉNIS DE MESA		
TÉNIS DE CAMPO		
PATINAGEM		
HÓQUEI EM PATINS		
DANÇA / AERÓBICA		
JOGOS TRADICIONAIS		
ORIENTAÇÃO		
RAGUEBI		
DESPORTOS DE COMBATE		
NATAÇÃO		
CORFEBOL		
ESCALADA		
OUTRA (diz qual)		

# ANEXO II

Quadro das Modalidades Federadas dos alunos da turma de 11<sup>º</sup>  
ano



Quadro 3

No quadro 3 (Modalidade Federada), podemos concluir que nesta turma existem muitos alunos federados na modalidade de Futebol, quase que metade da turma. Os restantes alunos são federados em diversas e diferentes modalidades desportivas e apenas quatro dos alunos não são federados em nenhum desporto.

# ANEXO III

Planos Anuais de Turma

1º Período – 11º Ano	Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD/nº aulas	Objectivos/Observações(*)
	1	1/2	13/09	Exterior2	Apresentação	Preenchimento das fichas biográficas dos alunos
	1	3/4	17/09	Pavilhão2	Fitnessgram	
	1	5/6	20/09	Pavilhão2	Fitnessgram	
	1		24/09	Exterior1		* Falta por parte do professor da turma
	1	7/8	27/09	Pavilhão1	Ginástica solo 1ª	Escolha das matérias preferidas pelos alunos
	1	9/10	01/10	Pavilhão1	Ginástica 2ª/ Basquetebol 1ª	Avaliação Inicial
	1	11/12	04/10	Exterior2	Futebol 1ª	Avaliação Inicial
	1	13/14	08/10	Exterior2	Andebol 1ª	Avaliação Inicial
	1	15/16	11/10	Pavilhão2	Badminton 1ª	Avaliação Inicial
	1	17/18	15/10	Pavilhão2	Voleibol 1ª	Avaliação Inicial
	1	19/20	18/10	Exterior1	Atletismo(Salto compr., corrida estafetas, lanç peso) 1ª	Avaliação Inicial
	1	21/22	22/10	Exterior1	Atletismo( Corrida barreiras e de velocidade) 1ª	Avaliação Inicial
	2	23/24	25/10	Pavilhão1	Ténis 1ª/Futebol 2ª	Ténis – PI(4.1;4.2;4.3) /Futebol – PI (1.; 1.1; 1.2; 1.2.1.); PE(1.; 2.1; 2.2; 2.2.1;)
	2	25/26	29/10	Pavilhão1	Atlet.(Salto Altura) 1ª/Ginást.S. 3ª/Andebol 2ª	Atlet.-PI (2.2);PE(2.2)/Ginást.S.(revisão das matérias do NI) /Andebol-PI(2;4.1.1;4.1.2)
	2	27/28	05/11	Exterior2	Basquetebol 2ª/Voleibol 2ª	Basquetebol /Voleibol PI (2; 3);
	2	29/30	08/11	Pavilhão2	Futebol 3ª/Badminton 2ª	Futebol PI (1.; 1.1; 1.2; 1.2.1.); PE(1.; 2.1; 2.2; 2.2.1;) /Badminton
	2	31/32	12/11	Pavilhão2	Voleibol 3ª/Andebol 3ª	Voleibol PI (2;3) ;/Andebol - PI(2;4.1.1;4.1.2)
	2	33/34	15/11	Exterior1	Atletismo 2ª/Rãguebi 1ª	Atletismo/Rãguebi
	2	35/36	19/11	Exterior1	*Atletismo/Futebol	*A aula não se realizou devido às condições climatéricas – aula alternativa de Ténis Mesa
2	37/38	22/11	Pavilhão1	Futebol 4ª/Ginást.Aparelhos 1ª	Futebol PI (1.2.3; 1.3;1.4) ; PE (2.1.3; 2.1.4)/Ginást.Aparelhos	
2	39/40	26/11	Pavilhão1	Danças Modernas/Aeróbica 1ª/Rãguebi 2ª	Danças Modernas/Aeróbica/Rãguebi	
2	41/42	29/11	Exterior2	*Pesq.net/Aula teórica/Voleibol 4ª/Ténis Mesa 1ª	A Saúde e a prática de Actividade Física -	
2	43/44	03/12	Exterior2	Basquetebol 4ª/Andebol 4ª	Basquetebol/Andebol- PI(2;4.1.1;4.1.2) no P2 devido às condições climatéricas	
2		06/12	Pavilhão2	Futebol/Badminton – passou para a aula seguinte	* Falta por parte do professor da turma	
2	45/46	10/12	Pavilhão2	Voleibol/Corfebol subst.Futebol 5ª/Badminton 3ª	*Substituída por Futebol/Badminton	
2	47/48	13/12	Exterior1	Apresent.Trabalhos/ Auto-avaliação	A Saúde e a prática de Actividade Física/ Auto-avaliação.	
		17/12	Pavilhão	Torneio de Futsal		
Aulas Previstas			Aulas Dadas			
50			48			

Etapa 1 – Avaliação Inicial      Etapa 2 – Aprendizagem e Desenvolvimento

Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD	Objectivos/Observações
2	51/52	03/01	Pavilhão1	Andebol 5ª/Ténis 2ª	Andebol 5ª/Ténis 2ª
2	53/54	07/01	Pavilhão1	Atlet.2ª/ Ginást.Acrobática 1ª/Futebol 6ª	Atlet.2ª/ Ginást.Aparelhos 1ª/Futebol 6ª
2	55/56	10/01	Exterior2	Voleibol 5ª/Basquetebol 5ª	* Falta por parte do professor da turma
2	57/58	14/01	Exterior2	Basquetebol 6ª/Orientação 1ª	Basquetebol 6ª/Voleibol 6ª
2	59/60	17/01	Pavilhão2	Futebol 7ª/Badminton 4ª	Basquetebol 7ª/Badminton 4ª
2	61/62	21/01	Pavilhão2	Voleibol 6ª/Corfebol 1ª	Badminton 4ª/ Futebol 7ª
2	63/64	24/01	Exterior1	Atletismo 2ª/Râguebi 3ª	Atletismo 2ª/Râguebi 3ª
2	65/66	28/01	Exterior1	Orientação 2ª/Futebol 8ª	Atletismo(corrída de velocidade); Basquetebol; Futebol –Planificou-se Atletismo e Râgue
2	67/68	31/01	Pavilhão1	Andebol 6ª/ Badminton 5ª	Andebol 6ª/ Badminton 5ª
2	69/70	04/02	Pavilhão1	Atletismo 3ª/Futebol 9ª	Atletismo 3ª/ Ginást.Aparelhos 2ª/ Futebol 9ª
2	71/72	07/02	Exterior2	Pesquisa net/Aula teórica	Basquetebol 8ª/ Atletismo (corrída de velocidade e salto em comprimento)
2	73/74	11/02	Exterior2	Basquetebol 8ª/Voleibol 7ª	Râguebi 4ª/Atletismo ( corrída de resistência- Mega Km)
2	75/76	14/02	Pavilhão2	Andebol 7ª/Badminton 6ª	Andebol 7ª/Badminton 6ª
3	77/78	18/02	Pavilhão2	Voleibol 8ª/Corfebol 2ª	Voleibol 8ª/ Futebol 10ª
3	79/80	21/02	Exterior1	Atletismo 3ª/Râguebi 4ª	Atletismo 3ª/ Corfebol 1ª
3	81/82	25/02	Exterior1	Atletismo 4ª/Futebol 10ª	Atletismo 4ª/Futebol 10ª/Basquetebol 9ª
3	83/84	28/02	Pavilhão1	Basquetebol 9ª/ Ginást.Aparelhos 2ª	Basquetebol 10ª/ Ginást.Aparelhos 2ª
3	85/86	04/03	Pavilhão1	Ginást.Acrobática 2ª/Basquetebol 10ª	Ginást.Acrobática 1ª/Basquetebol 10ª
07/03 Interrupção do Carnaval					
3	87/88	11/03	Exterior2	Voleibol 9ª/Basquetebol 11ª	Andebol/Futebol/Condição Física/Voleibol *Foi dada aula teórica
3	89/90	14/03	Exterior2	Andebol 8ª/Voleibol 9ª	Andebol/Corfebol/Condição Física/Voleibol *Retirou-se o Voleibol
3	91/92	18/03	Pavilhão2	Futebol 11ª/Badminton 7ª	Aeróbica/Voleibol/Andebol/Condição Física* Foi incluído Basquetebol
3	93/94	21/03	Exterior1	Atletismo 6ª/Futebol 12ª	C.F./Atletismo(corrída estafetas, lançamento peso, salto compr.)/Futebol/Basquetebol
3	95/96	25/03	Exterior1	Atletismo 5ª/Orientação3ª	Atletismo
3	97/98	28/03	Pavilhão1	Voleibol 10ª/Corfebol 3ª	Basquetebol/Badminton/Ginástica Solo e Aparelhos
3	99/100	01/04	Pavilhão1	Danças Modernas/Aeróbica 3ª/Râguebi 5ª	*Não houve aula devido aos alunos irem a uma visita de estudo
3	101/102	04/04	Exterior2	Apresent.Trabalhos/Auto-Avaliação	Auto-Avaliação/ Organização da Semana Olímpica
		08/04		Passeio de BTT	Passeio de BTT
Aulas Previstas		Aulas Dadas			
102					
Etapa 2 – Aprendizagem e Desenvolvimento				Etapa 3 – Desenvolvimento e Aplicação	

3º Período – 11º Ano	Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD	Objectivos/Observações
	3	103/104	29/04	Pavilhão2	Futebol 13ª/ Ginást.Aparelhos 3ª/Acrobática 3ª	Voleibol/ Danças Moder./Aerób./Futebol/ Ginást. Acrobática 1ª
	3	105/106	02/05	Exterior1	Pesquisa net/Aula teórica	Orientação 1ª/Futebol/Basquetebol
	3	107/108	06/05	Pavilhão2	Voleibol 11ª/Futebol 13ª	Voleibol/ Danças Moder./Aeróbica 3ª/Futebol/Acrobática
	4	109/110	09/05	Pavilhão1	Andebol 9ª/Basquetebol 12ª	Andebol/Ginástica Acrobática/Solo/Atletismo
	4	111/112	13/05	Pavilhão1	Judo/Futebol/Condição Física	Judo/Condição Física
	4	113/114	16/05	Exterior2	Fitnessgram/Futebol	Fitnessgram
	4	115/116	20/05	Exterior2	Fitnessgram/Basquet.13ª	Fitnessgram/Basquetebol/Futebol
	4	117/118	23/05	Pavilhão2	Corfebol 4ª/Badminton 8ª/Ténis 3ª	Corfebol/Badminton/Condição Física
	4	119/120	27/05	Pavilhão2	Basquetebol 14ª/Voleibol 12ª	Voleibol/Basquetebol
	4	121/122	30/05	Exterior1	Atletismo 7ª/ Orientação 2ª	Atletismo/Orientação
	4	123/124	03/06	Exterior1	Atletismo 8ª/Rãguebi 6ª	Atletismo
	4	125/126	06/06	Pavilhão1	Teste teórico/Corfebol 5ª	Aula teórica Semelhanças e diferenças entre Educação Física e Desporto/ Pesquisa net/ Auto-Avaliação/Ginástica Solo/Basquetebol/Futebol
	4	127/128	13/06	Pavilhão1	Ténis3ª/ Ginást.Aparelhos 4ª/Acrobática 4ª/ Badminton	Corfebol/Ginást.Aparelhos/Futebol
	4	129/130	17/06	Exterior2	Orientação 3ª/Auto-Avaliação	Atletismo (salto em altura) /Ginástica Acrobática/Basquetebol/Futebol
	4	130/131	20/06	Pavilhão2	Aula livre(modalidades à escolha dos alunos)	
	Aulas Previstas	Aulas Dadas				
	126					

Etapa 3 – Desenvolvimento e Aplicação

Etapa 4 – Aplicação e Consolidação

1º Período – Curso Profissional	Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD	Objectivos/Observações
	1	73/74	17/09	Pavilhão2	Apresentação/ Fitnessgram	Preenchimento das fichas biográficas dos alunos
	1		24/09			Falta por parte do professor
		75/76	01/10	Pavilhão1	Ginástica solo 1ª	Avaliação Inicial
	1	77/78	08/10	Exterior2	Basquetebol 1ª/Andebol 1ª	Avaliação Inicial
	1	79/80	15/10	Pavilhão2	Voleibol 1ª	Avaliação Inicial
	1	81/82	22/10	Exterior1	Atletismo 1ª	Avaliação Inicial
	1	83/84	29/10	Pavilhão1	Futebol 1ª/Badminton 1ª	Avaliação Inicial
	2	85/86	05/11	Exterior2	Basquetebol 2ª/Voleibol 2ª	Basquetebol -1.2; 1.5;/Voleibol – 2;3;
	2	87/88	12/11	Pavilhão2	Futebol 2ª/Badminton 2ª	Futebol - 1.1; 1.2; 1.4;/Badminton – 1.1; 2; 3;
	2	89/90	19/11	Exterior1	Atletismo 2ª/Râguebi 1ª	Atletismo – Obst; 1.3;/Râguebi – 1-1.1; 1.2; 1.4;
	2	91/92	26/11	Pavilhão1	Ginást.Aparelhos 1ª/Râguebi 2ª	Ginást.Aparelhos – 1;3;4;/Râguebi – 1-todo; S.Ex;
	2	93/94	03/12	Exterior2	Basquetebol 3ª/Andebol 2ª	Basquetebol – 1.2;1.5; S.Ex./Andebol – 2;4;
	2	95/96	10/12	Pavilhão2	Pesquisa net/Aula teórica/Auto-Avaliação	No caso da aula teórica já ter sido dada, será leccionada as matérias de Badminton e Futebol. Badminton – 1.1; 2; 3; S.Ex./Futebol - 1.1; 1.2; 1.3; 1.4; S.EX.
			17/12	Pavilhão	Torneio de Futsal	
Aulas Previstas		Aulas Dadas				
24						

Etapa 1 – Avaliação Inicial	Etapa 2 – Aprendizagem e Desenvolvimento
-----------------------------	--

2º Período – Curso Profissional	Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD	Objectivos/Observações
	2	97/98	07/01	Pavilhão1	Ginást. Solo 2ª/Acrobática 1ª/Futebol 3ª	Ginást. Solo 2ª/Aparelhos 2ª/Futebol 3ª
	2	99/100	14/01	Exterior2	Voleibol 3ª/Andebol 3ª	Andebol 3ª/Basquetebol 4ª
	2	101/102	21/01	Pavilhão2	Basquetebol 4ª/Desportos Combate 1ª	Voleibol 3ª/ Badminton 4ª
	2	103/104	28/01	Exterior1	Atletismo 3ª/Futebol 3ª	*Aula teórica capacidades motoras condicionais e coordenativas
	2	105/106	04/02	Pavilhão1	Ginást. Solo 3ª/Aparelhos 2ª /Futebol 4ª	Ginást. Aparelhos 3ª/Futebol 4ª
	2	107/108	11/02	Exterior2	Basquetebol 5ª/Andebol 4ª	Atletismo4ª(Corrída de Velocidade e Salto em comprimento) apur. Megas/Basquetebol5ª
	2	109/110	18/02	Pavilhão2	Danças Modernas/Aeróbica 1ª/Râguebi 3ª	Danças Modernas/Aeróbica 1ª/Râguebi 3ª/Badminton 5ª
	3	111/112	25/02	Exterior1	Orientação 1ª/Futebol 4ª	Atletismo 4ª(Corrída de Barreiras)/ Futebol 5ª
	3	113/114	04/03	Pavilhão1	Ginást. Solo 4ª/Aparelhos 3ª/Badminton 3ª	Ginást. Solo 4ª/Aparelhos 3ª/Basquetebol 6ª
Interrupção do Carnaval						
3	115/116	11/03	Exterior2	Andebol 5ª/Basquetebol 6ª	Andebol 4ª/Futebol 6ª/Voleibol 4ª/ Condição Física	
3	117/118	18/03	Pavilhão2	Futebol 5ª/Desportos Combate 2ª	Basquetebol 7ª/ Râguebi 4ª/Futebol 7ª/Condição Física	
3	119/120	25/03	Exterior1	Atletismo 5ª/ Futebol 8ª	Ténis de Mesa	
3	121/122	01/04	Pavilhão1	Pesquisa net/Aula teórica/Auto-Avaliação	Como a aula teórica já tinha sido leccionada foi dada uma aula de Badminton 6ª/Ginástica Aparelhos 4ª/Solo 5ª/Andebol 5ª/Voleibol 5ª/Auto-Avaliação, tal como panificado.	
3		08/04		Passoio de BTT		
Aulas Previstas		Aulas Dadas				
26						
Etapa 2 – Aprendizagem e Desenvolvimento				Etapa 3 – Desenvolvimento, Aplicação e Consolidação		

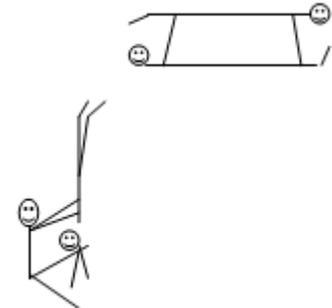
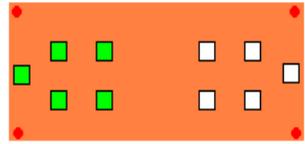
3º Período CP	Etapa	Aula	Dia	Espaço	Matérias/UD	Objectivos/Observações
	3	123/ 124	29/04	Pavilhão2	Danças Modernas/Aeróbica 3ª/Râguebi 5ª	Danças Modernas/Aeróbica 3ª/Ginástica de Solo/Acrobática/Basquetebol
	3	125/ 126	06/05	Exterior1	Atletismo 5ª/Orientação 2ª/ <b>Fitnessgram</b>	*Estas duas aulas inicialmente planificadas não se realizaram (JUSTIFICADAS ACIMA NO RELATÓRIO).
	3	127/ 128	13/05	Pavilhão1	<b>Pesquisa net/Aula teórica</b> /Auto-Avaliação	
Aulas Previstas		Aulas Dadas				
6						

Etapa 3 – Desenvolvimento, Aplicação e Consolidação

# ANEXO IV

Exemplo de Plano de Aula

<b>Local/espço:</b> Pavilhão 2(1 <sup>os</sup> 45'), Pavilhão todo(2 <sup>os</sup> 45')		<b>Data:</b> 29/04/2011	<b>Hora:</b> 11:45h às 13:15h	Ano/Turma: 11 <sup>o</sup> TD1	Aula nº: 90/91		
Estagiária: M <sup>a</sup> Fátima Arromba António Monteiro		Prof. Orientador Cooperante: Vítor Barbosa		Prof. Orientador Universidade:			
<p><b>Conteúdos: Aeróbica</b> - (3<sup>a</sup>etapa - nível introdutório)</p> <p><b>Voleibol - matéria prioritária</b> (3<sup>a</sup>etapa - nível introdutório e elementar)</p> <p><b>Ginástica Acrobática</b> - (3<sup>a</sup>etapa - nível introdutório)</p> <p><b>Futebol</b> - (3<sup>a</sup>etapa - nível introdutório e elementar)</p>		<p><b>Material:</b> 2 apitos, 1 bola de Futebol, 1 bola de Voleibol, Aparelhagem sonora, CDs, 5 coletes, sinalizadores, colchões.</p>		<p><b>Objectivos Específicos: Aeróbica</b> – (PI) - Em situação de acompanhamento do professor deslocam-se percorrendo todas as direcções e sentidos, no ritmo e sequência dos apoios correspondentes aos Passos Básicos: Marcha (march); Passo e Toque (step-touch); Elevação do Joelho (knee lift); Passo Cruzado (grapevine); Passo em V (V step).</p> <p><b>Voleibol</b> - Em situação de jogo Serve por baixo ou por cima; Recebe o serviço em manchete ou com as duas mãos por cima;</p> <p><b>Ginástica Acrobática – (PI)</b> Em situação de exercício a par executar prancha facial, pino com apoio nas ancas e extensão a um pé na coxa do base.</p> <p><b>Futebol</b> – Desmarcação após passe ou sem bola (Introdutório e Elementar), com fintas e mudanças de direcção, criando linhas de passe na direcção da baliza (Elementar);</p>			
Tempo		Sequência de Tarefas/Objectivos Operacionais		Critérios de Êxito		Estratégias Organização/Grupos/Esquema	
TT 11:45h 11:50h  12:00h  12:30h	TP 5'  10'	<p>- Tempo de tolerância para os alunos se equiparem e chegarem ao pavilhão.</p> <p>Parte Inicial</p> <p>- Informações sobre os conteúdos e objectivos a trabalhar na aula.</p> <p><b>1. Mobilização geral</b> – Corrida contínua em volta do espaço delimitado de 5'. Aquecimento articular numa lógica de cima para baixo.</p> <p>Parte Principal</p> <p><b>2. 1<sup>a</sup> Estação – Voleibol a)</b> – Exercício critério de</p>		<p><b>1.</b> Preparar o organismo para a actividade física da aula.</p> <p><b>2. 1<sup>a</sup> Estação – Voleibol – a) Passe</b> - Pés largura dos ombros e orientados para o local de envio da bola; contacto com a bola à frente e acima da testa; só os dedos contactam com a bola; Flexão de braços e pernas. <b>Manchete</b> - Pernas flectidas e afastadas; completa extensão dos braços com as mãos</p>		<p>- Alunos de pé à frente do professor, numa das partes do campo.</p> <p>- Alunos 2 a 2 em fila à volta do campo; O aquecimento articular é realizado por um aluno, numa das partes do campo.</p> <p><b>Organização das Estações:</b> 1 Grupo de 10 e 1 grupo de 11 divididos</p>	

13:00h	30'	<p>remate, após passe de um colega e realização de bloco.  <b>Nota:</b> os alunos do nível introdutório realizam passe ou manchete. <b>b) - Jogo reduzido (5x5)</b>, onde se aplicam os gestos técnicos abordados anteriormente e em aulas anteriores - passe, manchete, remate, bloco, serviço por baixo (alunos do nível introdutório) e serviço por cima (alunos do nível elementar).  <b>2ª Estação – Aeróbica - a)</b> Em situação de acompanhamento do professor <b>no estilo livre</b> deslocam-se percorrendo todas as direcções e sentidos, no ritmo e sequência dos apoios correspondentes aos passos básicos: Marcha (march); Passo e Toque (step-touch); Elevação do Joelho (knee lift); Passo Cruzado (grapevine); Passo em V (V step); Passo em A (A step); <b>Agachamento (squat); Ponei. b)</b> Em acompanhamento do professor <b>no estilo coreografado</b>, idem os passos anteriores.</p>	<p>unidas; contactar a bola com os antebraços; estender as pernas no momento do contacto. <b>Remate</b> - corrida de três passos de balanços, chamada a dois pés e preparação do braço de remate. <b>Serviço</b> de modo a ser viável a recepção de bola por parte do colega de grupo. Boa leitura do movimento do serviço e da direcção da bola para melhor eficácia na manchete.  <b>Serviço por baixo - Serviço por cima.</b>  <b>b)</b> Todos os anteriores, excepto o serviço, onde será realizado com a intenção de dificultar a recepção por parte da equipa adversária.</p>	<p>pelos estádios. 1ª e 2ª estação a funcionar em simultâneo, na 1ª hora e 3ª e 4ª, na 2ª hora.  Esquema de Voleibol e Aeróbica: 5x5 + 11.</p> 
13:04h	30'	<p><b>3ª Estação -Ginástica Acrobática - a)Prancha Facial - O</b> base em posição de deitado dorsal com os membros superiores em elevação, segura o volante pela parte anterior das suas pernas que, em prancha facial, apoia as mãos na parte anterior das pernas do base, mantendo o corpo em extensão.</p>	<p><b>2ª Estação – Aeróbica – Apresentação</b> - manter uma atitude dinâmica, demonstrando autoconfiança e projecção visual.  <b>Técnica</b> - executar os movimentos com a máxima precisão e controlo mantendo uma postura e um alinhamento corporal correctos.  <b>Sincronismo:</b> executarem o mesmo movimento em simultâneo com os outros colegas e professor.</p>	<p>Esquema de Ginástica Acrobática e Futebol: 11 alunos, em grupos de 2 e 5x5.</p> 
13:05h		<p><b>b) Pino com apoio nas ancas</b> - O base sentado com pernas afastadas e estendidas, segura pelas ancas o volante que executa um pino, com apoio das mãos entre as coxas do base, mantendo o alinhamento dos segmentos.</p>	<p><b>3ª Estação -Ginástica Acrobática - a)</b> - Manter o corpo em prancha.  <b>b)-</b> Executar a posição com segmentos corporais alinhados, em</p>	
13:15h		<p><b>c) Extensão a um pé na coxa da base</b> - O base com um joelho no chão e a outra perna flectida suporta o volante que de costas, sobe para a sua coxa e se equilibra num dos pés. Utilização da</p>		<p><b>3.</b> Alunos individualmente numa das partes do campo de Voleibol.</p> 

	<p>4'</p> <p>1'</p> <p>10'</p>	<p>pega simples (apoio).</p>  <p><b>4ª Estação – Futebol - a) Jogo Reduzido de Futebol em meio campo</b> – joga-se de acordo com as regras de futebol de cinco. <b>b) Jogo de Futebol 5x5</b>, em campo inteiro. <b>Nota:</b> Os alunos do nível introdutório jogam sem marcação em “cima” e o golo dos mesmos vale dois pontos. Nota: A equipa em espera realiza exercícios de flexão de braços, abdominais, saltar à corda, extensões de membros inferiores com bola medicinal.</p> <p>Parte Final</p> <p><b>3. Exercícios de alongamento</b> – rotação do corpo para um lado e outro; alongamento dos membros superiores acima da cabeça e lados direito/esquerdo; à frente e à frente lados direito/esquerdo; alongamento dos membros inferiores com pernas afastadas e unidas;</p> <p><b>4. Reflexão</b> com os alunos sobre os conteúdos abordados na aula, através do questionamento e sobre as dificuldades sentidas pelos mesmos. Informações sobre os conteúdos a abordar na próxima aula.</p> <p>- Tempo de tolerância para os alunos tomarem banho.</p>	<p>extensão e equilíbrio.</p> <p>c)- Planta do pé bem apoiada no solo; Apoios colocados em triângulo; Realização da pega simples.</p> <p><b>4ª Estação</b> - Marcar o adversário que se encontra na zona de marcação; Desmarcar-se na direcção da baliza, criando linhas de passe; realizar uma boa leitura de jogo; passar ou conduzir a bola consoante a situação de jogo apresentada - conduzir a bola rapidamente e junto à parte interna do pé.</p> <p><b>3.</b> Realizar os exercícios o mais alongado e correctamente possível.</p> <p><b>4.</b> Escutar com atenção o professor, para retirar dúvidas.</p>	<p>4. Alunos de pé à frente do professor, numa das partes do campo de Voleibol.</p>
<p><b>Actividades alunos «dispensados»:</b> Distribuir material e organizar o mesmo à indicação do professor; arbitrarem os jogos de Futebol e Voleibol.</p>		<p><b>Observações/Grupos Nível:</b> Em todos os exercícios se privilegiará a homogeneidade dos grupos/equipas; Os grupos mantêm-se ao longo de toda a aula. <b>Grupo 1</b> (D, M, D, G, MN, <b>Grupo 2</b> (M, LG, RR, G, MR); <b>Grupo 3</b> – (A, A, C, RS, B, JS) <b>Grupo 4</b> – (F, A, F; MS, P);</p>		

# ANEXO V

Exemplo de reflexão crítica de uma aula

## Reflexão Crítica da Aula

No início da aula, realizou-se uma reflexão em conjunto com os alunos acerca das avaliações sumativas de final do 2º período, sendo justificadas todas as questões colocadas pelos alunos.

A presente aula decorreu como o planificado, porém com grupos mais reduzidos, pois faltaram alguns alunos à mesma. O trabalho por estações, onde foi colocado uma estação de uma das modalidades colectivas em simultâneo com uma das modalidades individuais, funcionou bem. No entanto notei que como estava a realizar a coreografia de Aeróbica com os alunos, fiquei com pouco espaço de manobra para dar feedbacks aos alunos que realizavam os exercícios de Voleibol, pois nesta aula não estava uma das alunas que me poderia ajudar nesta parte, embora me tenha colocado de frente para os mesmos, para não perder o controlo da turma. O mesmo aconteceu aquando da realização das modalidades de Acrobática e Futebol, em simultâneo, embora tenha sido tão incisivo, pois deu para acompanhar mais a modalidade de Futebol, sendo que os alunos também realizavam as ajudas na Ginástica Acrobática. Os alunos realizaram no entanto os exercícios, pois para além de terem entendido cada um deles, os mesmos já lhe eram familiares de outras aulas. Na modalidade de Aeróbica notou-se alguma desmotivação por parte de alguns alunos, pois não lhes agrada esta mesma modalidade. O trabalho desenvolvido por estações permitiu aperceber-me melhor das dificuldades de vários alunos, em termos de ritmo e coordenação, na modalidade anteriormente referida. No que se refere à modalidade de Ginástica Acrobática, embora os alunos apresentem algumas dificuldades, demonstraram o gosto pela mesma.

Os alunos foram divididos por níveis de desempenho, nas modalidades colectivas e na Acrobática, pois só desta forma os alunos poderão evoluir positivamente no seu desenvolvimento motor. Desta forma penso ter contribuído para o desenvolvimento dos alunos, trabalhando as várias modalidades de uma forma mais incisiva e com mais tempo de empenhamento motor. Coloquei ainda exercícios de Condição Física no decorrer da aula, para alguns alunos e no final da mesma para outros, para que estes alcancem a condição física desejável, de forma a atingirem a zona saudável, pois regressámos de interrupção da Páscoa à poucos dias e a condição física dos alunos pode estar com níveis mais baixos. Nesta aula os feedbacks ficaram condicionados ao desenvolvimento das modalidades individuais, que também precisavam de ser muito trabalhadas, pois estão num nível de desempenho motor inferior às restantes.

No final da aula foi realizada a reflexão final da mesma, onde os alunos e professor valoraram a aula.

Aspectos positivos: Grupos pequenos a trabalhar a mesma modalidade, que leva a maior tempo de empenhamento motor, mais feedbacks e melhor observação por parte do professor;  
Aula politemática, que leva a maior motivação por parte dos alunos e professor;

Clima positivo da aula;

Utilização de imagens na modalidade de Ginástica Acrobática, que levou a uma maior percepção do exercício;

Reflexão conjunta com os alunos sobre as avaliações do 2º período;

Aspectos negativos: Condicionamento dos feedbacks e rotatividade, nas modalidades colectivas, em benefício das modalidades individuais;

Desmotivação por parte de alguns alunos, na modalidade de Aeróbica.

# ANEXO VI

Grelha de observação do núcleo de estágio



## ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA

**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA 2010 / 2011**

### FICHA DE OBSERVAÇÃO / SUPERVISÃO

Observador:	Observado:
Data:	Turma:
	Matéria:
	Duração:

#### INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO PROFESSOR

CATEGORIA	COMPORTAMENTO	REGISTO	OBSERVAÇÕES
1 – Conteúdos da instrução inicial	Apresenta os objectivos		
	Relaciona-os com a aula anterior		
	Apresenta a tarefa		
	Apresenta as condições de realização		
	Apresenta os critérios de êxito		
2 – Gestão/organização da turma em prática	Utiliza um local de reunião adequado		
	Tem o material acessível e adequado		
	O número de episódios de organização é reduzido		
	A duração dos episódios de organização é reduzida		
	Controla e reforça a dinâmica nas transições e organização		
	Utiliza o espaço de forma racional		
	Garante a segurança dos alunos		
3 – Controlo activo da prática	Consegue manter uma visão geral da classe		
	Circula correctamente pelo espaço		
	Mantêm-se próximo dos alunos		
	Mantém constante a sua atenção à prática dos alunos		
	Interage positivamente com os alunos		
	Encoraja para a actividade		
4 – Conteúdo final da aula	Faz revisão dos conteúdos		
	Faz controlo das aprendizagens (questiona)		
	Solicita opinião		
	Motiva para a aula seguinte		
<b>Legenda:</b>			
	Raramente -1	Às vezes - 2	Sempre - 3

**ESCOLA SECUNDÁRIA ANDRÉ DE GOUVEIA****PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA 2010 / 2011****FICHA DE OBSERVAÇÃO / SUPERVISÃO**

Observador:

Observado:

Data:

Turma:

Matéria:

Duração:

**INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO DA QUALIDADE DA INSTRUÇÃO**

<b>CATEGORIA</b>	<b>COMPORTAMENTO</b>	<b>REGISTO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
1 – Qualidade das Prelecções	Comunica com clareza e economia		
	Usa terminologia adequada		
	A informação tem interesse		
	Reformula a informação		
	Domina a matéria		
	Utiliza meios gráficos auxiliares de forma clara e visíveis		
2 – Qualidade do Feedback	Dá FB de forma frequente		
	O FB é pertinente		
	O FB é de valor relativamente aos erros		
	Controla a compreensão da mensagem		
	Distribui FB equitativamente pelos alunos		
	Individualiza o FB		
	Completa ciclos de FB		
	Utiliza as várias dimensões do FB		
3 – Qualidade da Demonstração	O modelo é adequado		
	Os alunos estão bem posicionados		
	São identificadas as componentes críticas		
	Reforça positivamente o modelo		
	Controla a informação transmitida		
4 – Decisões Ajustamento	São pedagogicamente correctas e ajustadas às situações		
	Num imprevisto consegue ajustar com qualidade		

**INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO DO VALOR DA SESSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

<b>CATEGORIA</b>	<b>COMPORTAMENTO</b>	<b>REGISTO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
1 – Valor das actividades propostas	Estabelece uma relação correcta entre objectivo, conteúdo e meios		
	Existem alternâncias de esforço		
	Os exercícios são variados / relevantes		
	A duração de cada exercício é correcta		
	A duração e natureza das pausas são correctas		
	O grau de dificuldade dos exercícios é adequado		
	Os exercícios surgem numa progressão lógica		
2 – Avaliação global da aula	O plano de aula mostrou-se adequado		
	A duração relativa das partes da aula foi adequada		
	Os alunos valoraram a aula		
	O professor valorou a aula		
	A estrutura da aula maximiza o empenhamento motor		

Legenda:

Raramente - 1

Às vezes - 2

Sempre - 3

# ANEXO VII

Relatório Analítico da aula observada

**PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA 2010 / 2011**

Observador: Estagiária Fátima Arromba

Observado: Orientador Vítor Barbosa

Data: 12-02-2011

Turma: 3º PTT/3º PTG

Matéria: Corfebol

Duração: 90'

**Relatório Analítico da aula observada**

- A presente observação foi de encontro às minhas necessidades de formação visto nunca ter jogado Corfebol na minha vida escolar e nunca ter tido formação nesta área. Deste modo e após várias pesquisas de fontes escritas e orais, senti ainda necessidade de ver como funcionava uma aula desta modalidade, pois ainda me faltava perceber algumas regras e tomar conhecimento de jogos adaptados, para desenvolver a referida matéria.

- Os aspectos que foram relevantes para a minha aprendizagem foi a explicação das regras principais da modalidade, por parte do professor de forma sucinta, compreensível e com auxílio de desenhos escritos num quadro de giz. Faltava-me assimilar a regra dos alunos que defendem não poderem sair desse meio campo e dos alunos que atacam, da mesma equipa que se encontram no outro meio campo também não poderem sair dele e ainda a ocasião de marcação de falta para a penalidade.

Fiquei ainda a conhecer alguns jogos e exercícios critério de lançamento, assim como o jogo formal, que vi posto em prática, embora já tivesse visto via net, a percepção é diferente e neste caso melhor. Neste jogo final o professor incluiu uma regra nova para facilitar – à marcação de ponto, os elementos da equipa trocavam de funções. No entanto após dois pontos os alunos começaram a não saber qual a sua função, gerando confusão. Deste modo o professor alterou a regra e começou a trocar de campo à marcação de um ponto. Com esta situação conclui que é melhor trocar de campo e não de funções, para não confundir os alunos.

- Fiquei com a dúvida se à marcação de ponto a bola inicia do meio campo como nos outros desportos colectivos. Este facto fui posteriormente confirmar aos documentos que tenho sobre uma formação de professores da modalidade. Necessito ainda observar ou pesquisar diferentes jogos adaptados e reduzidos, assim como exercícios critério para desenvolver a referida modalidade. No entanto após a observação da aula em questão já me sinto preparada para iniciar o Corfebol com os meus alunos.

# ANEXO VIII

Quadro dos resultados dos testes de FitnessGram  
da turma de 11º ano

## Escola Secundária André de Gouveia

## Avaliação da Aptidão Física

Professor: Fátima Arromba

Ano lectivo:2010/11

Turma: 11ºTD1

				3º Período																			
				APTIDÃO FÍSICA																			
				Data 2ª medição	Estatura	Peso	idade	IMC	<i>vaivém</i>		<i>s. &amp; a. (E)</i>		<i>s. &amp; a. (D)</i>		Dorsais		<i>ext. braços</i>		<i>abdominais</i>		<i>Flex. Ombros</i>		Classificação
nome	SEXO	DN	volts						ZSAF ?	cm	ZSAF ?	cm	ZSAF ?	ZSAF ?	nº	ZSAF ?	nº	ZSAF ?	nº	ZSAF ?	nº	ZSAF ?	
1	2	09-05-1993	16 e 20-05	1,52	64,8	18,00	28,00	48	Sim	26	Não	24	Não	Não	30	Sim	13	Sim	30	Sim	1	Não	Sucesso
2	1	01-03-1992	16 e 20-05	1,71	59,4	19,00	20,30	104	Acima	25	Sim	32	Sim	Sim	30	Sim	36	Acima	84	Acima	2	Sim	Sucesso
4	2	23-09-1989	16 e 20-05	1,64	56,0	21,00	20,10	22	Não	20	Não	18	Não	Não	30	Sim	2	Não	19	Sim	2	Sim	Sucesso
5	1	04-10-1994	16 e 20-05	166,00	63,1	16,00	22,90	86	Sim	18	Não	19	Não	Não	29	Sim	25	Sim	84	Acima	1	Não	Sucesso
6	2	13-08-1994	16 e 20-05	150,00	49,9	16,00	22,20	33	Não	32	Sim	31	Sim	Sim	30	Sim	8	Sim	84	Acima	2	Sim	Sucesso
7	1	27-01-1992	16 e 20-05	1,67	63,5	19,00	22,80	92	Sim	24	Sim	25	Sim	Sim	30	Sim	19	Sim	39	Sim	1	Não	Sucesso
9	1	09-07-1993	16 e 20-05	1,72	61,8	17,00	20,90	96	Acima	29	Sim	30	Sim	Sim	30	Sim	27	Sim	45	Sim	0	Não	Sucesso
10	1	20-11-1993	16 e 20-05	1,67	50,2	17,00	18,00	95	Acima	42	Sim	39	Sim	Sim	30	Sim	37	Acima	66	Acima	2	Sim	Sucesso
11	1	09-10-1993	16 e 20-05	1,83	76,4	17,00	22,80	80	Sim	30	Sim	29	Sim	Sim	30	Sim	18	Sim	35	Sim	2	Sim	Sucesso
12	1	23-03-1994	16 e 20-05	1,73	67,7	17,00	22,50	113	Acima	36	Sim	36	Sim	Sim	30	Sim	14	Não	82	Acima	2	Sim	Sucesso
13	1	13-06-1994	16 e 20-05	171,00	86,6	16,00	29,60	61	Sim	36	Sim	29	Sim	Sim	30	Sim		?	?	?	1	Não	Sucesso
14	1	11-12-1992	16 e 20-05	1,74	74,0	18,00	24,44	62	Sim	28	Sim	30	Sim	Sim	30	Sim	21	Sim	45	Sim	2	Sim	Sucesso
16	1	01-07-1992	16 e 20-05	1,65	62,1	18,00	22,80	63	Sim	36	Sim	37	Sim	Sim	28	Sim	15	Não	70	Acima	2	Sim	Sucesso
17	1	15-06-1992	16 e 20-05	1,68	69,3	18,00	24,60	109	Acima	35	Sim	37	Sim	Sim	30	Sim	20	Sim	82	Acima	1	Não	Sucesso

18	1	14-06-1990	16 e 20-05	1,75	75,0	20,00	24,49	66	Sim	18	Não	19	Não	Não	30	Sim	30	Sim	44	Sim	1	Não	Sucesso
19	1	29-03-1992	16 e 20-05	1,57	55,5	19,00	22,50	61	Sim	30	Sim	31	Sim	Sim	30	Sim	21	Sim	25	Sim	2	Sim	Sucesso
20	1	25-08-1994	16 e 20-05	1,65	60,3	16	22,1	43	Não	15	Não	26	Sim	Não	30	Sim	8	Sim	20	Não	2	Sim	Sucesso
21	1	12-02-1994	16 e 20-05	1,71	66,2	17	22,5	86	Sim	29	Sim	31	Sim	Sim	27	Sim	21	Sim	70	Acima	1	Não	Sucesso
23	1	Nov-91	16 e 20-05																				
24	1	05-09-1992	16 e 20-05	1,83	58,7	18	17,5	40	Não	30	Sim	30	Sim	Sim	24	Sim	?	?	?	?	2	Sim	Sucesso
25	1	12-12-1993	16 e 20-05	1,69	61,3	17	21,5	97	Acima	39	Sim	41	Sim	Sim	30	Não	12	Não	50	Acima	2	Sim	Sucesso

# ANEXO IX

Exemplo de uma ficha de Avaliação Inicial de uma modalidade



# ANEXO X

Exemplo de uma ficha de Avaliação Formativa de uma modalidade

11º Ano		Ficha de Avaliação Formativa – Andebol			4ª Etapa	
Competências		Passe	Recepção	Drible	Remate em Suspensão	Comportamento em situação de Jogo
Nº	Nome					
1	A1	S	F	N	F	F
2	A2	S	S	F	F	F
4	A3	F	F	N	F	N
5	B	S	S	S	S	S
6	C	S	F	N	F	N
7	D1	S	S	S	S	S
9	D2	S	S	S	S	S
10	F1	S	F	F	F	F
11	F2	S	S	S	S	S
12	G1	S	S	S	S	S
13	G2	S	S	S	S	S
14	J	F	F	F	F	F
16	L	S	S	S	S	S
17	M1	S	S	S	S	S
18	M2	S	S	S	S	S
19	M3	S	S	S	F	F
20	M4	S	S	S	S	S
21	M5	S	S	S	S	S
23	P	S	S	S	S	S
24	R1	S	S	S	S	S
25	R2	S	S	S	S	S

**Legenda:** N – Nunca /Raramente; F– Com Frequência; S – Quase Sempre/Sempre;

Nota: As competências avaliadas por aluno serão as trabalhadas nos objectivos intermédios, até ao final do 3º período e final da 4ª etapa, por nível. \* as cores nos nomes dos alunos são o nível em que cada um se encontra na referida modalidade (Vermelho -NI; Verde - I; laranja - E; Amarelo-A).

# ANEXO XI

Quadro dos objetivos alcançados por etapa de uma modalidade

	Matéria	2º Etapa / Objectivos 1	3º Etapa / Objectivos 2	4º Etapa / Objectivos 3
Jogos Desportivos Colectivos	Futebol	<p>(NÍVEL PI) Jogo 3+G.R x 3+G.R: <b>1-</b> Ataque; <b>1.1-</b> Recepção e Enquadramento Ofensivo; <b>1.2-</b> Rematar sem oposição e baliza ao alcance; <b>1.2.1-</b> Pontapear a bola parado ou em movimento com a parte interna e externa do pé; <b>1.2.2-</b> manter a bola no ar com toques de sustentação; <b>1.2.3-</b> Cabecear a bola com a testa. <b>1.3-</b> Sem 1.2: Passar a companheiro; <b>1.4-</b> Sem 1.2./1.3: Conduzir a bola na direcção da baliza, para Remate ou Passe;</p> <p>Realiza em Situação de Exercício: Passe-Recepção, Condução-Passe, Condução-Remate, Recepção-Condução-Remate.</p>	<p><b>1.5-</b> (NÍVEL I) Desmarcação após passe ou sem bola; <b>1.6-</b> Aclarar; <b>2-</b> G.R;</p> <p>Realiza em Situação de Exercício: Passe-Desmarcação, Passe-Desmarcação-Recepção e Desmarcação sem bola.</p>	<p><b>2.1-</b> (NÍVEL I/PE) Enquadramento com a bola (impedir Golo); <b>3-</b> Defesa: Marcar adversário directo; <b>3.1-</b> Marcar à zona; <b>3.2-</b> Passar a jogador desmarcado.</p> <p><b>Realiza em Situação de Exercício:</b> Deslocamentos/Posicionamento associados à Marcação; Jogo adaptado com superioridade numérica do ataque.</p>

Jogos Desportivos Colectivos	Matéria	2º Etapa / Objectivos 4	3º Etapa / Objectivos 5	4º Etapa / Objectivos 6
	Futebol	<p>(NÍVEL PE) <b>1-</b> Cooperar, aceitar/tomar decisões arbitragem e conhecer principais acções/regras; <b>2-</b> Jogo 3+G.R.x3+G.R: <b>2.1-</b> Ataque; <b>2.1.1-</b> Recepção e Enquadramento Ofensivo; <b>2.1.2-</b> Rematar com oposição com baliza ao alcance; <b>2.1.3-</b> Sem 2.1.2: Passar a companheiro em desmarcação para a baliza, ou em apoio; <b>2.1.4-</b> Sem 2.1.2./2.1.3: Conduzir a bola em progressão/penetração, para Remate ou Passe;</p> <p><b>Realiza no Jogo e em Exercício:</b> Passe-Recepção, Condução-Passe, Controlo de Bola, Condução-Remate, Recepção-Condução-Remate.</p>	<p>(NÍVEL E-) <b>1-</b> Cooperar, aceitar/tomar decisões arbitragem e conhecer principais acções/regras; <b>2-</b> Jogo 6+G.R x 6+G.R: <b>2.1.5-</b> Desmarcação após passe ou sem bola, com fintas e mudanças de direcção, criando linhas de passe na direcção da baliza ou de apoio, com largura e profundidade do ataque; <b>2.1.6-</b> Aclarar perante penetração do jogador com bola e/ou dos companheiros em desmarcação para a baliza; <b>3-</b> G.R:</p> <p><b>Realiza no Jogo e em Exercício:</b> Desmarcação, Passe-Desmarcação-Recepção e Desmarcação sem bola; Drible-Fintas-Mudanças de direcção.</p>	<p>(NÍVEL E/PA) <b>1-</b> Cooperar, aceitar/tomar decisões arbitragem e conhecer principais acções/regras; <b>2-</b> Jogo 6+G.R x 6+G.R: <b>3.1-</b> Enquadramento com a bola (impedir Golo); <b>4-</b> Defesa: Marcar adversário directo e dificulta a acção ofensiva; <b>4.1-</b> Simula e/ou Finta, se necessário, para se libertar da marcação; <b>5-</b> Defesa: Marcar adversário à zona e dificulta a acção ofensiva; <b>5.1-</b> Simula e/ou Finta, se necessário, para se libertar da marcação; <b>5.2-</b> Passar a jogador desmarcado;</p> <p><b>Realiza no Jogo e em Exercício:</b> Deslocamentos/Posicionamento associados à Marcação; Drible-Fintas-Mudanças de direcção; E ocupação racional no espaço quer em situação de ataque quer em situação de defesa.</p>

# ANEXO XII

Ficha/Grelha de Avaliação Formativa/Sumativa das Atitudes e Valores

3º Período/4ª Etapa		Avaliações I(Ins), S(Sati), B(Bom)				
Turma: 11º Ano		Interesse/Participação	Comportamento	Assiduidade	Pontualidade	Aproveitamento
Nº	Nome					
1	A1	B	B	B	B	B
2	A2	S	I	B	S	S
4	A3	S	B	S	B	B
5	B	B	B	B	B	B
6	C	S	B	S	B	B
7	D1	I	I	I	S	I
9	D2	B	B	B	B	B
10	F1	B	B	B	B	B
11	F2	B	B	B	S	B
12	G1	B	I	S	B	S
13	G2	S	I	S	B	S
14	J	B	B	S	S	B
16	L	B	B	I	S	S
17	M1	B	S	B	B	B
18	M2	B	B	I	S	S
19	M3	B	S	B	S	B
20	M4	B	B	B	B	B
21	M5	B	B	B	B	B
23	P	-	-	-	-	-
24	R1	S	S	I	B	S
25	R2	B	S	S	B	B

# ANEXO XIII

Ficha/Grelha de Auto-Avaliação



# ANEXO XIV

Guião de entrevista do Trabalho de investigação

## GUIÃO DA ENTREVISTA

AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE Á INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE NAS SUAS AULAS”

### ENTREVISTA

Número ( ) Data ( ) Escola ( )

Identificação/recolha de dados dos Professores entrevistados

#### **I - Dados de identificação**

Nome:

Idade:

Sexo: (F) (M)

Anos de Serviço:

#### **II - Formação:**

Curso Superior: ( )

Pós-Graduação ( )

Mestrado ( )

Doutoramento ( )

Formação Específica em NEE ( )

#### **III - Experiência com a inclusão de alunos com NEE**

Que tipo de experiências teve/trabalhou (caso/tipo)?

Em que contexto(s)?

Durante quanto tempo?

Considera essa formação suficiente?

“AS PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE Á INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE NAS SUAS AULAS”

## GUIÃO DE ENTREVISTA

## **DIMENSÃO I: ESCOLA INCLUSIVA**

### **Tema - Percepção de Escola Inclusiva**

#### **Questão:**

1. Para si o que é uma escola inclusiva?

## **DIMENSÃO II: PAPEL/CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **Tema - Práticas de Ensino**

#### **Questões:**

1. O que faz no contexto da sua aula com alunos com NEE para que ela seja inclusiva / que práticas de ensino promove neste sentido?
2. A inclusão dos alunos com NEE nas aulas traduz-se em exigência e esforços adicionais para o professor? Porquê?

(Trabalho acrescido na planificação / leccionação das aulas com NEE)

3. Em que medida considera que a Educação Física, enquanto disciplina escolar poderá contribuir para a inclusão de alunos com NEE?

### **Tema - Suporte ao Professor**

#### **Questões:**

1. Existe alguém que trabalhe consigo no sentido de o apoiar para que a sua aula seja inclusiva? (apoios específicos, materiais, equipas de suporte, projectos, actividades, etc).

- Se sim, quem? Como funciona? Quais os apoios?

- Se não, considera que deveria existir?

### **Tema – Crenças de Auto-Eficácia**

#### **Questão:**

1. Em que medida considera que as suas acções podem contribuir para alterar as competências dos alunos em contexto inclusivo?

## **DIMENSÃO III: BARREIRAS FÍSICAS E RECURSOS**

### **Tema - Obstáculos**

#### **Questão:**

1. Quais são os principais obstáculos que encontra numa aula de Educação Física com alunos com NEE?

Tema – Recursos

**Questão:**

1. Quais são os principais recursos existentes para a promoção de uma aula de Educação Física com alunos com NEE?

Tema – Benefícios

**Questão:**

1. Quais os principais benefícios ou mais-valias que as suas aulas com alunos NEE poderão ter?

Adaptado de “Projecto IRIS” Janeiro 2007. Universidade de Évora